

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM ESTUDOS DE  
LINGUAGENS**

**ADRIELLY FERREIRA VILELA**

**ENTRE FRONTEIRAS E BALAIOS:  
a literatura bugresca de Hélio Serejo**

**CAMPO GRANDE – MS  
AGOSTO/2017**

**ADRIELLY FERREIRA VILELA**

**ENTRE FRONTEIRAS E BALAIOS:  
a literatura bugresca de Hélio Serejo**

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob a orientação do Prof. Dr. Edgar César Nolasco.  
Área de concentração: Teoria Literária e Estudos Comparados.

**CAMPO GRANDE – MS  
AGOSTO/2017**

**ADRIELLY FERREIRA VILELA**

ENTRE FRONTEIRAS E BALAIOS:  
a literatura bugresca de Hélio Serejo

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof. Dr. Edgar César Nolasco (Orientador / Presidente)  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – PPGMEL/UFMS

---

Profa. Dra. Vânia Maria Lescano Guerra  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

---

Prof. Dr. Marcos Antônio de Oliveira  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – AC/UEMS

---

Profa. Dra. Angela Maria Guida (Suplente)  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – PPGMEL/UFMS

---

Profa. Dra. Damaris Pereira Santana Lima (Suplente)  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Letras/UFMS

## AGRADECIMENTOS

À minha doce e amada avó, D. Bibica, que me ensinou tudo. Obrigada por todo amor, carinho e dedicação. Na tentativa de retribuir à altura, este trabalho é inteiramente dedicado à senhora. À minha avó Cida, que sempre me encantou com as histórias da nossa família, que não por acaso são muito parecidas com as escritas por Serejo. Obrigada pelas doces conversas, e pelo coração sempre aberto. Ao meu orientador, Edgar, que me proporcionou o privilégio de conhecer e me apaixonar pela obra de Hélio Serejo, pela teoria pós-colonial, pela crítica-biográfica e pela crítica-biográfica fronteiriça. Obrigada professor Edgar por me ensinar a aprender a desaprender e enxergar a teoria de uma forma outra, graças ao senhor minha visão de certo e errado, dentro e fora, eixo e fora do eixo, centro e periferia jamais será a mesma. Ao meu grande amigo, Edu, que carrego sempre no coração. A todos do Núcleo de Estudos Culturais Comparados, que como boa equipe de intelectuais me ajudou a entender melhor as teorias, mas também a descontraír em momentos de tensão psicológica. À minha mãe e ao meu pai que de alguma forma contribuíram para que eu fosse apta aos estudos e sensível aos costumes da terra. Ao Gabriel que com sua inteligência e perspicácia me deu forças para chegar até aqui. Obrigada pela paciência, carinho e palavras de conforto e esclarecimento. A toda minha família, que pude facilmente ver representada na obra de Hélio Serejo, família tipicamente sul-mato-grossense, pantaneira, fronteiriça, descolonizada mesmo sem ter conhecido a teoria pós-colonial ou nada parecido. A todos que fazem parte da minha vida e contribuíram para ser quem sou e como sou neste velho oeste brasileiro. Tudo isso formou meu *bios* e me ajudou a desenvolver minhas sensibilidades biográficas e que me possibilitaram, assim, pensar a partir de meu lócus de enunciação. Este pensamento, ao qual posso chamar de “pensamento fronteiriço” está agora impresso aqui, através de minha leitura e construção crítica da obra de Serejo, que contribuiu e continuará contribuindo para a exumação de nossas histórias locais. Guardo tudo e todos dentro do meu coração, selvagem, a partir de agora.

**RESUMO:** O trabalho se baseia em uma discussão pautada a partir de três noções presentes na obra do escritor sul-mato-grossense Hélio Serejo: fronteira, paisagem e crioulisto. A pesquisa se debruçará por toda a bibliografia do autor, privilegiando as ideias de fronteira, crioulisto e paisagem, com destaque para as obras: *Contos Crioulos* (1997), *Balaio de Bugre* (sd), *Versos da Madrugada* (sd), *Contas do meu rosário* (sd), *Zé Fornalha* (sd), *Campeiro da minha terra* (1978), *Ronda do entardecer* (1995) e *7 contos e uma potoca* (1978). As três noções serão trabalhadas a partir dos estudos teóricos pós-coloniais propostos pelo trabalho do crítico Walter Mignolo, entre outros, do qual me valerei para embasar a pesquisa, além dos pressupostos da crítica biográfica fronteira de Edgar Cézár Nolasco, desenvolvida a partir dos estudos pós-coloniais, e também a partir da crítica biográfica estudada principalmente pela intelectual Eneida Maria de Souza, que também se faz presente em minha proposta, em que será considerado o *bios* do sujeito, neste caso, o escritor Hélio Serejo. De uma forma geral, a proposta centrada nas três ideias base, fronteira, crioulisto e paisagem, delineia uma ordem biolocal, formada por três capítulos: O primeiro tratará da fronteira, ou seja, sua discussão principal é o *lócus*. O segundo tratará do crioulisto, compondo assim a parte referente ao *bios*. Por fim, o terceiro capítulo abordará a ideia de paisagem, propondo uma reflexão a partir da vida e obra do escritor. A fronteira é pensada tanto no seu sentido físico quanto conceitual de base epistemológica; o crioulisto será discutido principalmente a partir de uma visada descolonial; a paisagem será trabalhada também a partir dos pressupostos da crítica pós-colonial, dos estudos de sensibilidades biográficas e paisagens biográficas do crítico Nolasco, bem como da própria noção de paisagem e sensibilidades locais, por Mignolo. Enfim, as três proposições elencadas na obra de Serejo serão articuladas com base no referencial teórico de ordem biográfico pós-colonial.

**Palavras-chave:** Hélio Serejo; *bios*; *lócus*; fronteira, crioulisto; paisagem.

**ABSTRACT:** This work is based on a discussion based on three notions that make part of the writer Hélio Serejo work: frontier, landscape and creoleism. The research will focus on the whole bibliography of the author, favoring the ideas of frontier, creoleism and landscape, with emphasis on the works: *Contos Crioulos* (1997), *Balaio de Bugre* (sd), *Versos da Madrugada* (sd), *Contas do meu Rosário* (sd), *Zé Fornaça* (sd), *Campeiro da minha terra* (1978), *Ronda Noturna* (1995) and *7 contos e uma potoca* (1978). The three concepts will be worked out of the post-colonial theoretical studies proposed by the work of the critic Walter Mignolo, among others, which I will use to support the research, in addition to the assumptions Edgar C zar Nolasco's biographical criticism, developed from the Postcolonial studies, and also from the biographical critique studied mainly by the intellectual Eneida Maria de Souza, who is also present in my proposal, which will be considered the *bios* of the subject, in this case, the writer H lio Serejo. In general, the proposal focusing on the three basic ideas, frontier, creoleism and landscape, delineates a biolocal order, formed by three chapters: The first will deal with the frontier, that is, its main discussion is the locus. The second will deal with Creolism, thus composing the part referring to bios. Lastly, the third chapter will address the landscape idea, proposing a reflection from the life and work of the writer. The border is thought both in its physical sense and in its conceptual epistemological basis; Criolism will be discussed primarily from a decolonial visa; The landscape will also be worked from the assumptions of postcolonial criticism, of biographical and biographical landscapes of the critic Nolasco, as well as the very notion of landscape and local sensitivities, by Mignolo. Finally, the three propositions listed in the Serejo will be articulated based on the theoretical reference of biographical order post-colonial.

**Key-words:** H lio Serejo, *bios*, locus, frontier, creoleism, landscape.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO – ABRINDO O BALAIO DE BUGRE: por uma epistemologia fronteiriça.....</b>	<b>7</b>
<b>CAPÍTULO I – HÉLIO SEREJO: o escritor da fronteira-sul .....</b>	<b>15</b>
1.1. FRONTEIRA/CRIOULISMO/PAISAGEM .....	16
1.1.1. Fronteira .....	25
1.1.2. Diferença colonial .....	39
1.1.3. Pensamento fronteiriço .....	55
<b>CAPÍTULO II – CRÍTICA BIOGRÁFICA CRIOULA.....</b>	<b>67</b>
2.1. Histórias crioulas locais.....	68
2.1.1. Memórias subalternas: arquivo.....	86
2.2. Figuras nativas: ervateiro, bugre, andariego .....	96
<b>CAPÍTULO III – PAISAGENS BIOGRÁFICAS FRONTEIRIÇAS .....</b>	<b>105</b>
3.1. Paisagens crioulas .....	110
3.2. Paisagens e estéticas descoloniais.....	118
3.3. Paisagens da conversa e paisagens bugrescas .....	125
<b>CONCLUSÃO – BUSCANDO BALAIOS OUTROS .....</b>	<b>138</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>141</b>

**INTRODUÇÃO –**  
**ABRINDO O BALAIO DE BUGRE:**  
**por uma epistemologia fronteiriça**

É o Urutau que soluça  
Nos angicos da restinga;  
É a gaita que choraminga  
No corcovear nas “vaneras”  
Mostrando as duas “hileras”  
Como dois trilhos carpidos  
Onde os dedos encardidos  
Vivem correndo carreiras.

SEREJO. *Balaio de bugre*, p. 26.

A crítica na fronteira, assim como a vida, é concebida e *experimentada em e de perspectiva diferente*: por sua condição de fora do eixo, por seu lócus geostórico cultural, por sua condição de transfronteiridade, está condenada a transculturar tudo o que recebe (hospeda) da crítica do centro, ou da de fora.

NOLASCO. *Perto do coração selbage da crítica fronteriza*, p. 56.

Para abrir o balaio de bugre tão caro ao escritor Hélio Serejo, primeiro tenho que abrir um pouco do balaio do meu *bios* [vida]. Isso porque tenho a consciência de que minhas vivências e o lugar de onde vivo formam tudo o que sou. Desse modo, abro o baleio e retiro dele alguns aspectos, pois não é possível tirar tudo, haja vista a quantidade imensa de coisas, memórias e histórias locais ali guardadas, tal como é o balaio de bugre de Serejo. Por essa razão, uma a uma – dentre as escolhidas, eu retiro minhas memórias que me ajudam a produzir a minha teorização, pois assim como na fronteira é também na vida, conforme expus na epígrafe que abre o capítulo e esta seção.

Morei até aos quinze anos de idade na cidade de Camapuã, no interior do estado, onde nasci. Cidade pequena e pacata, mas, assim como normalmente ocorre em toda essa região fronteira, é um local por onde passam muitas pessoas. É um local de passagem onde muitos chegam e se vão, mas poucos ficam.

Camapuã é como as pousadas e os lugares por onde o poeta ervateiro passou durante suas andanças por esse velho oeste brasileiro. Pode ter sido o próprio autor um dos transeuntes que por lá passou. E foi em uma de suas andanças em uma dessas “pousadas incômodas”<sup>1</sup>, que Serejo notou “um balaio velho feito de lâminas de taquara”<sup>2</sup>, era o balaio do “bugre mazoro”<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> SEREJO. *Balaio de Bugre*, p. 05.

<sup>2</sup> SEREJO. *Balaio de Bugre*, p. 05.

<sup>3</sup> SEREJO. *Balaio de Bugre*, p. 05.

Para o bugre, o balaio tem “estima imensa”<sup>4</sup>. Considerando os objetos contidos no balaio, sua grande importância, e levando em conta que o arquivo<sup>5</sup> guarda em si a noção de memória, de acordo com Derrida, resolvi tomar por arquivo este balaio e retirar dele todos esses objetos subalternos.

A respeito dessa vivência subalterna, em *Perto do coração selbage da crítica fronteriza* (2013), Edgar César Nolasco discute um traço subalternista que ainda persiste na crítica brasileira. Para realizar essa tarefa, o autor se vale de uma passagem de John Beverley, presente no livro *Subalternidad y representación* (2004), na qual “[...] a ideia de subalternidade está diretamente inter-relacionada ao Sul enquanto uma parte da Europa”<sup>6</sup>.

Também se discute a importância da conceituação melhor delimitada do que se entende por subalterno, delimitação essa que precisa ser específica no sentido territorial, sobretudo porque a minha discussão crítica é atravessada pela minha condição fronteiriça e pela do escritor Hélio Serejo.

Quando Beverley diz que “[...] a ideia de subalternidade está diretamente inter-relacionada ao Sul”, deixa claro que a noção de subalternidade surge com a colonização, dominação e exploração dos povos das regiões que viveram em situação colonial, como é o caso de toda a América Latina. O estudioso chama atenção para o fato de que “[...] apontar um lugar, delimitar um espaço para o subalterno é o começo de uma estratégia crítica”<sup>7</sup>.

Nesse mesmo sentido, Nolasco se vale também dos postulados discutidos pelo escritor e crítico uruguaio Hugo Achugar, que trabalha a ideia “Nosso Norte é o Sul”, no capítulo de mesmo nome, do livro *Planetas sem boca* (2006). A ideia advém

---

<sup>4</sup> SEREJO. *Balaio de Bugre*, p. 05.

<sup>5</sup> A noção de arquivo será desenvolvida no Capítulo II.

<sup>6</sup> NOLASCO. *Perto do coração selbage da crítica fronteriza*, p. 21-22.

<sup>7</sup> NOLASCO. *Perto do coração selbage da crítica fronteriza*, p. 22.

de uma outra passagem do artista Joaquim Torres García, bem como de seu desenho em que se vê o mapa da América do Sul invertido, tornando o Norte, Sul, e o Sul, Norte:

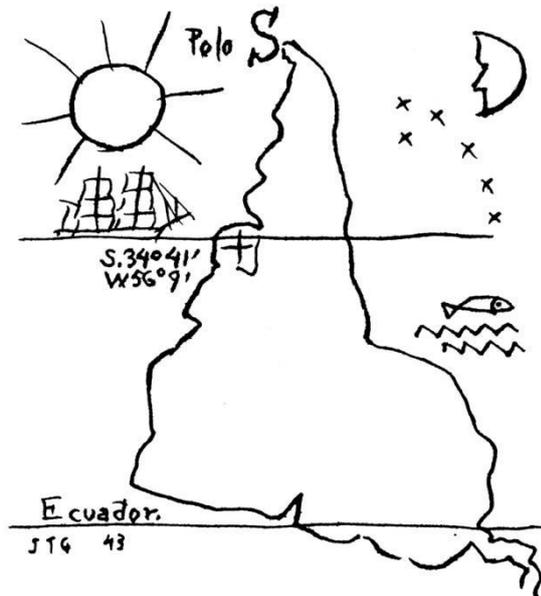


Figura 1: Ilustração de Joaquim Torres García para o ensaio “La Escuela del Sur”, 1936.<sup>8</sup>  
 Fonte: GARCÍA *apud* NOLASCO. *Perto do coração selvagem da crítica fronteiriza*, p. 24.

Desse modo, ao discutir o conhecimento produzido ao sul do Equador, o prefácio de *Epistemologias do Sul* (2010), livro organizado por Boaventura de Sousa Santos e Maria Paula Meneses, inicia-se com as seguintes perguntas:

Por que razão, nos dois últimos séculos, dominou uma epistemologia que eliminou da reflexão epistemológica o contexto cultural e político da produção e reprodução do conhecimento? Quais foram as consequências de uma tal descontextualização? São hoje possíveis outras epistemologias?<sup>9</sup>

É a partir dessa ideia e dessa imagem/paisagem aqui contornada que minha proposta centra-se, tendo como base para a discussão a obra do escritor sul-mato-grossense Hélio Serejo. Esse pensamento perpassa pela opção descolonial (Mignolo, 2003), ou seja, opta por uma nova epistemologia e pensa o meu lócus

<sup>8</sup> Imagem retirada do livro *Perto do coração selvagem da crítica fronteiriza*, p. 24.

<sup>9</sup> SANTOS. *Epistemologias do sul*, p. 7.

geoistórico a partir de uma nova visão e de um novo pensamento não mais pautado pelas teorias vindas de fora, teorias eurocêntricas.

Sendo assim, irei abrir o BALAIO DE BUGRE (SEREJO) para retirar de dentro dele uma epistemologia outra que me permita pensar para além do que o conhecimento moderno ocidental pôde encampar, e pensar, agora, o lócus e o *bios* [a vida] dos sujeitos periféricos da fronteira-sul<sup>10</sup> de onde erijo meu discurso.

Para manter viva e reafirmar o que outrora Serejo já afirmou sobre a cultura local sul-mato-grossense, ao destacar todos os sujeitos representativos desse lócus geoistórico, revelando, assim, a paisagem que se desenha da fronteira, do estado de Mato Grosso do Sul, e dos povos que aqui vivem, formando, desse modo, a cultura local desse velho oeste brasileiro.

Esta pesquisa está assentada no recorte teórico dos estudos pós-coloniais e de crítica-biográfica, ou crítica-biográfica fronteiriça, como melhor se encaixa no contexto biolocal, a fronteira-sul, de onde penso e desenvolvo este trabalho. A pesquisa se fundamenta em uma discussão conceitual que compreende três noções que, de meu ponto de vista, se complementam, e são encontradas ao longo da obra serejoana: 1) fronteira; 2) crioulismo; e 3) paisagem.

A primeira ideia, a de fronteira, será trabalhada no primeiro capítulo enquanto um espaço geográfico – aqui compreende o estado de Mato Grosso do Sul (Brasil), bem como os países limítrofes Paraguai e Bolívia – mas é tomada também, e principalmente, no sentido epistemológico, como o trabalhado por Walter Mignolo,

---

<sup>10</sup> Uso o termo fronteira-sul do mesmo modo como o empregado por Nolasco em *Perto do coração selbage da crítica fronteriza*, isto é, a fronteira geográfica e epistemológica do estado de Mato Grosso do Sul com os países Paraguai e Bolívia, além de outras fronteiras internas, como a fronteira das línguas portuguesa, espanhola (castelhana) e guarani (indígena).

quando se refere ao pensamento fronteiriço<sup>11</sup> que vai além da borda limítrofe estipulada pela tradição moderna ocidental.

A obra de Hélio Serejo será estudada de uma forma geral durante todo o trabalho, buscando a presença das noções de fronteira, de crioulisto e de paisagem ao longo de todo o seu trabalho, com maior ênfase e destaque para os livros *Balaio de Bugre* (sd) e *Contos Crioulos* (1997).

A noção de fronteira será abordada tanto em seu sentido geográfico, Brasil/ Paraguai/ Bolívia, quanto em seu sentido epistemológico que surge a partir das experiências e vivências possibilitadas pelo contato que Serejo teve quando percorreu, trabalhou nos campos ervais e escreveu a partir de suas sensibilidades locais, possibilitando, assim, um pensamento fronteiriço (outro), assim como discute Nolasco:

Um local epistemológico específico dessa crítica selvagem que, se, por um lado, opõe-se à crítica pensada nos grandes eixos do país e do mundo, por outro lado, articula-se “a partir da situação na qual foram colocados” ou se encontram os sujeitos que vivem na condição de fronteira, como o brasiguai, o ervateiro, o pantaneiro, o indígena etc.<sup>12</sup>

Todos os sujeitos fronteiriços citados pelo crítico povoam a obra serejoana, pois habitam o lócus geográfico (e epistemológico) e delineiam o *bios* das figuras que formam essa cultura local específica da fronteira-sul, que abarca uma pluralidade de histórias locais.

O crioulisto, segunda ideia que discutirei – que também foi discutido por Serejo – se apresenta como uma noção em sua obra, tornando-se, por sua vez, um

---

<sup>11</sup> Elegi a noção de pensamento fronteiriço ao invés de pensamento liminar porque é o termo que melhor compreende o lócus de onde erijo meu pensamento. Não é uma escolha aleatória mas embasada no texto em castelhano da edição de *Historias locales/ Diseños globales* (que traduz o termo para o espanhol como *fronterizo* – tal como Edgar Nolasco grafa em seu livro – ao invés de liminar), e de uma conversa, por meio de uma rede social, com o autor do termo, que me disse ser a tradução brasileira – pensamento liminar – um equívoco (imprecisão) de tradução.

<sup>12</sup> NOLASCO. *Perto do coração selbagem da crítica fronteriza*, p. 70.

início para a sua compreensão: “Viví, intensamente, esses momentos, formadores todos do crioulisto embriagador.”<sup>13</sup>

Quando Serejo fala sobre o crioulisto, refere-se a ele como uma experiência única e própria do sujeito da fronteira, o sujeito que é marcado por sua diferença colonial (Mignolo, 2003)<sup>14</sup>, que está diretamente relacionada ao que, também, Walter Mignolo discute acerca da questão da crioulistização.

Para o crítico argentino, a crioulistização marca a diferença colonial, outra ideia sobre o qual me deterei aqui por estar de alguma forma preso à ideia de fronteira. Tais discussões teóricas me ajudarão a pensar na figura crioula presente na obra serejoana: um sujeito resultado da colonização, logo um sujeito pós-colonial, ou pós-ocidental como prefere Mignolo, ou fronteiro como prefiro, marcado por essa diferença colonial que representa não apenas os povos da fronteira-sul, mas dos povos de toda a América Latina.

A terceira e última noção faz referência à paisagem do cerrado e da fronteira-sul, tecida dentro da obra do escritor, assim como os indivíduos e locais por onde pessoas passam, param e se vão, e que formam a paisagem biográfica e fronteira do Mato Grosso do Sul.

Essa ideia também alude à paisagem fronteira que Nolasco chama de *sanguinolenta*, fazendo referência ao sol que se põe do lado da fronteira-sul do estado, deixando a paisagem com uma aparência cor sangue, bem como fazendo menção à violência que ocorre no local, sem deixar de aludir à cor da terra.

Nossa paisagem é sanguinolenta pelo sol que se põe do lado da fronteira-sul, pela cor da terra, pelo sangue derramado devido à violência que ocorre na tríplice

<sup>13</sup> SEREJO. *Contos Crioulos*, p. 35.

<sup>14</sup> Eu desenvolverei a ideia de diferença colonial com mais atenção em outro momento deste trabalho. Por ora, e para atender o sentido que quero transmitir, a noção pode ser entendida, *grosso modo*, como na perspectiva de Walter Mignolo: “As diferenças coloniais do planeta são a morada onde habita a epistemologia liminar [fronteira].” In: MIGNOLO. *Histórias locais/ Projetos globais*, p. 11.

fronteira Brasil/Paraguai/Bolívia, pelo sofrimento e árduo trabalho dos ervateiros, na época em que Serejo percorreu os campos ervais, e pela morte dos índios nas terras de latifúndios nos tempos atuais.

Desse modo, pretendo desenvolver a noção de paisagem sob um viés de *bios* e de *lócus*, ou melhor de *biolócus*. Valho-me aqui, principalmente, dos *Cadernos de Estudos Culturais*, periódico do NECC, em que muitos artigos sobre o tema foram publicados, e por serem em sua maioria pensados daqui, a partir da fronteira; bem como outros teóricos que desenvolvem estudos acerca da noção de paisagem, como Marcos Antônio Oliveira, e outros que forem pertinentes e me ajudarem a desenvolver melhor a minha proposta.

Por fim, farei as minhas considerações finais retomando as três ideias centrais que desenvolverei em cada capítulo a fim de continuar as minhas reflexões que foram abertas nesta “Introdução”, intitulada “ABRINDO O BALAIO DE BUGRE”. Como as discussões por mim traçadas serão de caráter fronteiro, subalterno e xucro, para citar Serejo, não há como fechar o balaio aberto, já que um dos objetivos do pensamento e da teorização fronteira é exumar as histórias locais.

Portanto, não poderei fechar uma parte da história de Mato Grosso do Sul que ficou muito tempo enterrada e silenciada pelos discursos eurocentrados, tipicamente modernos. Assim, não a história que contarei, mas uma história local dentre tantas outras em meio à pluriversalidade de discursos e de formas de se compreender o local de onde erijo a minha reflexão: a fronteira-sul.

**CAPÍTULO I –**  
**HÉLIO SEREJO:**  
**o escritor da fronteira-sul**

Destilamos a mesma fulgurância poética. Sentimos e vivemos, com toda pureza d'alma, os grandes instantes da sublime poesia, que brota do coração, sacudida, num repente, pela força imarcescível da amizade e do afeto crioulo.

SEREJO. *Balaio de Bugre*, p.07.

## 1.1. Fronteira/ Crioulismo/ Paisagem

A fronteira-sul de onde erijo meu discurso crítico, por simbolizar, ocidentalmente, o lugar em que o sol se põe, e metaforicamente espelhar a condição de crepúsculo oscilante sanguinolento, demanda a ascensão de uma epistemologia *fronteriza* específica que dê conta de refletir acerca desse lugar subalterno por excelência, rechaçando por conseguinte, quaisquer discursos críticos de natureza dualista, acadêmica e disciplinar, isto é, modernos.

NOLASCO. *Perto do coração selbage da crítica fronteriza*, p. 12.

Neste capítulo, proponho-me a fazer uma reflexão a partir de pressupostos teóricos de base pós-colonial/pós-ocidental, estudados principalmente pelo pesquisador argentino Walter Mignolo, tendo como estofa da discussão a obra do escritor sul-mato-grossense Hélio Serejo.

Sua epistemologia, conforme consta na epígrafe que abre este capítulo na página anterior, é baseada, sobretudo, na amizade e no afeto crioulo. E é partir desta epistemologia que vou construir a minha teorização crítica. Privilegiarei, no cerne da discussão, a fronteira, o crioulismo e a paisagem, ideias que a própria literatura serejoana me fornece, para ilustrar a discussão proposta.

Em sua obra, Serejo retratou o estado de Mato Grosso do Sul, suas paisagens, povos e cultura, mostrando a realidade da fronteira geográfica Brasil-Paraguai, a exemplo da produção da erva-mate, além de retratar a paisagem fronteiriça e o sertão/cerrado que está localizado na parte oeste do país.

Desse modo, me deterei em uma leitura crítica a partir da fronteira geográfica, mas também epistemológica (a fronteira conceitual, o pensamento fronteiriço que extrapola a borda que a epistemologia moderna ocidental pôde encampar, e me ajuda a pensar meu objeto), assim como as noções de crioulismo e de paisagem (sertaneja) pertinentes e presentes em sua produção. Para isso, me centrarei nos pressupostos conceituais como os de sensibilidades locais e de fronteira propostos

por Walter Mignolo, e também nas concepções de paisagens biográficas e de sensibilidades biográficas, propostas pelo professor e pesquisador Edgar César Nolasco, ambos inclinados para a razão pós-ocidental.

Sob o viés da “epistemologia fronteira” (ANZALDÚA), resalto aqui a importância de levar-se em consideração sempre o *locus enunciativo* no qual Serejo está inserido, pensando a partir da proposta de Mignolo, que traz em seu bojo teórico a discussão acerca do *locus* como parte primordial para a produção de conhecimento do sujeito, e como isso reflete diretamente no que e em como esse sujeito irá produzir.

O autor da epígrafe que dá início a este texto ilustra e situa o lugar de onde a teorização subalterna emerge. Demarcar o lugar de onde o crítico erige seu pensamento é importante na medida em que situa seu discurso e marca sua diferença colonial. Mignolo o situa a partir do diálogo que estabelece entre pensamento liminar e pós-colonialidade.

Aí, então, reside a diferença colonial, que, segundo o teórico, “[...] revela outras dimensões do complexo espaço/tempo para além da epistemologia ocidental, como notou Vine Deloria. Sua observação poderia encontrar eco fácil em todas as comunidades ameríndias na América do Sul”.<sup>15</sup> No meu entender o pensamento fronteiro reside na diferença colonial. Serejo foi um pensador fronteiro por vários motivos. A imagem poética ilustra parte dessa sua condição fronteira:

[...] a imagem do meu sertão  
 que no seu tranco tropeiro,  
 vara os campos sobranceiro,  
 picaneando o destino,  
 pela chuva ou sol-à-pino  
 estóico como um guerreiro...  
 Você é o rei das coxilhas,  
 índio gaudério, buenaço  
 de chapéu de barbicacho,  
 de pala de fleco longo,

---

<sup>15</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 135.

bombacha cor de porongo...  
 Sua vivenda é livro aberto,  
 cortando o chão do deserto...  
 Enforquilhado no arreio,  
 ajoujado à china amada.<sup>16</sup>

Serejo descreve o *locus* e o *bios* do sujeito fronteiriço e o faz não como um narrador que conta histórias e descreve povos de um determinado local; Serejo se insere e se mostra como sujeito fronteiriço que é e relata suas próprias histórias e experiências vividas. Desse modo, o escritor marca seu discurso a partir do lugar de onde este emerge: “Desejo, sinceramente, morrer como um xucro, com os olhos embaciados, voltados para essa paisagem.”<sup>17</sup>

Walter Mignolo propõe o diálogo entre o pensamento liminar e a pós-colonialidade/ocidentalidade, por meio da diferença colonial. O pensamento fronteiriço é como o próprio nome diz: o pensamento das margens; é importante pensar aqui em “fronteira”, “margem”, não apenas no sentido geográfico, mas, sim, no sentido epistemológico, ou seja, pensar para além do que o pensamento moderno não conseguiu encampar, a exterioridade.

Para mim, a ideia de exterioridade tem relação com aquilo que Zulma Palermo afirmou: “Colocar-se na exterioridade do pensamento da modernidade significa pensar por fora das categorias criadas e impostas pela epistemologia ocidental”.<sup>18</sup> Isso significa que a exterioridade, assim como a fronteira, não pode ser abordada apenas no sentido geográfico, deve-se discutir o seu sentido epistemológico também.

Apesar de trabalhar a fronteira em seu sentido epistemológico, não posso ignorar a fronteira geográfica, mais precisamente o *locus* geostórico que

<sup>16</sup> SEREJO. *Campeiro da minha terra*, p. 9.

<sup>17</sup> SEREJO. *Obras Completas*, p. 170-171.

<sup>18</sup> ‘Colocarse en la exterioridad del pensamiento de la modernidad, significa pensar por fuera de las categorías creadas e impuestas por la epistemologia occidental.’ PALERMO. *Desobediencia epistémica y opción decolonial*, p. 244.

compreende o estado de Mato Grosso do Sul e os respectivos países limítrofes Paraguai e Bolívia, pois esse é o meu *locus geohistórico*, de onde proponho pensar descolonialmente, especificamente ao trabalhar o escritor também fronteiriço sul-mato-grossense Hélio Serejo.

Nascido em Nioaque, interior do estado<sup>19</sup>, mais precisamente na Fazenda São João, no ano de 1912, o escritor conhecido por seu gênero memorialista, mesmo sem ter conhecido as teorias e os estudos pós-coloniais, também optou por um pensamento fronteiriço, um pensamento da fronteira não só geográfica, mas também epistemológica, uma vez que defendeu a noção de crioulismo, que será abordada no próximo capítulo.

O escritor descreveu também as histórias dos povos desse velho oeste brasileiro, retratou as histórias dos subalternos como o bugre, o vaqueiro, o ervateiro, ou mesmo o homem da fronteira, este *entre-lugar* (Santiago, 1971) cultural em que povos, culturas e línguas se misturam, se roçam sem se desfazerem por completo.

Serejo narrou histórias locais que fazem parte de suas experiências, e assim pode pensar a partir da fronteira por meio de suas experiências, que lhe possibilitaram a sensibilidade necessária para a emergência desse pensamento outro. Sobre as sensibilidades locais, Mignolo afirma que: “[...] não são essenciais e não estão inscritas no nascimento dos indivíduos, mas forma-se e transformam-se, criam-se e perdem-se, na família, na escola, no decorrer da vida [...]”<sup>20</sup>

O autor fronteiriço desenvolveu seu pensamento fronteiriço não simplesmente por ser um sujeito oriundo da fronteira, mas por suas vivências e experiências

---

<sup>19</sup> Eu mesma nasci no interior do Mato Grosso do Sul também, portanto partilho com Hélio Serejo essa exterioridade local e epistemológica.

<sup>20</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/ Projetos globais*, p. 264.

obtidas nesse lócus particular que é a fronteira-sul. Por privilegiar uma teoria que emirja de seu próprio lócus geoistórico específico, me detenho nos estudos pós-ocidentais para pensar melhor os termos e ideias relacionados ao meu objeto.

O termo “pós-colonial”, segundo Walter Mignolo, “[...] tem sido usado por críticos culturais imersos nas histórias locais da Comunidade Britânica e do colonialismo britânico”<sup>21</sup>. O autor de *Histórias locais/ Projetos globais* (2003) opta pelo termo pós-ocidental por considerá-lo mais satisfatório para tratar de questões geoistóricas na América Latina. Mignolo se preocupa também em distinguir os termos pós-colonialidade, de um lado, e pós-ocidentalismo, pós-colonialismo e pós-orientalismo de outro. Essas expressões possuem algo em comum: a diferença colonial:

A diferença colonial revela outras dimensões do complexo espaço/tempo para além da epistemologia ocidental como notou Vine Deloria. Sua observação poderia encontrar eco fácil em todas as comunidades ameríndias na América do Sul – uma das principais diferenças entre o cristianismo e as religiões ameríndias é aquela entre “tempo e espaço, tempo e lugares, entre uma história lembrada e um lugar sagrado”.<sup>22</sup>

Ainda segundo Mignolo, a diferença colonial “[...] funciona em duas direções: rearticulando as fronteiras internas ligadas aos conflitos imperiais e rearticulando as fronteiras externas atribuindo novos significados à diferença colonial”<sup>23</sup>. Nesse sentido, Mignolo define diferença colonial como: “[...] a classificação do planeta imaginário colonial/ moderno praticada pela colonialidade do poder, uma energia e um maquinário que transformam diferenças e valores.”<sup>24</sup> Estou propositalmente me detendo nessa ideia por entender que ela atravessa toda a discussão que proponho aqui.

---

<sup>21</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/ Projetos globais*, p. 135.

<sup>22</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/ Projetos globais*, p. 135.

<sup>23</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/ Projetos globais*, p. 80.

<sup>24</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/ Projetos globais*, p. 36-37.

Nolasco afirma que para entendermos pensamento fronteiriço precisamos entender a diferença colonial e ainda acrescenta que esta “[...] é exatamente aquilo que não foi contemplado pelo pensamento moderno”<sup>25</sup>. Penso que para meu trabalho a diferença colonial é importante na medida em que me ajuda a compreender as noções as quais proponho discutir e que estruturam esta dissertação, com destaque para o de crioulisto:

Comitiva de boiada na marcha candenciada, ribeirão cheio bufando, vento de inverno gelando... Argola... buçal... presilha... pá... travesseiro... rodilha... chilena... guampa de apoio, china, guaipeca... apoio... Como grande relicário você ajouja no peito [...].<sup>26</sup>

O sujeito que percorre o estado em comitiva, levando bois de um lugar para outro, com seu ritual próprio de trabalho, e seu modo de vida, me ajuda a compreender que o sujeito que nasce e vive nesse lócus geoistórico terá uma percepção de mundo diferente daquele sujeito que nasce e vive em outros *loci* geoistóricos culturais. Essa questão, entre outras, não pode ser ignorada, pois aí reside a diferença colonial.

Cada sujeito possui sua história local específica que não pode ser apagada por *projetos globais* (para fazer menção ao título do livro de Mignolo), como a colonialidade do poder. Considerar esses sujeitos e suas histórias locais específicas é o que vai levar Mignolo a preferir falar em pós-ocidentalismo – uma história da América Latina, erigida a partir da América Latina.

Levando em consideração o pós-ocidentalismo, retomo a ideia de crioulisto, que, em Serejo, é tudo aquilo que forma a paisagem local, seja o cerrado, os objetos utilizados pelos sujeitos fronteiriços, como o porongo, ou os próprios sujeitos periféricos como o ervateiro, o bugre e o andariego:

---

<sup>25</sup> NOLASCO. A (Des)ordem epistemológica do discurso fronteiriço, p. 50.

<sup>26</sup> SEREJO. *Campeiro da Minha Terra*, p. 24.

O velho pilão, o catre mal trançado, o arreio cacareco, o gamelão, o maroto chapéu carandá, o poncho descolorido, soltando fiapos, a forma de rapadura, o ferro de brasa para passar roupa, a mariquinha, corote, o painelão de ferro desbeijado, o porongo guardador de água, a caneca de latão, o resto de cobertor para se defender do frio, o sapatão de couro de anta e centenas de outros pertences são marcas indestrutíveis do crioulisto.<sup>27</sup>

Mignolo, ao tratar da crioulistização, deixa claro que esta ideia está ligada ao sentido do fim da pureza, seja cultural, linguística ou étnica dos povos ao redor do mundo. Por isso, acredito que esse pensamento de Mignolo se articula com o pensamento crioulo serejoano, pois, segundo o teórico:

O fim do sonho da nação sobre a unidade da língua e a pureza cultural correspondente questiona, por um lado, as confiantes atividades do conhecimento disciplinar ocidental vazado nas línguas hegemônicas da segunda modernidade; e, por outro, como insinua o pensar em línguas de Khatibi, revela o anacronismo dessa crença.<sup>28</sup>

Mignolo articula a noção de crioulistização com a ideia de globalização, ao afirmar que: “[...] a globalização é a dimensão dos projetos globais, enquanto a globalidade é articulada nas histórias locais. A globalidade revela as histórias locais em sua complexidade [...]”. Desse modo, afirmo que reside no crioulisto de Hélio Serejo a diferença colonial que traz um pensamento outro e explora histórias outrora esquecidas e que só podem ser recuperadas devido a pensadores fronteiriços como Serejo. A esse respeito, Mignolo menciona Édouard Glissant<sup>29</sup>, para dizer que:

[...] a crioulistização faculta a todos o arquipélago aberto da totalidade mundial (por exemplo, a globalidade). Vejo um sinal disso no fato de que certas comunidades oprimidas [...] são motivados a lutar contra essa opressão em nome de uma abertura, ou uma relação, de um entrelaçamento que poderia ser mais justo e mais equilibrado (Glissant, 1998: 6, 7).<sup>30</sup>

Assim, a literatura bugresca de Serejo é um exemplo da força e da resistência dos oprimidos e marginalizados da fronteira-sul que por si só trata-se de um lócus geostórico periférico, fora do eixo. A literatura bugresca é correlata ao balbucio teórico do qual fala Hugo Achugar, em *Planetas sem boca* (2006):

<sup>27</sup> SEREJO. *Contos Crioulos*, p. 145.

<sup>28</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 114.

<sup>29</sup> Intelectual nascido na Martinica, que contribuiu para o pensamento fronteiriço.

<sup>30</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 116.

Planetas sem boca, somos - os muitos outros e diversos outros - e, talvez, a tarefa que temos daqui por diante seja a de construir com orgulho nosso raro balbucio, nossos raros balbuciantes escritos ou nossas balbuciantes falas, por sermos nós mesmos, e não o que querem que sejamos.<sup>31</sup>

O crioulisto, a fronteira, e seus povos desenham a paisagem local que está delineada na obra do escritor, e isso só é possível em razão de o próprio escritor ser oriundo do lócus específico de onde emerge seu pensamento. Somente um escritor fronteiro possui as sensibilidades locais de um lócus fronteiro. Para Mignolo: “as políticas e sensibilidades de locais geoculturais reúnem teorias e agência humana de forma complementar.”<sup>32</sup>

Nolasco descreve e explica melhor como essa paisagem deve ser delineada e discutida aqui na fronteira-sul, já que é um pensador que desenvolve seu pensamento e discurso crítico a partir daqui, assim como Serejo. De acordo com Nolasco:

Para contornar as bordas das paisagens periféricas que se desenham na fronteira-Sul aqui em relevo é necessário, de início, que se leve em conta tanto a localização geostórica do lugar quanto as sensibilidades biográficas dos envolvidos, como as produções artístico-culturais, os sujeitos atravessados [...].<sup>33</sup>

Serejo afirmava ser um xucro; é um escritor e pensador que atua diretamente em seu lócus e pensa a partir dele. Atuante dessa paisagem periférica biográfica de seu lócus geostórico que é a fronteira. Serejo não apenas pensava a fronteira, mas fazia parte dela, estava atravessado por ela, vivia sua condição de transfronteiridade: “A ideia de transfronteiridade aqui é correlata à possibilidade de se pensar criticamente para além de qualquer dualidade, bem como a proposição de transcender a versão eurocêntrica da modernidade.”<sup>34</sup>

---

<sup>31</sup> ACHUGAR. *Planetas sem boca*, p. 23.

<sup>32</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 261.

<sup>33</sup> NOLASCO. *Perto do coração selbage da crítica fronteriza*, p. 96.

<sup>34</sup> NOLASCO. *Perto do coração selbage da crítica fronteriza*, p. 83.

A obra serejoana está atravessada pelo *bios* do escritor e marca também o lócus de onde ela é produzida, pois nela há marcas das sensibilidades locais, das paisagens periféricas que representam o lócus e também o *bios*, não apenas do próprio Hélio Serejo como dos sujeitos que habitam essa paisagem, como é o caso do bugre, como mostra esta passagem: “Hoje aqui, amanhã ali, íamos rompendo o sertão, tangidos pelo vento cruel de um destino sempre ingrato... Pernoitamos, muitas vezes, à margem de um arroio, no arranchamento de bugres foragidos de uma aldeia.”<sup>35</sup> Não por acaso, a paisagem, para Hugo Achugar, está ligada às memórias e às histórias dos sujeitos que habitam um determinado lugar:

O lugar a partir de onde se lê, na América Latina, está nutrido por múltiplas memórias [...] A paisagem, que traça essas múltiplas memórias, supõe um posicionamento e um lugar específico a partir de onde se fala e a partir de onde se lê.<sup>36</sup>

Serejo retrata o sujeito e os locais subalternos, marginalizados, que pressupõem histórias que formam a cultura local; essas histórias são correlatas às memórias de um determinado povo e de um dado lócus específico. Como afirma Nolasco:

As palavras biográficas, proferidas por Hélio Serejo [...] se, por um lado, amalgamam as características intrínsecas do homem da fronteira, por outro, permitem que o balaio cultural, como a um arquivo, seja aberto e revirando de modo a revelar, de forma especular, as especificidades paisagísticas da cultura localista.<sup>37</sup>

A cultura localista delineada que Serejo traça em sua obra vem representada por meio da fronteira, do crioulisto e da paisagem contornados a partir das especificidades da escritura serejoana que aqui serão trabalhadas separadamente, visando atender melhor como cada noção se desenha dentro da obra serejoana e, por conseguinte, como cada uma ilustra a discussão proposta.

<sup>35</sup> SEREJO. *Balaio de Bugre*, p. 5.

<sup>36</sup> ACHUGAR. *Planetas sem boca*, p. 59-60.

<sup>37</sup> NOLASCO. O que é, afinal, cultura local?, p. 160.

### 1.1.1. Fronteira

As fronteiras pulsam, como as sensações de inutilidade.

HISSA. *A mobilidade das fronteiras*, p. 28.

Falar sobre fronteira é algo bastante complexo, ainda mais para este trabalho que surge da fronteira, geograficamente falando, pois erijo meu discurso a partir do meu lócus geográfico, o estado de Mato Grosso do Sul, que faz fronteira com os países Paraguai e Bolívia.

Assim, posso dizer que meu discurso é fronteiriço pelo meu lócus e também pelo meu pensamento ser epistemologicamente para além da fronteira, para além das margens do saber tradicional. Acredito que tal pressuposto se tornará claro no decorrer do texto. Desse modo, a fronteira se apresenta, aqui, em seu sentido epistemológico, pois minha discussão se baseia nos pressupostos teóricos pós-coloniais que me ajudam a pensar para além da fronteira do pensamento moderno ocidental.

Meu discurso é fronteiriço em dois sentidos: físico, pois falo a partir da fronteira e não posso ignorar a localização geográfica em que me situo; e epistemológico, já que minha pesquisa visa discutir as obras de um escritor sul-mato-grossense que também pensou para além da tradição grega e latina, Hélio Serejo.

Serejo escreveu principalmente a partir do lugar, dos povos, e da cultura sul-mato-grossense específicos. Sua obra é formada por cerca de 60 livros, e apesar de ter uma produção vasta e rica, seu trabalho teve pouco reconhecimento e até hoje é pouco explorado.

Acredito que o fato de Serejo ainda estar numa posição subalterna se dá porque a cultura e a história de Mato Grosso do Sul ainda não foram compreendidas em sua essência. Explico-me: fomos educados a partir do pensamento ocidental, grego e latino, e estamos acostumados a pensar que grandes pensadores, artistas e escritores e toda uma produção de conhecimento ocorre muito longe daqui.

Apesar de que nós também produzimos conhecimento do lado sul do hemisfério. Existe produção artística e intelectual na fronteira-sul, por isso é necessário apenas aprender a desaprender (MIGNOLO) a tradição e reaprender nossas histórias esquecidas. Desse modo, acredito tornar claro que pensamento fronteiriço é pensar além.

A fronteira é uma abstração e ao mesmo tempo uma concretude, existe e está viva, como afirma Cássio Eduardo Viana Hissa, na epígrafe que dá início a este subtítulo, “as fronteiras pulsam”, pois, apesar de uma linha invisível que separa territórios, há a inevitável mistura, ou convivialidade, dos povos que ali habitam.

Penso que a fronteira pode sugerir diversos significados e interpretações, mas o significado principal de fronteira no qual quero me deter é o de poder. Hissa afirma, em *A mobilidade das fronteiras* (2006), que “[...] a ideia de fronteira parece sugerir, instantaneamente, uma reflexão sobre a instalação de um poder, de um governo, em um território ou domínio.”<sup>38</sup> Para entendermos melhor a fronteira enquanto espaço físico, parto da ideia de limite. Nesse sentido, para Hissa:

O limite é algo que se insinua entre dois ou mais mundos, buscando, buscando a sua divisão, procurando anunciar a diferença e apartar o que não pode permanecer ligado. O limite insinua a presença da diferença e sugere a necessidade da separação. Entretanto, o limite pode ser visto por outros ângulos. Ele pode ser apresentado como algo que se coloca entre dois ou mais mundos, para que as suas diferenças possam ser compreendidas.<sup>39</sup>

---

<sup>38</sup> HISSA. *A mobilidade das fronteiras*, p. 39.

<sup>39</sup> HISSA. *A mobilidade das fronteiras*, p. 19.

Volto, então, ao pressuposto, já antes mencionado, de fronteira como abstração: o limite me faz entender a fronteira como tal, uma vez que o limite, segundo Hissa, é um disfarce. É claro que fronteira, mesmo no sentido geográfico da palavra, não significa apenas um limite, e pode denotar outros significados: “O limite é, pois, um conceito inventado para dar significado às coisas, para facilitar a compreensão do que pode ser interpretado de diversas maneiras”<sup>40</sup>

O limite assim como a fronteira são conceitos que foram criados a partir de uma abstração, pois, em suma, a fronteira não existe fisicamente, apenas ideologicamente, e habita nosso pensamento. A fronteira não impede que povos de culturas, costumes e línguas diferentes se misturem, dando vida, assim, a novas culturas, costumes e até línguas a partir desse processo transcultural<sup>41</sup>.

Este é o caso do escritor Douglas Diegues que escreve seus poemas através de sua língua inventada, o portunhol selbage, que só foi possível em razão de suas sensibilidades locais, experiências, proporcionadas por sua vivência na fronteira-sul, onde o portunhol é falado cotidianamente pelos brasiguaios.

A obra de Serejo apresenta marcas do portunhol, pois o autor fazia questão de marcar linguisticamente a cultura mesclada da fronteira, o que pode ser considerado também parte do crioulisto do escritor. Desse modo, o crioulisto nasce na e da fronteira: “Pela madrugada, borracho como um gambá, desferiu uma garrafada na cabeça da ‘cunhã’ [...]. No isso nadia, che patron, e agora estou a cá neste inferno passando ambre, igualzito a um burgue

”<sup>42</sup>

---

<sup>40</sup> HISSA. *A mobilidade das fronteiras*, p. 21.

<sup>41</sup> Abordarei o conceito de transculturação em outro momento dentro deste trabalho.

<sup>42</sup> SEREJO. *7 contos e uma potoca*, p. 44.

Nesse sentido, a fronteira pressupõe novas formas de vida, assim como afirma Hissa: “[...] a fronteira não é apenas limite que se projeta no território: ela também se projeta na sociedade”<sup>43</sup>; e isso mostra como a demarcação dos limites pode influenciar a vida das pessoas, modificando costumes, cultura e línguas: “A mutação da própria natureza dos limites e das fronteiras é uma resposta às transformações políticas, econômicas e culturais.”<sup>44</sup>

Isso ocorre porque a fronteira possibilita a troca, a transferência cultural entre os povos que acabam por influenciar socialmente uns aos outros, como ocorreu comigo ao ter contato com a cultura dos campeiros quando morei com meu pai – vaqueiro do Pantanal – na cidade de Camapuã, interior do estado de Mato Grosso do Sul. É por esse motivo que a fronteira está diretamente ligada à cultura, pois:

Tanto a cultura quanto a fronteira são produzidas socialmente numa perspectiva multidimensional. Isso porque o indivíduo, assim como a sociedade, não é uno(a) somente, mas igualmente múltiplo(a). Logo, ao serem arranjadas socialmente, fronteira e cultura carregam os traços das relações econômicas, políticas, éticas, morais, religiosas, particulares de cada ambiente construído e, sobretudo de relações de poder. São dotadas de dinamismo particular em cada uma de suas manifestações, conforme o arranjo territorial no qual se encontra.<sup>45</sup>

A fronteira, como disse anteriormente, é um conceito bastante complexo, mas penso que o melhor sentido de fronteira do qual posso fazer uso aqui é o de poder, a pressuposição de poder a partir da noção de limite e fronteira se dá, principalmente, uma vez que:

Fronteiras e limites são desenvolvidos para estabelecer domínios e demarcar territórios. Foram concebidos para insinuar precisão: a precisão que pede o poder. Enquanto forma de controle, a precisão é necessária para o exercício pleno do poder, em suas diversas instâncias. Fronteiras e limites reclamam pela exatidão, pela presença insinuante da linha visual que muitas vezes não possuem. Fronteiras e limites reclamam a imagem, o marco - concretude que substituindo a abstração, possa fornecer a ideia de exatidão.<sup>46</sup>

---

<sup>43</sup> HISSA. *A mobilidade das fronteiras*, p. 38.

<sup>44</sup> HISSA. *A mobilidade das fronteiras*, p. 37.

<sup>45</sup> COSTA. Os bolivianos em Corumbá-MS, p. 17.

<sup>46</sup> HISSA. *A mobilidade das fronteiras*, p. 35.

Fronteira e sua relação de poder denotam um novo tipo de colonização. Demarcar é colonizar. Isso ocorre não apenas aqui na fronteira-sul, como em todas as fronteiras ao redor do globo. Apesar das fronteiras não serem iguais, as relações de poder e domínio que rondam as fronteiras é o que elas têm em comum. Isso ocorre porque a ideia de poder está diretamente relacionada à ideia de posse: “A necessidade da demarcação antecipa-se ou se sobrepõe ao questionamento de posse”<sup>47</sup>

A discussão de Hissa se faz interessante e pertinente nesse momento, pois, por meio dela é possível entender como as fronteiras e o poder que elas empregam na sociedade podem ser responsáveis pelas modificações das civilizações ao longo do tempo. Desse modo, a discussão também ajuda no esclarecimento do conceito de fronteira tanto no sentido geográfico, quanto no sentido epistemológico.

Posso dizer que o pensamento fronteiro é fruto dessa supremacia imposta aos povos habitantes da fronteira. Serejo é um escritor fronteiro, dado que seu trabalho como escritor surge a partir das angústias dos sujeitos fronteiros. Dessa forma, Hissa discorre sobre a construção de um discurso transdisciplinar que aqui me ajuda a esclarecer o que vem a ser o pensamento fronteiro de Serejo, o que eu construo agora, e o que no futuro outros pensadores irão construir:

A construção do discurso transdisciplinar, para se fazer referência a uma das resultantes do processo de flexibilização dos saberes, por sua vez, pressupõe uma atitude do sujeito diante do ambiente com o qual interage. Não basta o movimento que explicita o desejo solidário de integração interdisciplinar. Ele é estéril na ausência do sujeito que se movimenta na direção do outro, ampliando sua formação, se apropriando de suas linguagens conceituais supostamente estrangeiras, viabilizando o diálogo pelo qual se reclama. Assim, a mobilidade das fronteiras referentes ao conhecimento assume o significado da democratização possível de discursos. Somente assim há como imaginar um diálogo interdisciplinar (do qual a sociedade possa também participar efetivamente) e uma leitura digna da complexidade do mundo, frequentemente inibidos por instituições -

---

<sup>47</sup> HISSA. *A mobilidade das fronteiras*, p. 39.

incluindo, contraditoriamente, a universidade - que em muitas circunstâncias até mesmo impedem o trânsito do pensamento que almeja a liberdade.<sup>48</sup>

O pensamento moderno impôs, e impõe até hoje, determinados tipos de saberes os quais não podem encampar os saberes produzidos na fronteira-sul. Por isso aqui surge uma nova epistemologia a fim de tratar do que o pensamento moderno ocidental não pôde tratar.

Assim, é possível obter mais liberdade em relação a comparatismos e dualismos que ocorrem geralmente quando usamos as teorias vindas de fora para tratar dos assuntos locais. Essa prática castradora ocorre, muitas vezes, quando teóricos acabam por apenas repetir teorias externas sem refletir sobre nossa interioridade. A respeito de modernidades e suas relações com o conceito de fronteira, Hissa vai dizer:

Algo do que se pode entender sobre a projeção da modernidade na ciência refere-se à fragmentação do saber e do conhecimento. Desvincula-se a arte da ciência, a ciência da filosofia. A ciência desmembra-se em várias ciências, em disciplinas buscando autonomia, em nome e à luz da racionalidade. A especialização levada ao extremo torna-se, ela mesma, um saber fragmentado que se faz insuficiente no processo de leitura da realidade. Todo esse processo, em termos gerais compreendido pela multiplicação das disciplinas científicas, pode ser interpretado como a criação de expectativas com respeito a autonomia disciplinar e, simultaneamente, com a multiplicação de fronteiras interdisciplinares.<sup>49</sup>

Apesar da rigidez imposta pelas fronteiras, elas se movem. As fronteiras geográficas desenvolvem sua mobilidade através da transculturação entre os povos, as fronteiras epistemológicas são móveis quando há a necessidade de se desenvolver um pensamento outro, quando o pensamento ou o saber imperante é castrador na medida em que continua a colonizar os povos. É o que bem expressa Hissa, ao afirmar que:

A imagem de lentidão do pensamento reflexivo, construída pelo Ocidente, pretensiosamente separa o útil, prático e eficiente do supostamente periférico e descolado da ação: teórico e reflexivo. A modernidade,

---

<sup>48</sup> HISSA. *A mobilidade das fronteiras*, p. 14-15.

<sup>49</sup> HISSA. *A mobilidade das fronteiras*, p. 211.

pragmática e contraditória, pede rapidez e eficiência e muitas vezes encontra o equívoco.<sup>50</sup>

Modernidade e colonização estão estreitamente relacionadas, uma vez que o projeto da modernidade se construiu por meio do domínio das colonizações, e é possível compreender melhor essa relação entre modernidade e colonização na esteira do crítico Walter Mignolo, quando este discorre acerca do Sistema Mundial Moderno, o qual ele se refere como Sistema Mundial Colonial/Moderno.

A colonialidade e a modernidade estão relacionadas na história ocidental. Partindo desta perspectiva, a pós-colonialidade, ou melhor, a pós-ocidentalidade, assim como sugere o autor, pode ser vista como uma maneira de se desenvolverem novas formas de colonialidade. De acordo com o autor, o uso do “pós” em “pós-colonialidade” não significa que a colonialidade terminou, mas que ela se reorganiza em seus alicerces: modernidade/colonialidade.

A colonização prevalece reorganizada em seus alicerces. O ervateiro que trabalhava em condições de escravidão nos campos de erva-mate sofria com uma nova forma de colonização praticada pelos mais poderosos da fronteira: “[...] a vida arrojada do homem do erval. Sua missão de transformar folhas em ouro é altamente nobre e sublime. E o produto do seu patriótico esforço, industrializado no cadinho de todos os sofrimentos, vai aos poucos, tornando o Brasil mais rico.”<sup>51</sup>

A fronteira proporciona a reflexão a partir da colonialidade do poder, outro termo que Mignolo opta para mostrar como isso afeta na diversidade, que com o colonialismo do poder é muitas vezes apagada, ou ao menos disfarçada, pois essa diversidade apesar disso não deixa de existir.

O “bugre” é o exemplo essencial dessa diversidade a qual o teórico aponta: “Bugre gosta de conversa. Fala um tempão, rindo à toa, sacudindo o corpo,

---

<sup>50</sup> HISSA. *A mobilidade das fronteiras*, p. 202.

<sup>51</sup> SEREJO. *Obras completas*, p. 16.

cuspiendo no braseiro e comendo mandioca assada. Mandioca assada é banquete de bugre.”<sup>52</sup>

Serejo traz o bugre como a representação da cultura local fronteira que está presente em tudo e em todos desse lugar, até em si mesmo:

Eu sou o homem desajeitado e de gestos xucros que veio de longe. Eu sou o homem fronteira que, na infância atribulada, recebeu nas faces sanguíneas os açoites desse vento, vadio e aragano, que, no afirmar da lenda avoenga, nasce nas terras incaicas, num recôncavo do mar, varre o altiplano boliviano, penetra o imenso aberto do Chaco Paraguai, para depois, exausto do bailado demoníaco, numa cólera e estrupício de tormenta, arrebeitar, cortante e gélido, na cidade de Ponta Porã, a Princesa da Fronteira, sentinela avançada das terrarias mato-grossenses. Eu vim dos ervais, meus irmãos, do fogo dos “barbacuás”, do canto triste e gemente dos “urus”, dos bailados divertidos, dos entreveros dos bolichos das estradas, do mais hirsuto da paulama seca, do pôr-do-sol campeiro, dos dutos, das encruzilhadas e das distâncias perdidas. Eu sou filho da “jungle”, sou gaudério de todos os pagos, apaixonado das querências e cria de todos os galpões da terra. Eu vim de longe, eu sou um misto de poeira de estrada, de fogo de queimada, de aboio de vaqueiro, de passarada em sarabanda festiva no romper da madrugada, de lua andeja rendilhando os campos, as matas, as canhadas, o vargado. Sou misto, também, de índio vago, cruzacampo e trota-mundo.<sup>53</sup>

O trecho acima compõe parte do discurso de posse de Hélio Serejo na Academia ponta-porãense de Letras, e nele está expresso toda “diversalidade” que o escritor representa por meio de seu *bios* formado pela mistura do que lhe proporcionam os elementos do lócus em que se situa.

Serejo se projeta como intelectual fronteira a partir da coerência de seu discurso em relação a seu lócus e seu *bios*. O escritor da fronteira-sul está pensando a partir de seu lócus de enunciação, e constrói seu discurso a partir de seu pensamento de fronteira. Seu discurso fronteira é o balbucio teórico do qual fala Achugar:

Não será que o lugar do discurso - maior ou menor -, dos latino-americanos - letrados ou iletrados, de esquerda ou de direita, homens ou mulheres, mineiros ou acadêmicos - para os ouvidos do hemisfério norte é sempre o do “balbucio” e o da incoerência ou inconsistência teórica? Não será que o “balbucio teórico latino-americano” não é incoerência nem inconsistência? Não será que esse balbucio teórico é outro pensamento ou um pensamento

<sup>52</sup> SEREJO. *Balaio de Bugre*, p. 5.

<sup>53</sup> SEREJO. *Ronda do entardecer*, p. 57

outro? Não será que balbuciar é um “discurso raro”, um “discurso orgulhosamente balbuciante”? Não será que eu tenha escolhido “balbuciar teoricamente” como um modo de marcar e prestigiar meu discurso?<sup>54</sup>

As figuras e elementos que são primordiais para a “diversalidade” da fronteira-sul: o bugre, o ervateiro e o próprio conceito de crioulisto: “Muito – muito mesmo – de CRIOULISMO, no labutar ervateiro. Talvez seja o mais autêntico de todos, por ser mescla de XUCRISMO, CASTELHANO, GUARANI, MODISMO E EXPRESSÕES FRONTEIRIÇAS”.<sup>55</sup> Em suma, o crioulisto é também, ou pelo menos, faz parte da “diversalidade”.

Ao conceber o crioulisto como fundamental para a minha pesquisa, estou também indicando o papel de indivíduos subalternos dentro da sociedade e cultura fronteiriças, assim como Serejo pontuou em seus escritos. Nesse sentido, Vânia Maria Lescano Guerra, em *O indígena de Mato Grosso do Sul* (2010), afirma que:

[...] os índios são fundamentais para a ideologia da nacionalidade brasileira: são habitantes originais, que deveriam ser incorporados à sociedade para legitimar o domínio do novo Estado-Nação. Por outro lado, as populações indígenas eram - e continuam a ser - vistas como obstáculo ao progresso e aos projetos de desenvolvimento do país.<sup>56</sup>

Embora a identidade indígena seja fundamental para essa ideologia de nacionalidade brasileira, e local também, o que se vê é algo muito diferente, sobretudo porque existe ainda um embate muito intenso entre os latifundiários e os indígenas que reivindicam suas terras, para aqueles o lucro das lavouras e para estes a busca pelos direitos:

Enquanto para a nossa sociedade o sentido de terra e de capital de determinado indivíduo é de aquilo que gera lucro, as sociedades indígenas não têm a noção de propriedade privada. É constitucional a garantia do direito sobre o território que ocupam, bem como o direito de serem eles próprios, mantendo suas culturas e suas tradições, mas há uma distância muito grande entre o real e o formal no nosso país.<sup>57</sup>

<sup>54</sup> ACHUGAR. *Planetas sem boca*, p. 35.

<sup>55</sup> SEREJO. *Contos Crioulos*, p. 146.

<sup>56</sup> GUERRA. *O indígena de Mato Grosso do Sul*, p. 57.

<sup>57</sup> GUERRA. *O indígena de Mato Grosso do Sul*, p. 35.

Da exploração aos trabalhadores dos campos ervais, ao massacre aos índios por latifundiários, ao domínio e monopolização de grandes empresas e o controle da população, por meios de comunicação de massa, chegam ao que é chamado hoje de globalização.

Como exemplo, temos mais especificamente a expansão da Coca-cola ao redor do mundo, ou do McDonald's, que entram em diferentes lugares das mais diversas culturas, por exemplo, é uma forma de “colonialidade do poder”, uma vez que essas empresas e produtos advêm de países tecnológica e economicamente desenvolvidos.

Penso que nesse sentido a “colonialidade do poder” se converte em “colonialidade global”, como também ressalta Mignolo em seu livro. Assim, a emergência do pensamento liminar se faz necessária, visando banir a imposição da “colonialidade do poder” que massifica e mascara a diferença colonial. No livro *Planetas sem Boca*, o autor uruguaio Hugo Achugar, em uma discussão permeada entre modernidade e pós-modernidade ilustrada pelo escritor argentino Jorge Luis Borges, aponta:

A imaginação do espaço – os paradoxais labirintos, as infinitas bibliotecas, os caminhos que se bifurcam – é um dos achados do universo borgiano. Esse espaço negava, e nega, o território da selva, do índio, da planície, ou do pampa que constituíam a paisagem latino-americana e propunha a fantasia a partir do real, mas não a imaginação, ou o traçado, de outras realidades.<sup>58</sup>

O que me interessa na discussão de Achugar é a paisagem latino-americana que Borges nega ao criar um universo próprio em sua literatura, o que não a torna menos importante ou menos representativa da América Latina. Ao voltar-me para o escritor Hélio Serejo, percebo que este, ao contrário de Borges, usufrui dessa

---

<sup>58</sup> ACHUGAR. *Planetas sem Boca*, p. 128.

paisagem latina, mais especificamente a paisagem sertaneja, e não somente ela aparece no universo serejoano como também o índio e seu universo:

Campeiro da minha terra, índio buenaço... alegrão. Imagem do meu sertão, que no seu tranco tropeiro, varas os campos sobranceiro, picaneando o destino, pela chuva ou sol-à-pino, estoico como um guerreiro... Você é rei das coxilhas, índio gaudério, buenaço, de chapéu de barbicacho, de pala de fleco longo, bombacha cor de porongo... Sua vivenda é livro aberto, cortando o chão do deserto... Enforquilhado no arreio, ajoujado à china amada.<sup>59</sup>

Estão retratados na obra serejoana o sertão, o índio, os costumes do povo da “minha terra”, o ervateiro, o vaqueiro – que me remete à minha infância, entre outros. O universo de Serejo não é criado como é o de Borges, mas é a sensibilidade da “autêntica” paisagem sertaneja, sul-mato-grossense, e por que não dizer latina?

A paisagem contorna o lócus e situa o *bios* de um intelectual da fronteira. Entre os vários símbolos que compõem essa paisagem fronteira, o pássaro urutau é um de seus maiores representantes retratado por Serejo. O urutau que “soluça” na escritura serejoana é o representante de uma paisagem biográfica crioula, assim como os diferentes povos com suas misturas de línguas e culturas em sua vivência e condição de atravessamento de fronteiras.

O *bios* e o lócus do escritor fronteira Hélio Serejo possibilitam falar dos cantos dos pássaros desse lugar e de todos os povos que habitam este espaço geoistórico cultural, assim como meu *bios* e meu lócus, também fronteira, me proporcionam resgatar e de, alguma forma, me inserir nos escritos serejoanos.

Posso acompanhar as vivências do escritor e as vivências dos povos retratados por ele dentro de sua obra, assim como a vasta região de fronteira de onde eu e meu objeto estamos situados. O olhar do crítico biográfico pós-colonial

---

<sup>59</sup> SEREJO. *Campeiro da Minha Terra*, p. 8-9.

(ou fronteiroço) mostra o caminho que trilho a partir dessa relação de amizade que surge entre o biógrafo e o biografado.

A amizade para Hélio Serejo era tão importante e tão bem cultivada, assim como seus escritos sobre o velho oeste brasileiro. Entre essas amizades, muitas com poetas, desconhecidos ou não, tiveram seu lugar e sua homenagem dentro da literatura de Mato Grosso do Sul, pois suas referências aparecem em muitos dos livros escritos por Serejo, que fazia questão de enaltecer o talento de seus amigos, que manifestavam por meio da arte literária, seu amor pela região Centro-Oeste do país.

O urutau, com seu canto melancólico, é a representação na obra de Serejo da paisagem biolocal, pois representa tanto o local geográfico, que compreende o estado de Mato Grosso do Sul e a toda região Centro-Oeste, o cerrado, a vegetação típica, como também seu povo, muitas vezes sofrido, desconfiado. São características que contornam o *bios* dos povos pertencentes a este lugar. Essa paisagem triste representada pelo urutau na poética serejoana beira o sublime. A esse respeito, Denilson Lopes afirma:

O sublime no banal não nega arte, diante da dissolução provisória dos limites do sujeito. O sublime no banal não se confunde com a busca de uma autenticidade perdida no mundo da reprodutibilidade técnica e eletrônica da imagem, da aura benjaminiana. Aproxima-se do que Italo Moriconi (1998a) chamou de dessublimação, ao incorporar o corporal, mas talvez por não compartilhar o mesmo solo cultural de onde suas reflexões parecem emergir, marcadas pela contracultura, pelo desbunde e pela poesia marginal, me distancio de qualquer possibilidade iconoclástica, de virulência transgressora, mesmo que paródica. O sublime no banal estabelece mais um jogo de tensões entre a contemplação e o olhar distraído, a rapidez e a lentidão e prefere apostar na sutileza, na leveza, nas palavras que não canso de repetir de Ana Chiara (1999), “sem muito desespero, que é inútil, sem pieguice, que é meio de mau gosto, sem cinismo, porque já basta a desrazão, mas com suave ironia para poder suportar o peso.”<sup>60</sup>

No viés da paisagem melancólica do urutau, revela-se também a paisagem da fronteira que, seguindo as proposições de Nolasco, em seu livro de poemas *Pântano*

---

<sup>60</sup> LOPES. O sublime no banal, p. 38.

(2014), é sanguinolenta. Serejo se preocupou em falar tanto do lado de lá quanto do lado de cá da fronteira-sul.

Esse lócus geoistórico que compreende o estado de Mato Grosso do Sul e os países Paraguai e Bolívia, região onde a lei que prevalece é a do dinheiro e do poder do latifúndio, está sempre em conflito, em choque, e os casos de violência que estampam os noticiários nos dias de hoje eram comuns desde os tempos que Serejo cruzava por aquelas bandas:

Não foi só a hedionda chacina de Sacaron, que no idioma guarani significa canela de boi, que abalou esses mundos perdidos e de uma civilização nascente imprevisível em cujas terrarias argentinas e paraguaias eram senhores absolutos principalmente os primeiros eternamente arrogantes, e atrabiliários, que invariavelmente se mantinham impunes, protegidos e guiados por forças políticas ponderáveis...<sup>61</sup>

No trecho do livro *7 Contos e uma Potoca* (1978), nota-se uma situação bastante comum na fronteira, em que pessoas detentoras de poder dominam homens que, sem terem condições melhores de sobrevivência, acabam se submetendo aos poderosos “donos” daquele local.

No artigo “Os Condenados da Fronteira”, Nolasco faz alusão ao livro *Os condenados da terra* (1968) de Frantz Fanon e trata da condição de subalternidade dos povos da fronteira. Nolasco afirma que “[...] os condenados da fronteira compreendem os sujeitos subalternizados da fronteira-Sul do Estado de Mato Grosso do Sul com os países lindeiros Paraguai e Bolívia.”<sup>62</sup>

Quando falo de condenados e fronteiriços, estou tratando dos sujeitos subalternos. A preferência e a preocupação em registrar os símbolos, paisagens e povos (esses, muitas vezes, marginalizados) que representam a cultura local de Mato Grosso do Sul permitem uma desobediência epistêmica (MIGNOLO) que barra

---

<sup>61</sup> SEREJO. *Campeiro da minha terra*, p. 10.

<sup>62</sup> NOLASCO. *Os condenados da fronteira*, p. 2.

a colonialidade do poder e torna-se uma resistência em prol da cultura local. Nolasco afirma que:

O lugar a partir de onde se lê a “região sulista matogrossense” (Serejo), está nutrido por múltiplas paisagens da memória, do esquecimento, da guerra, da fronteira, da zona de contato, do pôr-do-sol/sul, paisagens crioulas, por meio das quais podemos reconstruir uma outra história local, dependendo, apenas, do lugar onde se mira a paisagem privilegiada na perspectiva.<sup>63</sup>

E isso ocorre na obra de Serejo por causa de suas sensibilidades locais e biográficas que o permitem desenvolver sua razão subalterna. Para Mignolo, somente quem possui uma razão subalterna é capaz de desobedecer epistemologicamente. A razão subalterna, de acordo com o crítico, “[...] nutre e é nutrida por uma prática teórica estimulada por movimentos de descolonização”<sup>64</sup>. Ela surge:

[...] como resposta à necessidade de repensar e reconceitualizar as histórias narradas e a conceitualização apresentada para dividir o mundo entre regiões e povos cristãos e pagãos, civilizados e bárbaros, modernos e pré-modernos e desenvolvidos e subdesenvolvidos, todos eles projetos globais mapeando a diferença colonial.<sup>65</sup>

A razão subalterna surge essencialmente na fronteira a partir do homem fronteiriço. Hélio Serejo é um intelectual fronteiriço e a razão subalterna está expressa em sua obra. É a razão subalterna que descoloniza e altera a lógica da razão moderna.

Por sua razão subalterna marcada pela diferença colonial, falo de um escritor essencialmente das margens. A fronteira em seu âmbito epistemológico está expressa no discurso de Serejo, pois nele é possível enxergar tanto seu *bios* quanto seu *lócus*, mais que fronteiriço seu discurso é biolocal. A fim de discutir essa temática com mais afinco, é que me deterei na noção de diferença colonial a seguir.

---

<sup>63</sup> NOLASCO. O que é, afinal, cultura local?, p. 160.

<sup>64</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/Projetos globais*, p. 143.

<sup>65</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/Projetos globais*, p. 143.

### 1.1.2 Diferença Colonial

No lendário, é assim: TUPÃ, para embelezar, ainda mais YAZI, adotou-se de uma AKÂNGORA, índio viu e ficou apaixonado. Queria ser igual: cortou o cabelo acima das orelhas, em forma de coroa, ficando com isso, coroadado.

SEREJO. *Ronda do entardecer*, p. 49-50.

[...] cavalgando um cavalo mais ligeiro que raio de tormenta de dezembro, cercava o boi bagual, e o derrubava pelos chifres, com um só golpe.

SEREJO. *Zé Fornalha*, p. 78.

Povoam no pensamento descolonial serejoano diversas figuras marginalizadas. Se, de um lado, há o vaqueiro, subalterno do latifundiário – como meu próprio pai foi –, do outro lado, há o índio, que tem protagonizado conflituosas batalhas na luta por terras, travadas contra os latifundiários, e que tem sofrido desse colonialismo interno ao ver sua cultura, seu povo e sua história rechaçados, e agora novamente se vê tendo que lutar pelo seu espaço físico em uma terra que sempre fora sua por direito.

Isso se aproxima muito do que Roberto Fernández Retamar<sup>66</sup> reconhece ao afirmar que “[...] os ameríndios e negros longe de serem corpos estranhos na ‘nossa América’ (América Latina) por não serem ocidentais, pertencem a ela de pleno direito, com mais direito que os agentes estrangeiros e renegados da missão civilizadora”.<sup>67</sup>

Essas duas personas que habitam o universo serejoano, apesar de ambas subalternas, possuem suas especificidades e histórias locais diferentes que perpassam pela “diferença colonial” de cada um. Desse mesmo lócus que é a

---

<sup>66</sup> Roberto Fernández Retamar é um poeta e ensaísta cubano que contribuiu para a teoria descolonial na e a partir da América Latina. Ele introduziu o termo pós-ocidentalismo dentro do campo epistemológico latino-americano.

<sup>67</sup> RETAMAR *apud* MIGNOLO. *Histórias locais/ Projetos globais*, p. 153.

fronteira sul-mato-grossense, emergem sujeitos que se divergem na “diferença colonial.

Em meio a essa questão, na esteira de Mignolo, é importante que se entenda a diferença colonial não como uma diferença de raça e que marca os traços dela, mas como uma diferença histórica que extrapola a questão biológica:

Conforme as defino, as “diferenças coloniais” significam, em todo o meu argumento (talvez eu devesse dizer “a diferença colonial”), a classificação do planeta no imaginário colonial/moderno praticada pela colonialidade do poder, uma energia e um maquinário que transformam diferenças em valores. Se o racismo é a matriz que permeia todos os domínios do imaginário do sistema mundial colonial/moderno, “ocidentalismo” é a metáfora sobranceira, construída e reconstruída pelas muitas mãos pelas quais passaram a história do capitalismo (Arrighi, 1994) e as ideologias em transformação, motivadas pelos conflitos imperiais.<sup>68</sup>

O pensamento fronteiro já mencionado aqui é uma nova forma de pensar, que pode barrar a tradição ocidental, ou, nas palavras de Mignolo, é uma “nova modalidade epistemológica de interseção da tradição ocidental”<sup>69</sup>.

O termo pós-colonial é tido por Mignolo como parte de um paradigma maior, a “gnose liminar”, pois pós-colonialismo ou pós-ocidentalismo, para fazer uso do termo mais satisfatório de acordo com o autor, contribuem para uma mudança na produção teórica e intelectual que é o que Mignolo descreve como “gnose liminar”, e que está ligada à “subalternidade” e à “razão subalterna”.

Para Mignolo, “não é tanto a condição histórica pós-colonial que deve reter nossa atenção, mas os *loci* pós-coloniais de enunciação como formação discursiva emergente e como forma de articulação da racionalidade subalterna.”<sup>70</sup> O autor sugere ainda que “[...] a razão subalterna seja entendida como um conjunto diverso

<sup>68</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/ Projetos globais*, p. 37.

<sup>69</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/ Projetos globais*, p. 137.

<sup>70</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/ Projetos globais*, p. 139.

de práticas teóricas emergindo dos e respondendo aos legados coloniais na interseção da história euro-americana moderna.”<sup>71</sup>

Uma forma dessa teorização exposta pelo crítico argentino é a forma como o homem do campo, da fronteira-sul, se relaciona com outras espécies que também povoam a paisagem campesina e pantaneira do Mato Grosso do Sul. Hélio Serejo evidencia essa prática que emerge do nosso lócus, também mostrando a linguagem (teorização pós-colonial) “simples” do homem campeiro, que tanto teve contato quando era criança:

O Zé deu um grito:  
 – Mata esse bicho!...  
 O companheiro explicou:  
 – Tamanduá nim si mata... é bicho útil... come tudo qui é praga di furniga...  
 Tamanduá e avestruis, são iguais: um devora us furnigueiros, o outro as cobras e as porcarias dus campos. Us dois ajuda u hõmi.<sup>72</sup>

A teorização pós-colonial, como aponta o intelectual, encontrou nos EUA seu lugar com os estudiosos emigrados do Terceiro Mundo, apesar de que ela já acontecia na América Latina. A diferença é que nesta ocasião a pós-colonialidade torna-se mais conhecida. A teorização pós-colonial pode ser vista como uma série de teorias, dentre as quais se encontra a pós-colonialidade.

Tal teorização é também o processo de pensamento dos que vivem sob dominação colonial, que se articula com a razão subalterna, posto que esta “nutre e é nutrida por uma prática teórica estimulada por movimentos de descolonização após a segunda guerra mundial, que em seu início tinha pouco a ver com empreendimentos acadêmicos.”<sup>73</sup> De acordo com Mignolo:

A razão subalterna é aquilo que surge como a resposta à necessidade de repensar e reconceitualizar as histórias narradas e a conceitualização apresentada para dividir o mundo entre regiões e povos cristãos e pagãos, civilizados e bárbaros, modernos e pré-modernos e desenvolvidos e

<sup>71</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/ Projetos globais*, p. 139.

<sup>72</sup> SEREJO. *Zé fornalha*, p. 53.

<sup>73</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/ Projetos globais*, p. 143.

subdesenvolvidos, todos eles projetos globais mapeando a diferença colonial.<sup>74</sup>

O colonialismo interno, conceito usado para explicar as realidades sociais, carrega a marca da diferença colonial, a razão subalterna. Mignolo traz a intelectual Silvia Rivera Cusicanqui<sup>75</sup>, para quem uma explicação para a crise das ciências sociais andinas e seu fracasso em compreender movimentos sociais deveu-se principalmente em relação à dificuldade das ciências sociais andinas em enxergar a etnicidade, as heranças coloniais, e o colonialismo interno, o qual ajuda a estabelecer um equilíbrio entre classe e etnicidade.

Na esteira do intelectual venezuelano Fernando Coronil<sup>76</sup>, Mignolo propõe “[...] examinar o ocidentalismo do interior do sistema mundial moderno, e também de sua exterioridade, pois o sistema mundial colonial/ moderno é e foi constantemente criado nessas duplas interações.”<sup>77</sup>

Roberto Fernandez Retamar introduziu o termo pós-ocidentalismo em 1974. Para este crítico, “o ocidentalismo era uma palavra-chave na história cultural da América Latina. Ao contrário do orientalismo, o ocidentalismo foi criado desde o princípio como extensão da Europa.”<sup>78</sup> Havia, assim, uma tensão constante entre o extremo Ocidente (tido como continente vazio), para onde a Europa se estendia e os ameríndios, que já estavam ali antes da colonização europeia, o que mostra que o que era tido como vazio realmente não o era.

Ao pensar por uma perspectiva biográfica fronteiriça, passo antes por uma metodologia comparatista, posto que, como indica Eneida Maria de Souza, no

---

<sup>74</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/ Projetos globais*, p. 143.

<sup>75</sup> Intelectual boliviana.

<sup>76</sup> Intelectual venezuelano.

<sup>77</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/ Projetos globais*, p. 153.

<sup>78</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/ Projetos globais*, p. 153.

ensaio “Crítica biográfica, ainda”, publicado no quarto volume dos *Cadernos de Estudos Culturais*, cujo tema é crítica biográfica:

A crítica biográfica se apropria da metodologia comparativa ao processar a relação entre obra e vida dos escritores pela mediação de temas comuns, como a morte, a doença, o amor, o suicídio, a traição, o ódio, relações familiares, como o tema dos irmãos inimigos, da busca do pai, da bastardia, do filho pródigo, e assim por diante.<sup>79</sup>

A partir dessa metodologia comparatista (mas, e sobretudo crítico-biográfico-fronteiriça, uma vez que esses estudos avançaram, e muito, os estudos comparados), acredito que seja possível articular as ideias de Retamar trazidas por Mignolo em seu texto ao que ocorre atualmente com os índios: há a tentativa de introduzi-los na sociedade, mas não há aceitação por grande parte dessa mesma sociedade, há também a tentativa de mantê-los em seu lócus e cultura originais, mas novamente não há aceitação por parte da sociedade (nesta situação, os latifundiários), que nega o espaço que é do índio por direito. Assim, o “nativo”<sup>80</sup> se vê em falta com sua identidade e se mantém em sua eterna busca.

O pós-ocidentalismo, de acordo com Mignolo, poderia ter sido vinculado ao colonialismo interno, mas o isolamento imposto pela distribuição geoistórica colonial complementada pela distribuição científica do conhecimento situado nos centros metropolitanos, fez das histórias e conhecimentos locais um incidente curioso e às vezes folclórico no mapa mais amplo dos projetos globais. Daí a necessidade das histórias locais barrarem os projetos globais para que se evite que elas sejam apagadas ou esquecidas.

Mignolo traz Carl Plestch em seu texto. O estudioso mencionado por Mignolo rastreou a divisão do trabalho científico social relacionado aos Primeiro, Segundo e Terceiro mundos entre 1950 e 1975, momento das conexões implícitas entre a

---

<sup>79</sup> SOUZA. Crítica biográfica, ainda, p. 62.

<sup>80</sup> Nativo do lócus, e não da Natureza.

descolonização e a emergência da Guerra Fria, que reintroduziu a Rússia/ união Soviética no cenário, situando-a como Segundo Mundo. Para Plestch: “[...] a ansiedade ocidental causada pela emergência das nações socialistas e, sobretudo, da União Soviética precipitou a divisão do mundo [...]”<sup>81</sup>

Essa divisão do mundo se constitui em três categorias: países tecnológica e economicamente desenvolvidos, o Primeiro Mundo; países tecnológica e economicamente desenvolvidos e governados pela ideologia, o Segundo Mundo; e países tecnológica e economicamente subdesenvolvidos, Terceiro Mundo, como é o caso do lócus a partir do qual eu erijo o meu pensamento fronteiroço acerca de Hélio Serejo. Esse tipo de distribuição está ligado ao lugar de enunciação que se localiza no primeiro mundo.

Em sua primeira suposição, Mignolo afirma que “[...] a crítica pós-colonial luta para deslocar do primeiro para o terceiro mundo o lócus de enunciação teórica, reivindicando a legitimidade da localização da “localização filosófica”.”<sup>82</sup> De acordo com autor, a redistribuição acadêmica do trabalho científico não é paralela à recolocação política e econômica dos mundos culturais. Ainda de acordo com a primeira suposição do intelectual:

Pode-se deduzir que uma característica substancial do pós – colonial como legítimo loci de enunciação teórica, articulada em heranças coloniais específicas, é a emergência das vozes e ações do terceiro mundo, revertendo a imagem retrógrada produzida e sustentada por uma longa herança colonial até a redistribuição do trabalho científico. [...] Se conforme a distribuição da produção científica e cultural em Primeiro, Segundo e Terceiro Mundos, alguém vem de um país econômica e tecnologicamente subdesenvolvidos essa pessoa é vista também como pouco brilhante. Seguindo então, a lógica da colonialidade do poder essa pessoa é incapaz de produzir qualquer tipo de pensamento teórico significativo, pois a teoria se define pelos padrões do Primeiro Mundo.<sup>83</sup>

---

<sup>81</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/ Projetos globais*, p. 162.

<sup>82</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/ Projetos globais*, p. 162.

<sup>83</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/ Projetos globais*, p. 164.

Mignolo continua a discussão agora trazendo sua segunda suposição, articulando lócus e as teorias pós-modernas para mostrar que, tal como Jameson articulou, as teorias pós-modernas se localizam no Primeiro Mundo, por isso para pensar a fronteira daqui de onde desenvolvo meu discurso é preciso uma nova epistemologia, diferente da qual as teorias pós-modernas fizeram uso, pois ela não pode abarcar toda a diversidade/diversalidade (MIGNOLO) cultural, crítica e intelectual de meu lócus de enunciação :

[...] o lócus das teorias pós-modernas (tais como articuladas por Jameson [1991]) localiza-se no primeiro mundo, embora em oposição à configuração epistemológica das ciências sociais analisada por Plestch. A não ser que se creia que elas se situam em um não-lugar! Poder-se-ia argumentar que: a razão pós-moderna combina práticas teóricas e formação acadêmica do Primeiro Mundo com fundamentos ideológicos do Segundo (não em termos de política estatal, mas em termos de suas bases marxistas-leninistas). Mas, como tal, mantém sua diferença em relação à razão pós-colonial na qual a aliança se dá entre a produção cultural do Terceiro Mundo e a imaginação teórica do Primeiro: poderosa aliança, na qual a restituição das “qualidades secundárias” na produção teórica desloca e desafia a pureza da razão moderna, concebida como uma operação lógica sem a interferência da sensibilidade e da localização. A devolução da sensibilidade e da localização à teorização pós-colonial confere poder àqueles que foram eliminados ou marginalizados da produção do saber e do entendimento.<sup>84</sup>

Em sua terceira suposição, Mignolo afirma que as práticas teóricas pós-coloniais estão mudando nossas visões dos processos coloniais; mas ao estabelecer ligações epistemológicas entre locais geostóricos e produção teórica, estão também desafiando as bases do conceito que o ocidente tem de conhecimento e compreensão.

Na sequência do texto, Mignolo se detém aos casos particulares da “contramodernidade” e aos *loci* diferenciais de enunciação, onde as diferenças se relacionam com originar-se de diferentes heranças coloniais e estar em diferentes locais geoculturais. Mignolo, através do conhecimento de Enrique Dussel, filósofo argentino, associado à filosofia da libertação, discute a questão da argumentação “antimoderna”.

---

<sup>84</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/ Projetos globais*, p. 164-165.

A modernidade, de acordo com Dussel, é para muitos um fenômeno essencialmente ou exclusivamente europeu. O filósofo argentino afirma que a modernidade é um fenômeno europeu, mas construído numa relação dialética com uma alteridade não-europeia.

Para o filósofo, a modernidade surge quando a Europa se afirma como o centro de uma história universal que ela mesma inaugura, e a “periferia” conseqüentemente torna-se parte de sua autodefinição. Quando a periferia se fecha (papel da Espanha e Portugal na formação do sistema mundial moderno, do século 15 ao século 17), os principais pensadores contemporâneos do “centro” são levados a uma falácia eurocêntrica. Toda essa discussão é baseada na reflexão de Mignolo, que destaca:

A ideia emergente da modernidade ou (contramodernidade) a partir de suas margens evidencia que a história não começa na Grécia e que diferentes inícios da história estão ao mesmo tempo ancorados em loci de enunciação diferentes.<sup>85</sup>

Este é o axioma fundamental da proposta que Mignolo dá para a razão subalterna. Mais uma vez Mignolo traz Dussel para falar a respeito da “transmodernidade”:

A transmodernidade (como projeto de liberação política, econômica, ecológica, erótica, pedagógica e religiosa) é a co-realização daquilo que a modernidade não consegue realizar sozinha: ou seja, uma inclusão solidária, a que chamei analéptica, entre centro/periferia, homem/mulher, diferentes raças, grupos étnicos, classes, civilização/ natureza, cultura ocidental/ culturas do terceiro mundo etc.<sup>86</sup>

Através dessa perspectiva é possível superar as dicotomias (dicotômico como sinônimo de moderno) e reafirmar os loci de enunciação nas fronteiras da expansão colonial, pressupondo, então, a formação da razão pós-colonial ou pós-ocidental como bem é colocada no título do segundo capítulo de seu *Histórias locais / Projetos globais*.

---

<sup>85</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/ Projetos globais*, p. 168-169.

<sup>86</sup> DUSSEL apud MIGNOLO. *Histórias locais/ Projetos globais*, p.169.

Um pensamento outro de suma relevância para o entendimento da “razão subalterna” é o conceito de opção descolonial de Mignolo debatido por Nolasco em *Perto do coração selbage da crítica fronteriza*. Para Nolasco, “o conceito de ‘opção descolonial’ corrobora o de “razão subalterna” na medida em que pode ser tomado como uma “desobediência epistêmica”<sup>87</sup>, ou seja, “pensar descolonialmente e agir politicamente de forma a não permanecer dentro da razão moderna com sua política imperial de identidades.”<sup>88</sup>

Nesse sentido, Nolasco ressalta que a transformação fundamental que ocorreu no espaço intelectual deu-se graças à configuração do pensamento crítico subalterno, como já assinalou Mignolo, pois a reflexão acrítica levou à exaustão a prática da repetição de teorias vindas de fora.

O que me leva a uma imposição do colonialismo interno (os indígenas não se encontram na mesma condição subalterna que os paraguaios, por exemplo), se penso a partir e sobre a fronteira Brasil-Paraguai posso perceber uma certa hegemonia de um em relação ao outro, e o papel da crítica subalterna é justamente barrar essa imposição.

Em seu livro de poemas, intitulado *Pântano*, Nolasco escreve: “Também trago comigo o *pertencimento* de um lugar que desconheço”<sup>89</sup>. Por muitas vezes me senti pertencer a lugar que me era estranho. Quando leio a produção de Serejo, me surpreendo com a descrição de coisas tão familiares ao meu lócus, mas ainda distantes de mim.

Desse modo, nós latinos ainda somos um povo que não conhece sua história, pois este direito nos foi negado, acredito que este seja um dos motivos, senão o

---

<sup>87</sup> NOLASCO. *Perto do coração selbage da crítica fronteriza*, p. 112.

<sup>88</sup> NOLASCO. *Perto do coração selbage da crítica fronteriza*, p. 112.

<sup>89</sup> NOLASCO. *Pântano*, p. 99.

principal motivo, pelo qual o pensamento liminar se faz necessário e urgente. Uma história outra se levanta da servidão e da ignorância, à revelia do mundo moderno.

Logo no prefácio de seu livro *Histórias locais/ projetos globais*, o crítico argentino esclarece que uma das importantes questões a serem tratadas em seu presente trabalho é a questão da diferença colonial, que considero importante o devido destaque, pois a diferença colonial é um dos principais motivos pela qual a opção descolonial se faz necessária.

Se precisamos optar por novos saberes, novas formas de pensar, novas epistemologias porque os preceitos da tradição greco-latina não conseguiram abarcar todas as questões dos povos e culturas de todo o universo, certamente é porque esses povos e culturas têm suas diferenças, sejam históricas, sociais, etc.

Mignolo afirma que:

Até meio do século 20 a diferença colonial respeitava a distinção clássica entre centros e periferias. Na segunda metade do século 20, a emergência do colonialismo global, gerenciado pelas corporações transnacionais, apagou a distinção que era válida para as formas iniciais de colonialismo e a colonialidade do poder. No passado a diferença colonial situava-se lá fora, distante do centro. Hoje emerge em toda parte, nas periferias dos centros e nos centros da periferia.<sup>90</sup>

A questão discutida aqui é que se outrora era possível ignorar a diferença colonial e mascarar as peculiaridades dos povos e nações, hoje já não é mais possível. Em relação ao mundo moderno, o crítico argentino ressalta que “[...] vem sendo descrito e teorizado de dentro do sistema, enquanto a variedade das experiências históricas e coloniais lhe vem sendo simplesmente anexada e contemplada a partir do interior do sistema.”<sup>91</sup> Para Mignolo é nas margens externas que reside a diferença colonial, e a dimensão espacial do sistema permite a reflexão a partir de tais margens, o que significa a opção descolonial.

---

<sup>90</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/ projetos globais*, p. 9.

<sup>91</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/ projetos globais*, p. 9.

Para tornar claro o que é a diferença colonial, o autor de *Histórias locais/ Projetos globais* destaca que é o espaço onde a colonialidade do poder emerge e onde as histórias locais, que implementam os projetos globais, encontram as histórias locais que recebem tais projetos globais, e estes precisam necessariamente adaptar-se, integrar-se, onde podem ser ignorados, rejeitados ou aceitos.

Em suma, a diferença colonial é o local ao mesmo tempo físico e imaginário onde a colonialidade do poder reside. Assim, a diferença colonial gera consequências e uma delas é o pensamento liminar que, para o crítico Walter Mignolo, é uma consequência lógica:

A diferença colonial cria condições para situações dialógicas nas quais se encena, do ponto de vista subalterno, uma enunciação fraturada, como reação ao discurso e à perspectiva hegemônica. Assim o pensamento liminar é mais do que uma enunciação híbrida. É uma enunciação fraturada em situações dialógicas com a cosmologia territorial e hegemônica (isto é, ideologia, perspectiva).<sup>92</sup>

Tal afirmação vai ao encontro com o pesquisador e crítico Edgar Cézar Nolasco, que trabalha com os pressupostos teóricos de Walter Mignolo para discutir um fazer descolonial a partir da condição fronteiriça do estado de Mato Grosso do Sul, mesmo local e mesma condição do escritor Hélio Serejo.

Nolasco tem a consciência de nossa condição periférica subalterna que nos impede e nos limita muitas vezes de alcançarmos certos feitos, como é o caso da literatura e da crítica de se expandirem e arrebatarem novos leitores, mas é essa consciência que nos leva a sairmos da inércia que nos cerceia. O estudioso mostra esse fato ao afirmar que:

A crítica subalternista e periférica do Sul (Brasil) pode até estar condenada a margem da crítica de línguas hegemônicas, assim como a América Latina sempre estará à margem do ocidente, mas a partir do momento que a crítica periférica tem consciência de seu lócus de enunciação no contexto

---

<sup>92</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/ projetos globais*, p. 11.

global ela pode, e deve, dialogar de igual para igual com as demais ideias críticas.<sup>93</sup>

Desse modo, é possível afirmar que uma política para a crítica no Brasil, que tenha consciência de nossa condição pós-colonial e por consequência subalterna e periférica, pode melhor nos representar e nos ajudar a ler melhor nossas produções locais.

O pensamento descolonial permite pensar além da margem, da borda-limite entre o moderno e o que está para além do que o pensamento moderno não pode abarcar, chamado, assim, de “pensamento liminar” (o qual eu prefiro designar por pensamento fronteiriço, conforme já expliquei em momento anterior) pelo teórico Walter Mignolo e trabalhado exaustivamente por Edgar César Nolasco em seu livro:

A definição dicionarizada de “liminar e a fronteira enquanto lugar onde algo começa a fazer sentido captam a condição ambulante e ambivalente, fronteiriça e fora do lugar (do eixo), migrante de origem, na qual convive (sobrevive) todo e qualquer sujeito subalterno. Aprendo como o pensamento liminar de Mignolo que pelo fato de o crítico fora do eixo habitar e vivenciar na condição de sua reflexão crítica. Ou seja, vê-se com isso que é possível “teorizar da margem”, como diz Mignolo.<sup>94</sup>

Para o crítico, autor de *Perto do coração selbage da crítica fronteriza*, a fronteira pode ser o lugar com “o caminho que aponta para os dois lados”; assim o sujeito subalterno que transita nessa condição de transfronteiridade permeada por dois pólos que se diferem, o eixo oposto, pode então optar por qual caminho quer percorrer. Esse caminho, metaforicamente, marca o pensamento crítico que emerge da fronteira; sendo, assim, possibilitado por sua condição é possível desobedecer epistemicamente a tradição ocidental e optar por um pensamento liminar.

É possível perceber que o crítico trabalha sua proposta de pensamento crítico da fronteira, um pensamento fronteiriço, em suma, a partir dos postulados teóricos do também crítico Walter Mignolo, e todos os conceitos vem reafirmar um

---

<sup>93</sup> NOLASCO. *Perto do coração selbage da crítica fronteriza*, p. 38.

<sup>94</sup> NOLASCO. *Perto do coração selbage da crítica fronteriza*, p. 60.

pensamento outro, uma nova forma de pensar o nosso lócus enunciativo que a crítica moderna nem sequer pode pensar, muitas vezes não porque não quis, mas porque realmente não havia condições para isso.

Um crítico vivenciando a fronteira de perto pode falar com mais propriedade da condição do crítico daqui e de suas produções, e como elas se desenvolvem. Somente um crítico que se localiza ao Sul e vivencia esse lócus enunciativo pode criar ou fazer com que novas teorias e epistemologias possam emergir daqui para pensar mais especificamente nossa condição geostórica cultural e social que se mantém através do traço de subalternidade e de diferença colonial.

Somente uma teoria fronteiriça pode me ajudar a pensar uma produção teórica e literária do escritor Hélio Serejo, o qual viveu como subalterno e fronteiriço, uma situação de transfronteiridade, podendo falar sobre o que viu e vivenciou do lado de cá e do lado de lá da fronteira-sul:

Morreu José Francisco Lopes Filho! Com ele desapareceu do nosso convívio o último filho do Guia Heroico, aquele homem simples, rústico e sincero que, sem nunca haver frequentado uma escola de soldado, pelo tino natural e por conhecer profundamente os terrenos, guiou a coluna do bravo Camisão pelas terras de Laguna, tão cheia de miasmas e ares tempestados, palco sinistro do nosso maior feito de guerra...<sup>95</sup>

Gostaria de salientar a importância da diferença entre fronteira epistemológica e geográfica, pois o pensamento liminar que se faz a partir da fronteira pode ser tanto epistemológico quanto geográfico, como é o caso do lócus enunciativo a partir do qual o autor de *Perto do coração selvagem da crítica fronteriza* enuncia, e por extensão a mim que também faço parte desse lócus periférico, fronteiriço, o Estado de Mato Grosso do Sul. Assim, Nolasco, a partir de Mignolo, explicita:

Articular uma crítica selvagem, da fronteira ou da margem demanda, de início, que o crítico subalterno privilegie um “local filosófico”, o que quer dizer, na esteira de Mignolo, que “a localização não é apenas geográfica, mas histórica, política e epistemológica.” (MIGNOLO, 2003, p. 158). Um local epistemológico específico dessa crítica selvagem que, se, por um lado,

---

<sup>95</sup> SEREJO. *Balaio de bugre*, p. 43.

opõe-se à crítica pensada nos grandes eixos do país e do mundo, por outro lado, articula-se “a partir da situação na qual foram colocados” ou se encontram os sujeitos que vivem na condição de fronteira, como o brasiguaiio, o ervateiro, o pantaneiro, o indígena, etc. Mas apenas isso não basta: é preciso que o crítico tenha uma “consciência mestiza” (Anzaldúa), uma consciência de homem-fronteira, de “liminalidade” (Mignolo).<sup>96</sup>

A fronteira aqui é importante tanto em seu sentido metafórico quanto em seu sentido físico. De acordo com Nolasco, “é pelo fato de o pensamento fronteiriço, que estrutura a crítica bárbara e selvagem, situar-se nas bordas e margens das histórias locais que sua perspectiva epistemológica tem de ser de natureza selvagem.”<sup>97</sup>

Assim, penso que um local remoto como Mato Grosso do Sul e toda região centro-oeste, mais especificamente o local onde se localiza a fronteira, que, a priori, não tem valor algum, não lhe é dada nenhuma importância e nem sequer desperta interesse da crítica dos grandes centros e, muitas, nem sequer da crítica daqui, quando nos revela escritores como Hélio Serejo e, mais recentemente, Douglas Diegues.

Ambos mostram e provam a veracidade da afirmação de Nolasco quando diz que o pensamento fronteiriço, esse pensamento outro, só pode ser pensado das e a partir das margens, das bordas, pois um sujeito que não se encontra nessa condição de subalternidade, não possui a sensibilidade biográfica, para compreender o que se passa nesse lócus específico e nem para registrar e transmitir essa ideia:

Na fronteira sul de Mato Grosso do Sul, de Puerto Quijaro (BO) e Pedro Juan Caballero (PY), os *atravessados* vivem: os sem-terras, os brasiguaiios, os índios, os fora da lei, os brasileiros (brasileritos), paaguaios (paraguaytos), os bolivianos (bolivianitos), os agricultores, os peões, o pantaneiro, o vaqueiro, o gaúcho e outros povos - todos, enfim, em sua condição de homem-fronteira. Essa condição de sujeito marginalizado, excluído e subalterno e sua luta pela sobrevivência também fazem parte das incertezas das margens.<sup>98</sup>

Somente um escritor como Hélio Serejo, que vivenciou os campos ervais, pode falar da condição de vida e da cultura dos ervateiros; e somente um brasiguaiio

<sup>96</sup> NOLASCO. *Perto do coração selbage da crítica fronteriza*, p. 70-71.

<sup>97</sup> NOLASCO. *Perto do coração selbage da crítica fronteriza*, p. 74.

<sup>98</sup> NOLASCO. *Perto do coração selbage da crítica fronteriza*, p. 77.

como Douglas Diegues pode ilustrar a violência que ocorre na fronteira Sul deste país, e misturar línguas, resultado da mistura cultural que ocorre na fronteira.

A fronteira ilustra a paisagem cultural sul-mato-grossense, muitas vezes marcada pela paisagem, e aqui tomo de empréstimo a definição de Nolasco para caracterizar essa paisagem como “sanguinolenta”:

Tal qual a luta travada entre os sujeitos em sua condição de fronteira, inclusive pela sobrevivência, a crítica selvagem ou de fronteira luta para que o lócus de enunciação crítica se desloque dos eixos para os fora do eixo, do Primeiro para o Terceiro Mundo, reivindicando a legitimidade da “localização filosófica” (MIGNOLO), da localização epistemológica específica da fronteira. Não por acaso Mignolo lembra-nos que Gloria Anzaldúa considerava as fronteiras como lugares onde cai a distinção entre o interior e o estrangeiro: “as próprias fronteiras tornam-se o lugar de reflexão e libertação de temores construídos pelos intelectuais nacionais sobre o que possa vir de fora”.<sup>99</sup>

Desse modo, torna-se importante trabalhar o conceito de epistemologia fronteriza que Nolasco traz de Mignolo e Anzaldúa para que seja possível uma descolonização do pensamento moderno cristalizado, mesmo aqui na fronteira-sul, pensamento esse que não dá conta de abarcar todas as questões geoistóricas que abrangem nossa condição fronteiriça, esse traço que marca a nossa diferença colonial existente. A partir de então passa a se considerar para a crítica pós-colonial a questão do *bios*, como Nolasco bem descreve:

[...] talvez este seja o maior papel da crítica selvagem: o de partir as fronteiras, sobretudo, e principalmente, a epistemológica, para que as diferenças democráticas, de direito e de justiça pelo menos se amenizem nessas bordas belicosas onde os sujeitos subalternos ancoram seu bios.<sup>100</sup>

Na esteira de Mignolo, Nolasco afirma que o pensamento trabalhado pelo teórico que analisa o livro de Anzaldúa, *Borderlands/ La Frontera* (1987), e possibilita através deste livro, a afirmação de que há “uma direção possível para a superação do ocidentalismo”<sup>101</sup>.

<sup>99</sup> NOLASCO. *Perto do coração selbage da crítica fronteriza*, p. 76.

<sup>100</sup> NOLASCO. *Perto do coração selbage da crítica fronteriza*, p. 77.

<sup>101</sup> NOLASCO. *Perto do coração selbage da crítica fronteriza*, p. 77.

Isso se faz a partir de novas epistemologias pensadas a partir de seu próprio lócus enunciativo, que nos ajuda a pensarmos melhor nossa condição sem cairmos em comparações binárias. Desse modo, Nolasco se preocupa em frisar que “[...] também não estou dizendo com isso que uma crítica que emirja desse lócus seria a que melhor poderia abarcar a discussão crítica.”<sup>102</sup>

O que o autor propõe é que “[...] qualquer discurso crítico que se formule sobre o assunto deva contemplar, necessariamente, as especificidades inerentes ao lócus cultural em questão, bem como ao sujeito nele imbricado.”<sup>103</sup>

Isso vale para a própria crítica brasileira que muitas vezes se faz a partir da comparação com produções vindas de fora e muitas vezes reforça o binarismo, ou muitas vezes, ao se colocar numa posição de intelectual conhecedor de uma nova ideia, a qual a maioria ainda não tem conhecimento ou não está acostumado, toma uma postura pedante, muitas vezes castradora que não encampa toda a situação de marginalidade de um sujeito, tornando, assim, este sujeito apenas um objeto em análise e não um ser que se molda, se desenvolve e também produz conhecimento, pois como Nolasco ressalta em seu livro:

[...] os lugares subalternos, atravessados por suas especificidades como o bilinguajamento, a mistura de povos, o barbarismo e a selvageria, a condição de fora da lei, a sombra e o esquecimento, a festa e a alegria, naturalmente fizeram emergir seus saberes, sua nova epistemologia.<sup>104</sup>

Assim o crítico deve ter cuidado, nas palavras de Nolasco, “deve haver por parte do intelectual que, às vezes tomado pelas boas intenções, se arvora de um poder não menos castrador e propõe uma reflexão crítica que encampa o sujeito excluído mas não alcança seu lócus geoistórico.”<sup>105</sup>

---

<sup>102</sup> NOLASCO. *Perto do coração selbage da crítica fronteriza*, p. 78.

<sup>103</sup> NOLASCO. *Perto do coração selbage da crítica fronteriza*, p. 78.

<sup>104</sup> NOLASCO. *Perto do coração selbage da crítica fronteriza*, p. 80.

<sup>105</sup> NOLASCO. *Perto do coração selbage da crítica fronteriza*, p. 80.

Nolasco, ao mencionar Grosfoguel, afirma que o “[...] pensamento de fronteira é, precisamente, uma resposta crítica aos fundamentalismos, sejam eles hegemônicos ou marginais”, acredito que seja possível afirmar então, que o pensamento da fronteira se materialize como o discurso do oprimido, é o “direito ao grito” do qual falava Clarice Lispector.

Esse pensamento de fronteira é precisamente o que vou discutir na próxima seção deste trabalho, a fim de fazer emergir uma epistemologia outra que melhor compreenda a produção local de Hélio Serejo.

### 1.1.3 Pensamento Fronteiriço

Dia e noite, ao entardecer ou na madrugada fresca e silenciosa, fui juntando conta por conta, e formei o meu rosário... rosário de divagações literárias que coloca humildemente, nas mãos de meus patrícios. Em cada conta está um pouco da predestinação que Deus me deu.

SEREJO. *Contas do meu rosário*, p. 5.

Serejo sempre falava sobre sua literatura com humildade, e sempre destacava a simplicidade de sua poesia xucra, como chamava. Em *Contas do meu rosário* (sd), o escritor fronteiriço destaca sua admiração por grandes e reconhecidos escritores como Casimiro de Abreu e Monteiro Lobato, mas também por escritores subalternos e desconhecidos como Dimas Costa. Serejo fala desses escritores como forma de prestar sua homenagem, e ao falar desses desconhecidos e fronteiriços está tecendo seu rosário de histórias locais, conforme exposto na epígrafe.

O escritor aproveita para transcrever alguns poemas e trechos de textos de seus amigos escritores desconhecidos, talvez com o desejo de lhes dar alguma visibilidade literária; Serejo fala sempre em seus livros das coisas que gosta, das coisas simples, dos lugares por onde passou e viveu; o escritor ressalta aquilo que

há de mais puro, seu povo, seu local, seu rincão. Tudo que é parte da cultura e do lugar onde ele vive por mais simples que seja possui um grande valor, é inestimável:

Na estância da poesia crioula se entropilham os índios que pialam a rima com mestria e fulgor. Em cada estrofe - puaços vivos de tradição - vamos sentindo o corcovear dos xucros e o cincerrear das recordações. São fiapos da opulência dos pampas sacudindo nossa memória.<sup>106</sup>

Acredito que o modo como Serejo escreve e as coisas sobre as quais ele fala mostram seu pensamento fronteiriço. O pensamento fronteiriço pode ser melhor compreendido a partir dos postulados teóricos de cunho pós-ocidental, pois, para mim, a escritura de Serejo por si só desenvolve uma nova epistemologia, a qual me ajuda a pensar meu lócus fronteiriço bem como o *bios* dos sujeitos que habitam esse local específico. O pensamento fronteiriço pode ser entendido a partir de Mignolo:

Estou agora introduzindo a noção de pensamento liminar com a intenção de transcender a hermenêutica e a epistemologia, bem como a distinção correspondente entre aquele que conhece e aquele que é conhecido, na epistemologia da segunda modernidade. O problema não é descrever na “realidade” os dois lados da fronteira. O problema é fazê-lo a partir de sua exterioridade (no sentido de Levinas). O objetivo é apagar a distinção entre o sujeito que conhece e o objeto que é conhecido, entre um objeto “híbrido” (o limite como aquilo que é conhecido) e um “puro” sujeito disciplinar ou interdisciplinar (o conhecedor) não contaminado pelas questões liminares que descreve. Para mudar os termos do diálogo é necessário ultrapassar, por um lado, a distinção entre sujeito e objeto, e, por outro, entre epistemologia e hermenêutica. O pensamento liminar visa ser o espaço no qual se elabore essa nova lógica.<sup>107</sup>

Para que seja possível o desenvolvimento de uma proposta a partir de uma epistemologia desobediente, é preciso entender o argumento do teórico em seu artigo “Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política”. Neste artigo, Mignolo esclarece a diferença primordial que há entre as duas teses trabalhadas: “identidade em política”, que, de acordo com o autor, é melhor que a segunda, “a política de identidade”.

Nesse sentido, Mignolo ressalta logo no resumo do artigo que a primeira tese, identidade em política “[...] é um movimento necessário de pensamento e ação no

<sup>106</sup> SEREJO. *Contas do meu rosário*, p. 26.

<sup>107</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/ Projetos globais*, p. 42.

sentido de romper as grades da moderna teoria política (na Europa desde Maquiavel), que é, mesmo que não se perceba, racista e patriarcal”<sup>108</sup>. A segunda tese postula que as minorias tiveram seu agenciamento político negado por serem consideradas inferiores. De fato ocorreu essa negação pelo mesmo motivo, sendo necessária uma mudança de “descolonização política”.

Isso porque uma desobediência civil sem desobediência epistêmica não é suficiente, pois dessa maneira as minorias sociais continuarão presas em “[...] jogos controlados pela teoria política eurocêntricas.<sup>109</sup> Segundo Mignolo, essas “[...] duas teses são os pilares da opção descolonial, que nos permite pensar em termos do diversificado espectro da esquerda marxista e, de outro lado, do diversificado espectro da esquerda descolonial.”<sup>110</sup>

O argumento de Walter Mignolo em favor da opção descolonial a partir de uma desobediência epistêmica se fundamenta em razão da necessidade do mundo ocidental, e principalmente os países que vivem em situação de pós-colonialidade, se desprender totalmente das amarras e marcas deixadas pela colonização. Sem desobediência epistêmica:

[...] não será possível o desencadeamento epistêmico e, portanto, permaneceremos no domínio da oposição interna aos conceitos modernos e eurocentrados, enraizados nas categorias de conceitos gregos e latinos e nas experiências e subjetividades formadas dessas bases, tanto teológicas quanto seculares. Não seremos capazes de ultrapassar os limites do Marxismo, os limites do Freudismo e Lacanismo, os limites do Foucauldianismo; ou os limites da Escola de Frankfurt, incluindo um pensador fundamentado na história dos judeus e da língua alemã tão esplêndido quanto Walter Benjamin.<sup>111</sup>

É importante deixar claro que Mignolo não está propondo que as ideias críticas europeias sejam simplesmente desconsideradas ou deslegitimadas, mas

---

<sup>108</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 287.

<sup>109</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 287.

<sup>110</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 287.

<sup>111</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 288.

que sejam vistas a partir de um olhar outro, considerando as diferenças coloniais encontradas nas mais diversas culturas, sejam elas ocidentais ou não.

Nesse sentido, me proponho a uma desobediência epistêmica para ler a obra de Hélio Serejo, pois acredito que o fato de ser uma obra que predominantemente retrata os povos marginalizados de Mato Grosso do Sul, não pode ser lida a partir de “[...] conceitos modernos e eurocentrados, enraizados nas categorias de conceitos gregos e latinos e nas experiências e subjetividades formadas dessas bases, tanto teológicas quanto seculares”<sup>112</sup>

Isso porque dessa maneira não será possível “[...] ultrapassar os limites do Marxismo, os limites do Freudismo e Lacanismo, os limites do Foucauldianismo; ou os limites da Escola de Frankfurt [...]”<sup>113</sup>. A desobediência epistêmica é o pensamento fronteiro que desenvolvo para ler as obras do escritor também fronteiro.

*Contas do meu rosário* reúne também uma série de histórias locais sobre fantasmas e assombrações. Na parte intitulada “Mitos e lendas de Mato Grosso”, Serejo rememora histórias de figuras que fazem parte do imaginário popular da região de Mato Grosso do Sul: Pé-de-garrafa, Mula sem cabeça e Negrinho d’água. Essas lendas e mitos, como se refere o escritor, fazem parte de uma memória da cultura local que eu pouco conhecia, já minha avó reconheceu todas essas lendas quando as li para ela.

As lendas registradas por Serejo em sua obra fazem parte de uma memória que as histórias locais guardam, e devem ser exumadas<sup>114</sup> para que não sejam

---

<sup>112</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 288.

<sup>113</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 288.

<sup>114</sup> Irei discutir a questão da exumação das histórias locais da fronteira-sul também no Capítulo III.

esquecidas ou se percam ao longo dos anos sendo massacradas pela tradição europeia.

A importância desse registro por parte do escritor se dá pelo fato dos povos de Mato Grosso do Sul possuírem uma forma de acessar e resgatar essas histórias que representam os povos do lugar e seus costumes e credences que fazem parte de sua cultura, em que o sujeito se reconhece e se identifica enquanto ser pertencente desse lócus:

Em Sanga-Puitã, povoação fronteiriça, com o Paraguai, pouco além de Ponta Porã, muita gente viu um fogo sair de uma peroba oca, em forma de uma pessoa coberta por um véu. Tão forte era o brilho do fogo, que o cristão abaixava o rosto, lavadas por grossas e copiosas lágrimas.<sup>115</sup>

Refletindo mais profundamente sobre o ponto principal que Mignolo trata em seu artigo, a “identidade em política”, o teórico afirma que a política de identidade se baseia em suposições que podem ser perigosas porque podem levar a um radicalismo e fundamentalismo, pois tal política se baseia na ideia de construção de uma identidade única, homogênea e que forma um construto universal, por exemplo, ser branco, heterossexual do sexo masculino.

Desse modo a identidade em política a qual Mignolo vem propor, se faz essencial, pois ela é crucial para a opção descolonial, ou seja, pensar além das ideias imperialistas da tradição moderna ocidental que permearam o mundo ao longo dos últimos séculos.

A partir das teorias advindas dos estudos pós-ocidentais, mais especificamente os estudos desenvolvidos pelo estudioso argentino Walter Mignolo e da crítica biográfica muito estudada pela intelectual mineira Eneida Maria de Souza, surge então a crítica biográfica fronteiriça proposta por Edgar César Nolasco que volta seu olhar para a fronteira-sul. Com seu livro *Perto do coração selbage da*

---

<sup>115</sup> SEREJO. *Contas do meu rosário*, p. 62.

*crítica fronteriza*, aprendo a pensar melhor meu lócus fronteiroço e periférico, e pensar intelectualmente, criticamente e descolonialmente meu local.

Logo na introdução do livro, intitulada “Selbage & Fronteriza”, Nolasco traz uma epígrafe com o trecho do texto “Desobediência Epistêmica”, de Walter Mignolo, na qual discute exatamente a questão do pensamento descolonial. Segundo o crítico argentino, pensar descolonialmente significa “o fazer descolonial”, ou seja, a prática se faz na teoria, elas não se distinguem assim como ocorre nas teorias modernas.

Outra preocupação bastante relevante que o autor ressalta é o cuidado para não reforçar o binarismo nas relações “centro X periferia”, “eixo X fora do eixo”, “civilizado X bárbaro”, “norte X sul”, etc. Assim se faz a opção descolonial, pensar fora do eixo é também desobedecer epistemicamente.

O discurso de Serejo reflete a figura do homem simples da região oeste do Brasil, com suas credices e histórias que habitam a imaginação dos povos locais. Por isso o escritor é um pensador fronteiroço, pois pensa a partir de seu lócus e reconhece a produção de conhecimento e cultural desse lócus geostórico:

Os “causos” sobre assombrações, dariam um excelente livro em Mato Grosso, sem nenhuma dúvida. A imaginação do matogrossense é exuberante e o seu poder de captar fatos alinhando as imagens, é algo de respeitável. Conseguimos reunir alguns e, prazerosamente, aqui os relatamos, fielmente, sem aumento de uma só vírgula.<sup>116</sup>

Para Mignolo, as identidades construídas pelos discursos europeus modernos eram raciais e patriarcais, e a identidade em política é a única forma de se fazer a descolonização epistemológica; todas as outras formas de pensamento não descoloniais, permanecem na razão imperial, dentro da política de identidade que é imperial, e o que é necessário para uma opção descolonial e para a desobediência epistêmica é o pensamento a partir da razão pós-ocidental, posto que assim é possível entender melhor o pensamento fronteiroço, também proposto por Mignolo:

---

<sup>116</sup> SEREJO. *Contas do meu rosário*, p. 62.

Uma poesia subalterna, bárbara e selvagem tem de romper, quando a noite distende seu silêncio no campo e o pântano fica no limite do transbordamento, as bordas da civilização latifundiária do poder e do saber e impor seu discurso da *ignorância* natural e geoistórico da fronteira, e sem medo de ser feliz.<sup>117</sup>

É possível notar em tudo que Serejo escreve sua profunda admiração pelo povo da região de Mato Grosso do Sul; e havia nele a necessidade de relatar, representar em sua obra esse povo e esse local fronteiriço como forma de homenageá-los.

Assim se pensa a partir da fronteira; é desse modo que o pensamento fronteiriço se desenvolve, surgindo a partir de uma razão não aristotélica, que escapa dos padrões de raciocínio europeizantes, sendo assim uma “razão subalterna”, conforme já mostrei.

Para Nolasco, a noção de opção descolonial corrobora a de “razão subalterna” “[...] na medida em que pode ser tomado como uma *desobediência epistêmica* (Mignolo) frente ao projeto moderno e seus conceitos eurocentrados”.<sup>118</sup> Se faz necessário para uma crítica de razão subalterna “[...] pensar descolonialmente e agir politicamente de forma a não permanecer dentro da razão moderna com sua política imperial de identidades”.<sup>119</sup>

Na esteira de Mignolo, Nolasco assinala que “[...] a transformação fundamental que ocorreu no espaço intelectual deu-se graças à configuração do pensamento crítico subalterno”<sup>120</sup> As mudanças que ocorrem são de base conceitual, a mudança do pensamento é o que contribui para a mudança das produções críticas, teóricas e culturais de determinado locus enunciativo.

---

<sup>117</sup> NOLASCO. *Pântano*, p. 101.

<sup>118</sup> NOLASCO. *Perto do coração selbage da crítica fronteriza*, p. 112.

<sup>119</sup> NOLASCO. *Perto do coração selbage da crítica fronteriza*, p. 112.

<sup>120</sup> NOLASCO. *Perto do coração selbage da crítica fronteriza*, p. 112.

Ironicamente ou não essas mudanças de cunho teórico ocorrem de forma mais lenta justamente nas academias periféricas como é o caso da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, localizada em região de fronteira, e não por acaso poucos são os estudos pós-coloniais, fronteiriços ou subalternos desenvolvidos aqui. Devido ao que constatou Mignolo, e Nolasco mais uma vez ressalta, trazendo a discussão para seu trabalho:

[...] se, por um lado, tal crítica parece estar aberta a receber, avaliar e traduzir as novas práticas (teóricas, críticas e estéticas) que vão surgindo de fora para dentro sem nenhum apego à tradição interna; por outro, existe um ranço subalternista, cultural e histórico, que obriga (instiga) essa mesma crítica a defender a tradição moderna aqui hospedada.<sup>121</sup>

A reflexão crítica que se faz necessária aqui e pensando a partir daqui, não pode simplesmente repetir as teorias dos centros, pois se repetirmos teorias não estamos desenvolvendo crítica, mas, sim, desenvolvendo apenas uma “reflexão acrítica” que não se preocupa em pensar a partir de um novo olhar, e levando em consideração o lócus em questão. De acordo com Nolasco, foi a prática dessa “reflexão acrítica” que levou a exaustão a repetição de teorias vindas de fora.

Dessa forma caímos no pensamento binário, e nas dicotomias que acabam por tornar as práticas teóricas castradoras e imperialistas. Nesse sentido, “no campo da crítica, a razão pós-subalterna vem barrar o colonialismo interno crítico que se cristalizou nas discussões e propor o ultrapassamento de qualquer pensamento dicotômico. Dicotômico, aqui, é sinônimo de moderno.”<sup>122</sup>

Desse modo, os discursos que emergem daqui devem “reconceitualizar” as teorias advindas de fora, dos grandes centros de maneira a ajudar na melhor compreensão do locus periférico em questão. Segundo o autor:

Reconceitualizar, aqui, pela razão da crítica subalterna implica essa crítica pôr em articulação uma epistemologia outra que a seu modo vai tomando

<sup>121</sup> NOLASCO. *Perto do coração selbage da crítica fronteriza*, p. 112-113.

<sup>122</sup> NOLASCO. *Perto do coração selbage da crítica fronteriza*, p. 113.

conhecimento e minando por dentro a conceitualização cristalizada encontrada pelo caminho, isto é, a epistemologia moderna.<sup>123</sup>

Falamos bastante de *lócus* e como ele permeia toda a discussão durante todo o trajeto teórico que o autor traça em seu livro; surge então como não poderia deixar de ser, uma vez que Nolasco está propondo a crítica biográfica fronteiriça, o *bios* como inserção do sujeito nesse *lócus* específico. De acordo com o estudioso:

A crítica periférica como a nossa, situada nessa zona *fronteriza* sem lei, ao por em prática seu fazer de uma teorização pós-colonial, busca romper, ou barrar a dominação imposta por meio do colonialismo interno da crítica dos grandes eixos do país ou até mesmo da vinda de fora. Tal gesto crítico proposto pela crítica subalterna busca a *libertação em todas as esferas da vida*, tanto do *bios* quanto das memórias dos sujeitos e produções humanas envolvidos na condição de subalternidade<sup>124</sup>.

Como exemplo dessa condição de subalternidade, “os indígenas não se encontram na mesma condição subalterna que os paraguaios, os bolivianos, os brasiguaios, os árabes e os japoneses”.<sup>125</sup> O que comprova a tese de que cada sujeito subalterno possui suas características e situações específicas, mesmo que todos se encontrem em situação de subalternidade, é a “diferença colonial” discutida por Mignolo.

A partir de seu *lócus* e sua condição, chegamos à noção de experiência, em que somente o sujeito que vivencia naquele *lócus* e naquela condição tem. Como Nolasco ressalta,

[...] a experiência, ou posição, na qual se encontra o crítico subalterno, ao mesmo tempo em que desenha o contorno de seu *bios*, também permite a inscrição da teorização pós-ocidental como uma “teorização bárbara” (selvagem, periférica, *fronteriza*).<sup>126</sup>

A exemplo de vivência e experiência, temos além do crítico subalterno, o artista subalterno, que o autor traz para o bojo de sua discussão, e “produz a partir

<sup>123</sup> NOLASCO. *Perto do coração selbaga da crítica fronteiriça*, p. 114.

<sup>124</sup> NOLASCO. *Perto do coração selbaga da crítica fronteiriça*, p. 114-115.

<sup>125</sup> NOLASCO. *Perto do coração selbaga da crítica fronteiriça*, p. 115.

<sup>126</sup> NOLASCO. *Perto do coração selbaga da crítica fronteiriça*, p. 115.

da condição na qual se encontra, quer tenha consciência disso ou não”<sup>127</sup>. A partir dessa ideia, chegamos à noção de consciência subalterna que Nolasco vai discutir e descrever da seguinte forma: “A *consciência subalterna* fala por sua obra.”<sup>128</sup>

Nolasco toma como exemplo a artista Conceição dos Bugres e seus bugres esculpidos em madeira. É pertinente lembrar que a artista produz e se encontra “em um cenário artístico esteticamente moderno, branco e preconceituoso, onde o indígena nunca teve vez à voz...”<sup>129</sup>

O que explica o não reconhecimento de Conceição dos Bugres como artista local, tornando-a naturalmente subalterna, e comprovando a necessidade de voltarmos nosso olhar para este lócus específico através de uma nova epistemologia que possa abranger povos, histórias, culturas e produções locais como as da artista subalterna, aqui trazida como ilustração da discussão teórica. Mais uma vez se faz importante ressaltar que:

[...] o conceito de “opção descolonial” corrobora tudo o que se disse até aqui sobre a razão pós-subalterna porque, enquanto ação epistêmica, permite (significa) aprender a desaprender os conceitos fundamentados na razão ocidental e na ideia de acumulação de conhecimento (MIGNOLO).<sup>130</sup>

O *bios* se faz pertinente como parte da vivência e inserção do sujeito no teor crítico e teórico, pois implica na reafirmação e retomada de seu lócus cultural e de enunciação, que reside na diferença colonial, como o livro evidencia, que já vem inscrita nos corpos dos sujeitos subalternos revelando essa condição, periférica e marginalizada, mais especificamente aqui, fronteiriça.

Há uma história imperante, quando lemos a partir do que diz a tradição moderna no ocidente, mas para resgatarmos essa memória subalterna, precisamos

---

<sup>127</sup> NOLASCO. *Perto do coração selbage da crítica fronteriza*, p. 115.

<sup>128</sup> NOLASCO. *Perto do coração selbage da crítica fronteriza*, p. 115.

<sup>129</sup> NOLASCO. *Perto do coração selbage da crítica fronteriza*, p. 116.

<sup>130</sup> NOLASCO. *Perto do coração selbage da crítica fronteriza*, p. 117.

exumar as nossas histórias locais que ficaram enterradas com o peso da tradição moderna ocidental.

Aqui na América Latina, quando se lê a história mundial a partir do que dizem os grandes centros de produção de conhecimento, parece não haver história local específica, sendo que já havia. Há produções de conhecimento que são milenares em sua tradição local, mas que devido à memória imperante do colonizador europeu ficaram apagadas; reconhecer essas memórias como subalternas é o primeiro passo para seu resgate, por isso elas *sobrevivem*.

Para exumar essas memórias, o autor afirma diz que “[...] é preciso abrir o arquivo do período colonial moderno.”<sup>131</sup> Isso significa voltar ao começo ou começos, às origens de nossa história local, mas é preciso que se faça isso a partir de um novo olhar, uma nova ótica, um pensamento outro, um modo outro de se voltar para o que se perdeu, “pois se a origem das memórias subalternas dá-se com a estruturação do sistema colonial moderno, a palavra arquivo, por sua vez, traz desde sua origem grega (“Arkhê”) a ideia de começo.”<sup>132</sup>

Seguindo a linha de raciocínio a partir do que propõe Derrida em *Mal de Arquivo* (2001), Nolasco desenvolve a noção do que seria esse processo de recuperação de nosso arquivo. Para o autor:

[...] tal arquivamento leva a um esquecimento letal das memórias subalternas. Uma epistemologia moderna, como a encontrada na leitura que sustenta a discussão proposta por Derrida em *Mal de Arquivo*, assentada na história grega, simplesmente não atinge o arquivo que contempla as memórias latinas. Apenas uma epistemologia outra, que aprendeu a escutar o balbucio das memórias enterradas vivas e das histórias locais, por se erigir também de uma zona de fronteira, pode abrir o arquivo das memórias *mal* contadas pelo outro.<sup>133</sup>

A partir das proposições de Nolasco, é possível concluir, e para isso faço uso das próprias palavras do autor, “[...] que todas as famílias, todos os povos, todos os

<sup>131</sup> NOLASCO. *Perto do coração selbage da crítica fronteriza*, p. 141.

<sup>132</sup> NOLASCO. *Perto do coração selbage da crítica fronteriza*, p. 141.

<sup>133</sup> NOLASCO. *Perto do coração selbage da crítica fronteriza*, p. 141.

lugares, todas as fronteiras, inventam suas memórias de vida, suas memórias de morte, suas memórias de *sobrevida*”<sup>134</sup>.

Assim se dá e se constitui a memórias dos povos marginalizados que se faz por excelência subalterna, caso contrário as histórias desses povos seriam totalmente esquecidas; mas devido a essa desobediência epistêmica, a partir da memória dos povos subalternos essas memórias se preservam mesmo que muitas vezes em uma situação de *sobrevida*.

Essas questões da memória e da sobrevida serão discutidas com mais atenção no Capítulo II, dedicado ao estudo da noção de crioulisto tanto na perspectiva de críticos latino-americanos quanto do escritor fronteiriço Hélio Serejo, também teorizador da crítica crioula em sua obra literária.

---

<sup>134</sup> NOLASCO. *Perto do coração selbaga da crítica fronteriza*, p. 142.

## **CAPÍTULO II – CRÍTICA BIOGRÁFICA CRIOULA**

Sorví, com muita sofreguidão, o selvático, o descampado, os cômoros, os brejais infindáveis, as croas, o vargado de moitas clorofiladas, os pára-tudos chamadores de raios, a solitária lagoa de água azulada, os trilheiros dos bichos-do-mato, o vento sulino anunciando chuva, a sinfonia das tabôas nos alagadiços, a algazarra ruidosa das “baitacas” na roça de milho, as “canhadas” onde aves diversas buscam o farnel apetitoso, as árvores desgalhadas, no espigão de pouca sombra, o chirlar festivo da passarada, o urro da fera andeja que corta o despovoado sem rumo determinado, o barulho cantante da queda d’água no coração das brenhas, e o luar que branqueja a vastidão. Viví, intensamente, esses momentos, formadores todos do crioulisto embriagador.

## 2.1. Histórias Crioulas Locais

Versos, quem sabe, se feitos por algum poeta esquecido, emotivo e sonhador em seu peregrinar de judeu pelas sinuosas e ásperas estradas retorcidas das estâncias crioulas...

SEREJO. *Zé Fornalha*, p. 15

A crítica biográfica, por sua natureza compósita, é uma tendência atual que extrapola a crítica literária, como diz Eneida Maria de Souza logo no início de seu artigo “Notas sobre a Crítica Biográfica”, de grande relevância para os estudos da crítica biográfica, uma vez que se trata de uma linha bastante recente.

Essa crítica compósita tem paralelos com o crioulisto de Hélio Serejo, pois esta ideia, assim como aquela, é de diversificada (diversalidade; MIGNOLO) natureza, como se pode notar na epígrafe que abre este capítulo, bem como a que inicia esta seção.

Além de Eneida Maria de Souza, temos no Brasil Silvano Santiago que também se propõe a refletir criticamente questões voltadas à relação entre obra e autor. Considero importante destacar que a crítica biográfica é, também, um exercício comparativo, haja vista a sua natureza compósita<sup>135</sup>. Nos estudos de Literatura Comparada já havia indícios desse processo. Tânia Franco Carvalhal, em *O próprio e o alheio* (2003), afirma acerca da Literatura Comparada e a crescente ampliação dos horizontes que:

[...] ao ocupar-se com os estudos contrastivos entre o material literário e o não literário, em práticas interdisciplinares características da atuação comparatista recente, a literatura comparada leva-nos para o amplo jogo dos discursos e faz-se também leitura do texto na História.<sup>136</sup>

Pretendo fazer aqui um percurso desde a crítica biográfica até a crítica biográfica fronteira uma vez que ela se dá a partir de um pensamento de razão pós-ocidental, proposto por Edgar Cézard Nolasco, em que irá discutir entre outras

---

<sup>135</sup> Já sinalizei no Capítulo I que a crítica biográfica (fronteira), apesar de ter relação com a Literatura Comparada, fez avanços significativos em relação aos estudos comparados.

<sup>136</sup> CARVALHAL. *O próprio e o alheio*, p. 20.

coisas, as sensibilidades biográficas, na medida em que me encontro em um lócus periférico e me dedico ao estudo das obras do escritor fronteiriço Hélio Serejo, que nos mostra a sua razão subalterna de sujeito periférico e fora do eixo ao se colocar como “poeta esquecido”, como alude a epígrafe que dá início a este subtítulo.

Em “Crítica genética e crítica biográfica”, Eneida Maria de Souza nos traz importantes esclarecimentos em relação aos conceitos acerca da crítica biográfica. A partir da crítica genética, o manuscrito tem grande relevância, uma vez que este proporcionará a revitalização do texto literário.

Assim, Souza, à luz de Louis Hay, um dos principais estudiosos da crítica genética, postula que o manuscrito é de uma diversidade extraordinária, pertencente às mais variadas etapas do processo de escrita, como esboços, rascunhos, cadernos, planos, dossiês, etc. Eneida discorre sobre a importância do arquivo ao afirmar que:

É digno de nota o rico material existente nos acervos dos escritores, como a correspondência entre colegas, depoimentos, iconografias, entrevistas, documentos de natureza privada, assim como a sua biblioteca, cultivada durante anos. Um esboço de biografia intelectual emana desses papéis, ao serem incorporados ao texto em processo, a cronologia dos autores, o encarte de fotos, a reprodução de documentos relativos à sua experiência literária, assim como a revisão da bibliografia sobre os titulares das coleções.<sup>137</sup>

E ainda reforça que “[...] o objeto de estudo é construído no decorrer do arranjo dos arquivos, da surpresa vivenciada a cada passo do trabalho.”<sup>138</sup> Uma busca ao arquivo pessoal do escritor trata-se, então, de uma tarefa fundamental não só para a construção da biografia desse sujeito como também da ampliação do horizonte em relação ao seu trabalho literário.

Na esteira de Souza (2010), o entusiasmo pelo processo da escrita e o interesse pela gênese dos textos (na crítica genética) ultrapassam a curiosidade do

---

<sup>137</sup> SOUZA, “Crítica genética e crítica biográfica”, p. 26.

<sup>138</sup> SOUZA, “Crítica genética e crítica biográfica”, p. 26.

crítico em penetrar nos bastidores da criação e atingem dimensões próprias ao exercício literário, assim o percurso que procuro traçar aqui começa a se aproximar do que virá a ser a crítica biográfica, como afirma Souza:

Seguindo parâmetros referentes à crítica biográfica, é necessário distinguir e condensar os polos da arte e da vida, através da utilização de um raciocínio substitutivo e metafórico, com vistas a não naturalizar e a reduzir os acontecimentos vivenciados pelo escritor. A preservação da liberdade poética da obra, na reconstrução de perfis biográficos, consiste no procedimento de mão dupla, ou seja, reunir o material poético ao biográfico, transformando a linguagem do cotidiano em ato literário.<sup>139</sup>

Dessa forma, a estudiosa mostra a natureza compósita da crítica biográfica, ao se valer do viés metafórico para tratar das relações entre autor, leitor e obra, não se preocupando com o que é da ordem do ficcional ou do não ficcional. Essa é uma das marcas que faz com que a crítica biográfica se distancie da Literatura Comparada e a extrapole, avançando o debate crítico em torno da metodologia comparatista que compõe a crítica biográfica fronteiriça.

Outro ponto de grande relevância, segundo Souza (2010), é modo como a situação foi metaforizada e deslocada pela ficção, ou seja, o nome próprio de personagens, mesmo que se refira a pessoas que fazem parte da vida do autor, não impede que sua encenação embaralhe as referências e coloque a verdade biográfica em suspenso, não garantem que não se trata de um texto ficcional. Em *Janelas Indiscretas* (2011), Souza afirma que:

A crítica biográfica se apropria da metodologia comparatista ao processar a relação entre obra e vida dos escritores pela mediação de temas comuns, como a morte, a doença, o amor, o suicídio, a traição, o ódio, as relações familiares, como o tema dos irmãos inimigos, da busca do pai, da bastardia, do filho pródigo e assim por diante.<sup>140</sup>

Um exemplo disso é o livro *O falso mentiroso: memórias* (2004) de Silvano Santiago, em que o autor narra a vida de Samuel, mas não há como afirmar com precisão se a vida narrada no livro é mesmo a vida de Samuel ou se trata da vida do

---

<sup>139</sup> SOUZA, “Crítica genética e crítica biográfica”, p. 26-27.

<sup>140</sup> SOUZA. *Janelas Indiscretas*, p. 20.

autor, que joga com o leitor no decorrer do texto, ao mencionar o nome verdadeiro de seus pais como sendo da personagem.

Além da capa ilustrada por uma foto do autor ainda criança, o título do livro é bastante sugestivo, devido à palavra: “falso”, pois se alguém afirma ser um “falso mentiroso” então na verdade esse alguém não é mentiroso, mas ainda não é possível afirmar se tratar de fato ou ficção, posto que esta pode não ser uma afirmação verdadeira.

Em palestra dada no ano de 2007, Silvano Santiago afirma que tentou neste livro “dar corpo textual a quatro questões constitutivas do que tem sido o exercício da literatura do eu – as questões da experiência, da memória, da sinceridade e da verdade poética.”<sup>141</sup>

Assim, Santiago chega à “autoficção” através dos processos de *diferenciação*, *preferência* e *contaminação*, referindo-se aos seus escritos o autor parte da diferenciação entre discurso autobiográfico e discurso confessional. Para Santiago, “a distinção entre os dois discursos tem, portanto, o efeito de marcar minha familiaridade criativa com o autobiográfico e o conseqüente rebaixamento do confessional ao grau zero da escrita.”<sup>142</sup>

“Mas de que maneira o autor se vale do discurso autobiográfico em seus escritos?” Para responder a essa pergunta, o estudioso faz uso do conceito de contaminação, ou seja, para Santiago, “inserir alguma coisa (o discurso autobiográfico) noutra diferente (o discurso ficcional) significa relativizar o poder e os limites de ambas, e significa também admitir outras perspectivas de trabalho para o escritor e oferecer-lhe outras facetas de percepção do objeto literário [...]”<sup>143</sup>

---

<sup>141</sup> SANTIAGO. “Meditação sobre o ofício de criar”, s/p.

<sup>142</sup> SANTIAGO. “Meditação sobre o ofício de criar”, s/p.

<sup>143</sup> SANTIAGO. “Meditação sobre o ofício de criar”, s/p.

A *memória* é outro traço importante e que também aparece logo no título do livro, que, de acordo com o autor, tem uma boa tradição ficcional, e também contribui para o jogo proposto por ele em seu livro.

Ao pensar na crítica biográfica como linha de estudos que permeia entre os polos de fato e de ficção e das relações entre o que é da ordem do texto literário e ao que diz respeito ao autor, me proporciona pensar não somente na obra textual de Serejo, mas também em seu *bios*, que assim como os demais objetos e peculiaridades, contribuem para uma melhor construção de sua biografia e ampliação das formas de leitura de seu trabalho. No que diz respeito a essas questões, Souza afirma que:

A crítica genética, responsável pela elucidação da gênese da escrita, participa ainda do aparato biográfico, considerando ser importante processar o cotejo entre manuscrito e texto definitivo dos autores, ao lado da trajetória literária do escritor, sua relação com os instrumentos de escrita, assim como do lugar escolhido para exercer seu ofício: no próprio escritório, nos deslocamentos e viagens, no ambiente boêmio dos bares, dos cafés, e assim por diante.<sup>144</sup>

O *bios* do biógrafo ou biografado proporciona uma expansão das possibilidades de leitura do texto, Hélio Serejo ajudou seu pai durante muito tempo nas atividades de produção de erva-mate. Sua vasta obra tem vários relatos sobre esse tipo de trabalho, sobre os sujeitos que conheceu durante essa experiência, sobre as condições do homem ervateiro: “Durante longos anos viajei pelo sul de Mato Grosso, numa peregrinação *peripiciosa*, auxiliando meu pai em sua rude atividade ervateira.”<sup>145</sup>

O sujeito que perambula, em sua condição de “andariego” frequentemente representado na obra do escritor fronteiriço, é, muitas vezes, a representação de si próprio. Andariego para Hélio Serejo é aquele sujeito cujo destino é “[..] andar a pé

---

<sup>144</sup> SOUZA. “Crítica genética e crítica biográfica”, p. 27.

<sup>145</sup> SEREJO. *Balaio de Bugre*, p. 5.

ou a cavalo, vencendo os ermos, como um predestinado, para dormir debaixo de uma árvore ou no primeiro rancho vazio de beira de estrada.”<sup>146</sup> Como Nolasco ilustra “[...] é a figura emblemática dessa paisagem bárbara e selvagem, que se move para além dos limites da régua.”<sup>147</sup>

E é exatamente o que a crítica biográfica postula no campo literário, ao considerar que “muito da ficção está pautada no social, em elementos de vivência, o que permite dizer que as personas ficcionais são na realidade desdobramentos da própria persona social e culturalmente modelada que se torna escritora”<sup>148</sup>.

Sendo assim, uma forma de projetar-se através do outro é explicitado por Eneida Maria de Souza, em “Madame Bovary somos nós”, no qual inicia seu ensaio com o trecho de *O laboratório do escritor*, em que Piglia fala da cena vivida por Nietzsche, repetindo a situação de *Crime e Castigo*, de Dostoievski, a partir de onde Souza (2010) trabalha melhor a questão do bovarismo, para justamente projetar-se no outro, como afirma Souza em “Notas da crítica biográfica”, é a escrita como narração da memória do outro.

Dessa forma, segundo Eneida, essa característica da crítica biográfica se torna possível ao se valer do processo de intertextualidade:

O entrecruzamento de momentos textuais com os vividos permite ampliar a noção de texto, que não mais se circunscreve à palavra escrita, mas alcança a dimensão de outros acontecimentos, interpretados como parte do universo simbólico. Nesse sentido, a intertextualidade, conceito amplamente empregado pela crítica literária contemporânea, além de se referir ao diálogo entre textos, desloca o texto ficcional para o texto da vida.<sup>149</sup>

Essa memória é pertinente para a crítica biográfica uma vez que ela se vale de todo o *bios* do sujeito, assim como tudo que o compõe e é também pertinente para o meu exercício de “teorização subalterna”, enquanto latina. Como Souza

<sup>146</sup> SEREJO. 7 Contos e uma potoca, p. 70

<sup>147</sup> BESSA-OLIVEIRA, NOLASCO, SANTOS. *Arte Cultura e Literatura em Mato Grosso do Sul*, p. 164.

<sup>148</sup> OLIVEIRA. “Espaços das subjetividades contemporâneas”, p. 174.

<sup>149</sup> SOUZA. *Crítica Cult*, p. 115-116.

ressalta: “É importante, enfim, assinalar, a contribuição dos teóricos latino-americanos para a leitura pós-colonial do gênero autobiográfico [...]”<sup>150</sup>. É importante que a crítica biográfica na América Latina atribua uma concepção de viés mais específico deste lócus, ou como afirma Souza (2010):

O esforço para abrir novas janelas para a abertura da ficcionalização das fábulas identitárias e de repensá-las segundo interesses locais e globais requer posições mais decisivas e contundentes. Nos discursos contemporâneos dedicados aos discursos pós-colonialistas – e que se confundem em muitos casos com o discurso crítico latino-americano – percebe-se a exigência de o sujeito se posicionar não só como membro de um grupo, mas ainda como uma enunciação particularizada.<sup>151</sup>

Edgar César Nolasco começa a trabalhar e desenvolver a *crítica biográfica pós-colonial ou fronteira* a partir dos postulados da crítica biográfica e das teorias pós-coloniais. Ao se fazer crítica biográfica da fronteira se faz crítica biográfica pós-colonial.

Uma noção importante para a crítica biográfica fronteira é o de “sensibilidades biográficas” proposto por Nolasco, em *Perto do coração selbage da crítica fronteriza*, que se aproxima na ideia de Walter Mignolo de “sensibilidades dos locais geoistóricos”. E se faz importante, pois:

[...] propõe como saída para a reflexão crítica feita das margens “a descolonização e a transformação da rigidez de fronteiras epistêmicas e territoriais estabelecidas e controladas pela colonialidade do poder, durante o processo de construção do sistema colonial/moderno.”<sup>152</sup>

Nolasco problematiza e complementa a discussão de Mignolo, que justifica sua proposição ao falar sobre o processo de transculturação da fronteira, onde não poderia ser diferente a mistura cultural e histórica entre os povos, realocando a fronteira e mostrando que ela é viva e móvel em que a mobilização é demandada pelos povos que nela habita:

O processo transculturador, demandado pela cultura fronteira e suas histórias locais híbridas situadas entre lá e cá, cria um *entre-lugar*

<sup>150</sup> SOUZA. *Janelas Indiscretas*, p. 18.

<sup>151</sup> SOUZA. *Crítica Cult*, p. 155.

<sup>152</sup> MIGNOLO *apud* NOLASCO. *Perto do coração selbage da crítica fronteriza*, p. 129.

(SANTIAGO) cultural povoado de sensibilidades biográficas, de afetos e de memórias subalternas que transitam entre o local e o global sem culpa.<sup>153</sup>

Pensar nas *sensibilidades biográficas* é essencial para minha pesquisa acerca do trabalho literário de um escritor e poeta como Hélio Serejo, um homem que viveu na fronteira, que sempre viveu a condição de “transfronteiridade”<sup>154</sup>, e teve contato com os mais diversos povos e culturas no “balaio cultural”<sup>155</sup> que é a fronteira.

Homem de gestos simples, optou falar sobre os marginalizados e esquecidos desse lócus-geohistórico cultural, a transfronteiridade é marca de seu *bios*, expressa em sua literatura (que fala dos bugres, dos ervateiros, dos brasiguaios, etc.), em sua vida (percorreu a vasta região fronteira brasileira, viveu em Mato Grosso do Sul e também em São Paulo) e como não poderia ser de outro modo, em seu discurso de posse na Academia Ponta-Poranense de Letras:

Eu sou homem desajeitado e de gestos xucros que veio de longe. Eu sou o fronteiriço que na infância atribulada recebeu nas faces sanguíneas os açoites dos ventos dessa região, vadios e araganos, que, no afirmar da lenda avoenga, nasce nas terras incaicas, num recôncavo do mar, varrem o altiplano boliviano, penetram o imenso aberto do Chaco Paraguai, para depois, exausto do bailado demoníaco, numa cólera e estrupício de tormenta, arrebentar, cortantes e gélidos, nesta querida cidade de Ponta Porã, a Princesa da Fronteira, sentinela avançada das terrarias sulmatogrossenses.<sup>156</sup>

Hélio Serejo mostra sua consciência em relação ao lugar a partir de onde ele erige seu discurso. O autor assim produz mesmo que não propositalmente uma crítica fora do eixo, o qual Nolasco esclarece ao dizer que:

[...] quando falo em crítica fora do eixo, falo em um lugar geográfico com uma história local particular: o Estado de Mato Grosso do Sul e sua condição de fronteira com os países lindeiros Bolívia e Paraguai. Uma crítica erigida desse locus e com essa consciência tem o papel político de contribuir para a restituição das histórias locais como produtoras de

<sup>153</sup> NOLASCO. *Perto do coração selbage da crítica fronteriza*, p. 129.

<sup>154</sup> Transfronteiridade é outro conceito trabalhado por Edgar Cézár Nolasco em seu livro *Perto do coração selbage da crítica fronteriza*.

<sup>155</sup> Termo trabalhado por Edgar Cézár Nolasco no livro *Arte, Cultura e Literatura em Mato Grosso do Sul*.

<sup>156</sup> SEREJO. *Ronda do Entardecer*, p. 57.

conhecimento que descentrem a crítica hegemônica que migrou e a epistemologia global imperante.<sup>157</sup>

Percebida como o ato político do sujeito que fala a partir de um lócus específico, ao considerar sua *sensibilidade biográfica*, é de extrema importância toda a contribuição deixada através do trabalho de Serejo, pois pensar nas obras do autor é pensar na “restituição das histórias locais”. Como afirma Eduavison Pacheco Cardoso, em sua dissertação de mestrado, recentemente defendida:

A crítica biográfica fronteiriça é, portanto, uma crítica compósita, por agregar diferentes discursos críticos, incluindo os da vida, e uma crítica descolonial, pois visa reconceituar a epistemologia moderna, levando em consideração o lócus de enunciação e sua ligação com a produção de conhecimento feita pelo sujeito que teoriza.<sup>158</sup>

O trabalho intelectual de Hélio Serejo, que representa e ilustra toda a cultura e história do estado de Mato Grosso do Sul, é o exercício de teorização do qual fala Mignolo, ao afirmar que “[...] a teorização do pós-ocidentalismo/colonialismo permite um descentramento das práticas teóricas em termos da política dos locais geoistóricos [...]”.<sup>159</sup>

Isso contribui para o arquivo que guarda as “memórias subalternas latinas” da qual menciona Nolasco em seu ensaio biográfico que leva justamente o título de “Memórias Subalternas Latinas: ensaio biográfico” e que compõe parte do livro *Perto do coração selbage da crítica fronteriza*. Neste ensaio Nolasco discorre a respeito das memórias e de sua importância para a restituição das histórias locais que foram sequestradas devido à hegemonia global imperante:

Restam dos símbolos e das memórias subalternas apenas “belas impressões” como “memórias da morte” (Derrida) por vir. Enquanto o imaginário moderno mantinha estreita relação com o imaginário religioso, talvez como forma de preservar a ausência do morto como presença e, assim, cultivar as histórias e as memórias, o imaginário subalterno, por sua vez, trabalha no sentido, primeiro, primeiro de exumar as memórias menores soterradas e esquecidas em prol de uma grande memória

<sup>157</sup> NOLASCO. *Perto do coração selbage da crítica fronteriza*, p. 54.

<sup>158</sup> CARDOSO. *Amavios, amâncias e amavisses*, p. 17.

<sup>159</sup> MIGNOLO. *Histórias locais / Projetos globais*, p. 155.

nacional, para depois, num momento a posteriori, destruir toda e qualquer memória possível de ser arquivada (Derrida).<sup>160</sup>

É peculiaridade característica da crítica biográfica fronteiriça o ato de “exumar memórias” a partir do arquivo latino-americano proposto anteriormente pela crítica biográfica. O autor latino desenvolve seu discurso a partir do seu lócus enunciativo e, se há relação entre a obra e a vida do autor, ela se manifesta em Hélio Serejo a partir das experiências e vivências do escritor fronteiriço:

Os agressores, como prova de perdão e hospitalidade, ofereceram-lhe, na hora do “adios” uma garrafa de pinga Lágrimas de Virgem. Uma semana passou Bargas bebendo com o irmão oleiro, em Pedro Juan Caballero. Uma tarde resolver visitar um conhecido morador nas imediações do Quartel do 11º Regimento de Cavalaria. Estava ausente o paisano. Aproveitou-se para beber com a mulher, bailadeira de má fama e procedimento leviano. Pela madrugada, borracho como um gambá, desferiu uma garrafada na cabeça da “cunhã” prostando-a sem sentidos no chão batido. Um “mitã-i” que acordara com os gritos lancinantes da infeliz mulher, correu no vizinho para pedir socorro. E mais uma vez, Bargas foi surrado desapiedosamente. Surrado e preso.<sup>161</sup>

O “entre-lugar” (Santiago) da fronteira, a condição de atravessamento dos sujeitos, a vida violenta da fronteira e o viver “entre-línguas” (Nolasco) é relativo ao lócus enunciativo de Hélio Serejo, pois as histórias locais registradas por ele só foram possíveis devido às suas vivência e experiências. Para Nolasco:

[...] a experiência, ou a posição na qual se encontra o crítico subalterno, ao mesmo tempo em que desenha o contorno de seu bios, também permite a inscrição da teorização pós-ocidental como uma “teorização bárbara” (selvagem, periférica, fronteriza).<sup>162</sup>

Para tornar mais clara a discussão, Mignolo explica sobre a teorização bárbara em seu sentido conceitual e mostra para que ela serve e como os pensadores subalternos a desenvolvem. A partir disso, outros povos que também vivem em condição de subalternidade podem usufruir dela. É importante salientar que a teorização bárbara de acordo com Mignolo trata-se de:

<sup>160</sup> NOLASCO. *Perto do coração selbage da crítica fronteriza*, p. 137.

<sup>161</sup> SEREJO. *7 Contos e uma potoca*, p. 44.

<sup>162</sup> NOLASCO. *Perto do coração selbage da crítica fronteriza*, p. 115.

[...] uma prática teórica daqueles que se opõem ao conceito racional e asséptico de teoria e conhecimento, teorizando precisamente a partir da situação na foram colocados, sejam eles judeus, mulçumanos, ameríndios, africanos ou outros povos do “Terceiro Mundo” como os hispânicos nos Estados Unidos de hoje.<sup>163</sup>

Desse modo, na esteira de Nolasco, acredito que a memória subalterna, assim como também as histórias locais – histórias estas construídas a partir dessas memórias, ambas aqui da “fronteira-sul” (como denomina Nolasco, esse nosso lócus geoistórico cultural) –, precisam ser tomadas, cada vez mais, como uma “produção do conhecimento teórico”, crítico e epistemológico.

Então, se a crítica biográfica leva em consideração tanto a produção literária de um sujeito quanto seu *bios* e se cada um de nós possui uma história local específica marcada pela “diferença colonial” (Mignolo), o exercício de teorização proposto deve levar em consideração todas as especificidades, sensibilidades, memórias e vivências que formam o sujeito biógrafo ou biografado, articulando a descolonização através da “desobediência epistêmica” (Mignolo).

É nesse sentido que é necessária a “desobediência epistêmica” para que as grafias das vidas da fronteira possam emergir frente à colonialidade imperante que mascara a “diferença colonial” que forma o *bios* de cada um de nós daqui da fronteira-sul, que é marcada por essa diferença colonial expressa por Serejo através de seu criouliismo: “Como andante do CRIOULISMO, já enchi “até os tampos”, o meu PORONGÃO DE BOCA LARGA, inúmeras vezes. E fui feliz, graças a Deus, o PROTETOR MISERICORDIOSO.”<sup>164</sup>

Comecei a desobedecer ao pensamento moderno – e a entender o criouliismo fronteiriço – quando entrei para a universidade e tive contato pela primeira vez com

<sup>163</sup> MIGNOLO. *Histórias locais / Projetos globais*, p. 157.

<sup>164</sup> SEREJO. *Contos Crioulos*, p. 164.

os livros do escritor Hélio Serejo, e mesmo tendo nascido no estado de Mato Grosso do Sul não imaginava quão rica é a cultura daqui.

Começa a partir de então essa “amizade e afeto crioulo”, que nos remete a epígrafe, entre mim e suas obras. Ao descobrir o escritor, pude perceber que há impressa em nós sul-mato-grossenses uma herança dos traços locais sem que possamos nos dar conta.

Minha proposta é desarquivar o balaio e todo o seu conteúdo a fim de remetê-lo à memória cultural desse lócus de onde (e do qual) Hélio Serejo uma vez falou e que, agora e aqui, eu mesma falo. Também viso reavivar esse arquivo para que não seja esquecido. Para isso, pretendo percorrer os caminhos feitos pelo poeta, participar das rodas de tereré, ouvir as estórias contadas para poder resgatá-las, mesmo que de forma imaginária.

Hélio Serejo percorreu as terras sul-mato-grossenses, assim como os puxadores de gado de comitivas pantaneiras (função desenvolvida por meu pai durante muito tempo).

As rodas de tereré, que fazem parte de um cotidiano comum, são alimentadas pelo trabalho nos campos ervais, atividade cuja realidade foi registrada na obra do autor. O meu contato vago com essa parte de nossa cultura, e agora cada vez mais profundo através da obra de Serejo, me faz refletir que há muito na história sul-mato-grossense para ser desarquivada e estudada, por uma necessidade de conhecimento/reconhecimento que forma nosso povo e nosso local.

Aqui há um ponto de partida essencial que perpassa meu trabalho: a articulação entre os saberes subalternos e o saber teórico acadêmico, uma vez que objetivo que o conhecimento acadêmico sirva para mostrar que os saberes populares também têm seu valor.

Desse modo, mais que uma mera repetição de teoria, quero aproveitar o que os saberes todos podem me proporcionar e pensar a roda de tereré e suas histórias contadas nas voltas que o porongo dá ao passar de pessoa para pessoa nesse círculo sem fim.

As histórias contadas nas conversas de roda de tereré me ajudam a entender melhor nossa cultura local, bem como tudo o que Serejo escreveu, resultando em sua vasta obra representativa da cultura sul-mato-grossense. E decido fazer isso a partir da declaração de Mignolo logo no início de *Histórias locais/ Projetos globais*:

A principal pesquisa para este livro foram conversas - conversas de vários tipos, com estudantes dentro e fora da sala de aula, com colegas estudantes na América Latina e nos Estados Unidos, estudantes da graduação, colegas e estudantes da pós-graduação dentro e fora da Universidade de Duke e com todo o tipo de pessoas estranhas à academia, desde motoristas de táxi até médicos, de empregadas domésticas na Bolívia até executivos de pequenas indústrias, todos os que têm algo a dizer sobre suas experiências com histórias locais e sua percepção de projetos globais. Não foram "entrevistas", apenas conversas, conversas informais. Embora inicialmente não planejasse que essa pesquisa resultasse num livro, eu pretendia, sim, escrever artigos sobre uma série de questões que, como explico na Introdução, vieram à tona por volta de 1992. Tomei a decisão de adotar as conversas como método de pesquisa no primeiro semestre de 1994.<sup>165</sup>

As experiências que vivenciamos dentro ou fora da academia sempre contribuem para nosso trabalho intelectual, como bem demonstrou Mignolo. Assim, decidi desenvolver este trabalho de modo que a articulação entre saberes subalternos, paisagens culturais locais, saberes acadêmicos, saberes populares possa resultar em uma grande roda de tereré, onde o porongo passa de mão em mão e as pessoas assim depositem suas histórias.

Não poderia falar da história sul-mato-grossense sem falar de arquivo, pois a história é o arquivo de um povo, de um lócus-geohistórico. Nessa linha de pensamento, e de acordo com Derrida, essa história a que se tem registro é muitas

---

<sup>165</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/ Projetos globais*, p. 11-12.

vezes construída de forma distorcida e equivocada, esses são os chamados “arquivos do mal”<sup>166</sup>.

O balaio, sendo ele de bugre, não se trata de um balaio qualquer, nos traz de forma concreta a impressão histórica de nossa cultura local, pois o objeto é concreto, não pode ser distorcido, e mesmo que pudesse ainda ser destruído, não se trata como já foi dito, de um balaio qualquer, se trata de um “balaio de bugre”, o qual carrega marcas históricas de nossa cultura. E mesmo que o balaio e toda memória que ele carrega fosse totalmente destruído ainda assim teríamos o arquivo, se pensarmos em arquivo como impressão:

Essas im-pressões (prensas em) constituem marcas de uma escritura ao mesmo tempo interna e externa que inscreve o sujeito numa cultura, isto é, em arquivos, de que, não raro, ele deseja, em vão, se desfazer, como tentou Freud, segundo Derrida (2001) a partir do texto de Yerushalmi (1991), ocultando a origem (judia) da psicanálise, seu próprio nome (Shelomoh Sigismund Freid), sua religião e importantes acontecimentos familiares reveladores de suas origens. Mas, apesar disso, há rastros espalhados em sua obra que denunciam suas origens recalçadas e denegadas.<sup>167</sup>

Ao ler a obra *Balaio de Bugre*, é possível notar que, assim como o próprio objeto balaio, a obra de Serejo é um arquivo que contém a história da cultura local, dos povos que habitam esse lócus, e a sua vivência. Logo no início do livro, Serejo explica o porquê do título *Balaio de Bugre* (que como o próprio autor afirma que a princípio poderia causar estranhamento)

Durante os longos anos que Serejo viajou pelo sul de Mato Grosso, ajudando seu pai em sua “rude atividade ervateira”<sup>168</sup>, pernoitavam por muitos e diferentes lugares, sendo que em uma dessas pousadas certa vez Hélio Serejo havia conhecido um bugre que carregava consigo um balaio, onde de tudo havia:

[...] atadinhos de trapo, chumbo, pólvora, raízes, folhas, milho-pipoca, semente de abóbora, carretel de linha, lenço de chita, pedra-de-isqueiro,

<sup>166</sup> DERRIDA. *Mal de arquivo*, p. 08.

<sup>167</sup> CORACINI. *Memória em Derrida: uma questão de arquivo e de sobre-vida*, p. 150 .

<sup>168</sup> SEREJO. *Balaio de Bugre*, p. 05.

colher, faca, cuia de porongo, pedaço de rapadura, mandioca, pena de arara, unha de gavião, dente de onça e uma bugigangas.<sup>169</sup>

Pela variedade de coisas contidas nesse balaio e pela variedade de escritos que podemos encontrar no livro de Hélio Serejo nada mais justo, segundo ele, do que levar o título *Balaio de Bugre*: “Contendo este livro de tudo um pouco: crônicas, relato histórico, comentários, poesia, contos, folclore, crítica literária, e imagens do sertão, não é o mesmo um autêntico balaio de bugre?”<sup>170</sup>

Falo do balaio e das coisas ricas carregadas nele, pelo bugre, que representam e trazem marcas da cultura local de Mato Grosso do Sul; mas o próprio bugre é representação dessa cultura e traz isso em sua origem. Esta memória é o conceito do arquivo como impressão a qual Derrida se referia, é a memória que o bugre traz impressa em sua pele, em seus traços físicos, o que me leva a trabalhar com o recorte epistemológico que abrange os conceitos de cultura local, de subalternidade, de pós-colonialidade e de transculturação, entre outros.

Tendo em vista que a palavra arquivo vem de arkhé e, como nos lembra Derrida, “designa ao mesmo tempo começo e comando”<sup>171</sup> os objetos dentro do balaio são o arquivo que a gente carrega para não esquecermos nossa origem, nossa essência. Onde começa o entendimento enquanto ser que habita esse lócus-geoistorico e que ao conhecer e tomar para si essa identidade cultural pode comandar sua história.

Segundo o intelectual Edgar Cézar Nolasco, a herança, a amizade é o lugar do texto crítico da crítica biográfica. Através da amizade entre mim e Hélio Serejo, desenvolvo esse exercício crítico da pesquisa a partir de uma epistemologia fronteiriça que caracteriza Serejo e sua obra, pois o crioulo, principal figura da obra

<sup>169</sup> SEREJO. *Balaio de Bugre*, p. 05.

<sup>170</sup> SEREJO. *Balaio de Bugre*, p. 06.

<sup>171</sup> DERRIDA, *Mal de Arquivo*, p. 11.

serejoana, emerge a partir desse lócus fronterizo (NOLASCO), fora do eixo, que compreende o estado de Mato Grosso do Sul.

Walter Mignolo, em *Histórias locais/ projetos globais*, discorre sobre a “colonialidade do poder”<sup>172</sup> e “dependência cultural”<sup>173</sup>, os quais, segundo ele, “percorrem a história local e particular da América Latina”<sup>174</sup>. O “bugre”, figura presente na obra serejoana, aparece como ser sobrevivente das margens, andarilho das regiões de fronteira.

Ele é também o crioulo, trabalhador dos campos ervais, figura resultante da pós-colonialidade, figura própria de um lócus como a América Latina, local de povos colonizados e, conseqüentemente, crioulos, fronteiriços, transculturados que, por esse motivo, necessitam se rearticular a partir de uma nova epistemologia pós-colonial, ou melhor, fronteiriça, para nosso lócus específico, para redescobrirem suas próprias histórias locais esquecidas e massacradas pelo imperialismo do pensamento moderno ocidental.

Como aponta Mignolo, a colonização e a modernidade são termos que se encontram entrelaçados: a colonização faz parte da realidade da sociedade moderna, sociedade esta que se encontra em conflito com sua identidade e precisa buscar seu lugar desvinculado do colonizador.

Assim, é possível notar na obra de Serejo a figura de um protagonista original da cultura local, e que mesmo assim está afastado das esferas sociais locais e não tem seu reconhecimento dentro dela. Mato Grosso do Sul se encontra em negação com sua própria cultura, por não haver muitas vezes reconhecimento desta como identidade cultural dos povos deste lócus.

---

<sup>172</sup> MIGNOLO, *Histórias locais projetos globais*, p. 85.

<sup>173</sup> MIGNOLO, *Histórias locais projetos globais*, p. 85.

<sup>174</sup> MIGNOLO, *Histórias locais projetos globais*, p. 85

Desse modo, esta figura que povoa os escritos serejoanos localiza-se às margens da cultura e identidade locais. O próprio escritor Hélio Serejo, apesar de intelectual respeitado encontra-se ainda marginalizado e isolado pelos limites impostos pela sua posição geográfica.

Para Mignolo a modernidade e a colonialidade estão correlacionadas e se entrelaçam por uma questão de lógica, e para entender a sociedade moderna, seu desenvolvimento até onde chegou hoje, é preciso entender sua história desde a colonização:

A exploração conjunta da “pureza de sangue” e dos direitos dos povos me permitiu apontar um momento crucial na construção do imaginário do moderno sistema mundial (por exemplo, o momento da emergência de um novo circuito comercial e financeiro ligando o Mediterrâneo e o Atlântico) e, ao mesmo tempo, observá-lo não só a partir da interioridade de sua formação e expansão mas também do seu lado exterior e marginal.<sup>175</sup>

A partir das ideias de Walter Mignolo, procuro agora resgatar a identidade e o lugar do bugre na cultural local através das memórias serejoanas do oeste brasileiro, memórias estas que se encontram arquivadas no balaio.

Derrida se pergunta, em *Mal de Arquivo*: “[...] mas a quem cabe, em última instância, a autoridade sobre a instituição do arquivo?”<sup>176</sup>. Considerando o balaio enquanto arquivo, acredito que cabe a mim essa autoridade. Pretendo, por ora, falar das memórias contidas, as memórias carregadas pelo bugre dentro de seu balaio. Muitos amigos e lembranças foram cultivadas por Serejo e inseridas por ele no *Balaio de Bugre*. Eneida Maria de Souza acerca da crítica biográfica, afirma:

A crítica biográfica, por sua natureza compósita, englobando a relação complexa entre obra e autor, possibilita a interpretação da literatura além de seus limites intrínsecos e exclusivos, por meio de construção de pontes metafóricas entre o fato e a ficção.<sup>177</sup>

---

<sup>175</sup> MIGNOLO. *Histórias Locais Projetos Globais*, p. 79.

<sup>176</sup> DERRIDA. *Mal de Arquivo*, p. 07.

<sup>177</sup> SOUZA. *Crítica Cult*, p. 105.

Essa relação entre obra e autor é ainda mais complexa quando se trata da obra de Serejo, pois é sempre difícil mensurar em que momento o que se lê trata de ficção ou de realidade.

Para mim é um tanto difícil imaginar um intelectual como Hélio Serejo, trabalhando em campos de erva-mate, mas ao mesmo tempo como teria ele criado tantas estórias que soam de forma tão autêntica e natural sem tê-las visto, vivido ou conhecido de perto? E quanto aos seus amigos, dos quais recebia cartas, presentes e elogios sobre seus escritos, seriam eles reais ou fictícios? Em “Dimas Costa”<sup>178</sup>, seção de *Balaio de Bugre*, encontro o seguinte trecho:

Resta-me apenas dizer de passagem, sem maiores comentários que pequem no afeto que devemos dispensar aos irmãos de ideal: teu livro é mais do que uma obra poética; é uma mensagem, onde dão-se as mãos dois tipos representativos do brasileirismo mais puro, gaúcho e matogrossense.<sup>179</sup>

Mesmo que essas cartas sejam ficções escritas pelo próprio Serejo e que esses amigos sejam personagens criadas, as memórias estão impressas em sua obra, em relação ao local, por exemplo, ao ler “Mato Grosso” atentando-se para o período anterior à divisão do estado e da criação do estado de Mato Grosso do Sul. É o que explica Derrida quando diz que “não há arquivo sem o espaço instituído de um lugar de impressão”<sup>180</sup>.

Uma parte da memória local senão a mais significativa é representada pelo “bugre”, que muitas vezes não tem espaço na sociedade e cultura brasileiras. Retiro então do fundo do balaio essa memória que melhor representa, em minha concepção, esse lócus geostórico: o “bugre”, o caboclo, o índio. Pela sua pouca representatividade na cultura, e pelo pouco valor lhes dado.

---

<sup>178</sup> Carta que Serejo recebeu de Dimas Costa.

<sup>179</sup> SEREJO, *Balaio de Bugre*, p. 09.

<sup>180</sup> DERRIDA. *Mal de Arquivo*, p. 08

Serejo desafia o conceito de cultura vigente ao dedicar suas obras ao índio, às pessoas de origem humilde e vidas sofridas (como os ervateiros) que muitas vezes são o que mais contribuem para a formação do estado. Mignolo fala em *Histórias locais/ projetos globais* “do fim do sonho da nação sobre a pureza da língua e a pureza cultural”<sup>181</sup>.

Dessa maneira, acredito que a discussão proposta por Mignolo seja muito importante aqui, pois o meu objetivo com a pesquisa em Hélio Serejo é mostrar que a cultura local não pode ser pensada de forma pura, homogênea.

O pensamento homogêneo, em relação à cultura local, torna-se um erro quando se ignora a cultura indígena, seus costumes e sua língua. Como condição histórica pós-colonial, formamos um lócus geohistórico multicultural, e ao dizer multicultural, me refiro ao que Serejo chama de crioulisto.

Tal condição histórica local foi apagada e usurpada pela epistemologia moderna. Por esse motivo, na próxima seção, discutirei a questão da memória fronteiriça e continuarei a retirar do balaio – do “bugre”, e do meu – as memórias e histórias locais da fronteira-sul (re)contadas por Hélio Serejo.

### **2.1.1. Memórias Subalternas: arquivo**

Sem dispendermos grande esforço, em quase tudo que vamos topando em nossa caminhada diária de vivência, encontramos o CRIOULO, uma vez que o CRIOULISMO está em tudo, ressaltante, na tendência nativista, tal como registra a literatura Hispano-Americana. Um simples tacho de cobre ou talão, para uso diversificado, encostado num canto, atesta a presença do CRIOULO, porque como já afirmamos - o CRIOULISMO ESTÁ EM TUDO.

SEREJO. *Contos Crioulos*, p. 145.

---

<sup>181</sup> MIGNOLO. *Histórias Locais Projetos Globais*, p. 114.

Jacques Derrida, em *Mal de Arquivo*, afirma que abrigar ou arquivar é também de certa forma esquecer. Então, para que não seja esquecida nossa cultura local e fronteiriça, retiro de dentro do balaio e trago aqui trechos de alguns contos crioulos de Hélio Serejo; se é que não poderia dizer que estou assim desarquivando o crioulisto serejoano.

Entre os “contos crioulos”, há a narrativa “Capitoa”, cuja história é a de Maria Aparecida Belmonte, que começa numa revolução no Rio Grande do Sul e acaba em Camapuã, minha cidade de origem, cujo nome jamais imaginei ler nas páginas de um livro. O seguinte trecho faz alusão a um dos elementos do crioulisto do qual o autor sempre fala, a fronteira:

Mas as lendas iam crescendo, dia por dia, correriam mundos. Transporiam fronteiras... Com isto os quateiros (malfeitores, ladrões e assassinos que operavam nas proximidades da fronteira) rarearam suas periódicas e nocivas incursões, até desaparecerem de todo. Em consequência disto, durante muitos anos, paz absoluta reinou no planalto. Um Rei, somente, passou a mandar: CAPITOA.<sup>182</sup>

Além das cidades que aparecem na estória como Ponta Porã e Bela Vista, cidades localizadas na região fronteiriça, a história da desbravadora Capitoa, que ultrapassa as fronteiras ao vir de Rio Grande do Sul para o sul do estado de Mato Grosso à época, ilustra o crioulisto por evidenciar essa mistura de povos e histórias, originando novos povos com novas histórias.

Capitoa é um conto primoroso escrito por Serejo e de extrema importância, por evidenciar figuras do imaginário popular importantes para a representatividade da cultura local. Capitoa pode se tratar de personagem fictícia do imaginário de Serejo, que pode representar uma desbravadora que fez parte dos bandoleiros da fronteira, pois sua história não está nada longe de uma retratação da realidade, já que os bandoleiros realmente existiram e viveram na região desse velho oeste

---

<sup>182</sup> SEREJO. *Contos Crioulos*, p. 196.

brasileiro, compondo as figuras que ilustram a paisagem da fronteira e fazem parte da história local de Mato Grosso do Sul, como é o caso de Silvino Jacques:

No final de 1929, quando Mato Grosso do Sul ainda era Mato Grosso, surge no estado um migrante que, tempos depois, tornou-se parte da história e hoje é representação do imaginário cultural e personagem literário. Trata-se de Silvino Hermiro Jacques, gaúcho de Camapuã, município de São Borja, filho de Leão Pedro Jacques e Máxima Santana Jacques, nascido em 17 de fevereiro de 1906, afilhado de Getúlio Vargas. Tendo estudado até os quinze anos de idade, concluiu o ginásio e chegou a ser sargento, mas, jovem arruaceiro, logo se envolveu em crimes, perdendo a nomeação que aguardava como fiscal de linha de trem. Fugindo de um histórico de crimes e estripulias praticados no Rio Grande do Sul, escolhe como refúgio o cerrado do Oeste, na fronteira com a República do Paraguai, a região sul do Mato Grosso.<sup>183</sup>

Silvino Jacques foi do real ao imaginário ao entrar para a história e se tornar ficção ao ter sua vida retratada no livro *Silvino Jacques: o último dos bandoleiros* de Brígido Ibanhes (1986). O livro de Ibanhes está entre os mais vendidos da literatura sul-mato-grossense até os dias atuais.

A fronteira é um elemento importante que nos ajuda a entender o crioulisto de Hélio Serejo. Serley dos Santos e Silva, em seu trabalho de dissertação de mestrado intitulado *Hélio Serejo: faces da memória no universo do poeta ervateiro*, afirma que, quando há o rompimento das fronteiras, ocorre a mistura de etnias e povos, e aí está marcada a essência crioula.

Mignolo, em seu livro *Histórias locais/ Projetos globais*, ao resgatar o pensamento de Glissant, fala do que ele denomina criouliização: “A criouliização não é uma síntese... A criouliização não é a simples mecânica de uma mistura crua de coisas distintas, ela vai muito além, o que ela cria é o novo, o inédito e inesperado.”<sup>184</sup>

Crioulisto é para Hélio Serejo todo elemento que representa a cultura local, desde as paisagens, os povos, seus costumes. Em “Isto também é crioulisto”, além

<sup>183</sup> IBANHES. *Silvino Jacques*, p. 19.

<sup>184</sup> GLISSANT *apud* MIGNOLO. *Histórias Locais/ Projetos Globais*, p. 116.

de constituir uma das manifestações literárias mais importantes no registro das peculiaridades da vida na fronteira Brasil-Paraguai,<sup>185</sup> segundo o estudioso Paulo Sérgio Nolasco dos Santos, que também evoca as paisagens naturais, e ressalta “questões linguísticas, literárias e culturais”<sup>186</sup>.

Vale destacar uma expressão peculiar usada por Serejo: “encher o porongo”<sup>187</sup>, que, de acordo com o autor, trata de uma simpatia ou ritual que o campesino acredita piamente. O autor afirma que essa expressão é genuinamente campeira, criada na região fronteira brasileiro-paraguaia<sup>188</sup>. Temos aí mais um elemento que ilustra o que é o crioulisto serejoano. Não somente a expressão por si só é crioulisto como também a crença do campesino na necessidade de encher tal recipiente.

Derrida, em *Mal de Arquivo*, afirma que “não há arquivo sem o espaço instituído de um lugar de impressão”. Dessa forma, se considero o balaio como arquivo que guarda nossa memória cultural, é porque considero o crioulisto como parte da memória guardada dentro do balaio, logo, seu espaço é a fronteira.

O discurso proferido por Serejo vem dos campos ervais, onde se desenvolvia a atividade para a produção de erva-mate, atividade bruta, rústica e rude. Isso significa que o crioulisto é traduzido na própria escrita do autor. Para Serley dos Santos e Silva, o discurso proferido nos campos ervais traz, na essência, as tradições do crioulisto.

“Caá, A força da erva”, documentário de 2005, dirigido por Lú Bigattão, resgata o ciclo da erva-mate (a qual Hélio Serejo se preocupou em pesquisar e registrar em suas obras) nas regiões fronteiriças brasileira e paraguaia. Constitui-se

<sup>185</sup> SANTOS. *Regionalismo e Literatura sul-mato-grossense na fronteira Brasil-Paraguai*, p. 08.

<sup>186</sup> SANTOS. *Regionalismo e Literatura sul-mato-grossense na fronteira Brasil-Paraguai*, p. 08.

<sup>187</sup> SEREJO. *Contos Crioulos*, p. 163. (a expressão “encher o porongo” significa encher o recipiente, onde fica a erva de tererê, de água até praticamente derramar)

<sup>188</sup> SEREJO. *Contos Crioulos*, p. 164.

em relatos de trabalhadores envolvidos na atividade ervateira como os mineiros, pessoas que carregavam o raído nas costas.

Nele, percebe-se a influência que o ciclo da atividade ervateira teve desde o desenvolvimento do estado de Mato Grosso do Sul, principalmente nas regiões de fronteira até nos nomes que foram dados às cidades como Caarapó (palavra vinda do guarani que significa: raiz de planta, assim como Caá: erva).

O balaio guarda os diversos aspectos da cultura local sul-mato-grossense; entre eles, o porongo, que é também um guardador de memórias de onde posso beber não apenas o típico tereré mas também as histórias contidas nele, de meu lócus e desarquivá-las a fim de resgatar a memória cultural local na busca de sua reafirmação.

Segundo Homi Bhabha, nenhuma cultura é unitária em si mesma.<sup>189</sup> Assim, através de sua literatura multifacetada que mescla diferentes povos, culturas, costumes, histórias, línguas e crenças, Hélio Serejo mostra que a cultura local surge através de uma mistura de diversos elementos, o que me permite dizer que a própria obra do autor é também criouliismo, pois de acordo com o pesquisador Nolasco dos Santos:

Ainda, é Hélio Serejo quem traz, como legado para a literatura sul-mato-grossense, sua sensível percepção da história deste imenso caldo de cultura, de uma região de etnias diferentes, com a alma de uma época e de um povo numa região distante, registrando os modismos, regionalismos, credences e expressões típicas da fronteira.<sup>190</sup>

Hibridismo, termo usado para designar culturas mistas e diaspóricas, pode ser usado também para designar a literatura crioula de Hélio Serejo, que assim pode também ser chamada de literatura híbrida. Hibridismo segundo Bhabha trata-se de:

Momento ambíguo e ansioso de transição, que acompanha nervosamente qualquer modo de transformação social, sem a promessa de um

---

<sup>189</sup> BHABHA. *O Local da Cultura*, p. 65.

<sup>190</sup> SANTOS. *Regionalismo e Literatura sul-mato-grossense na fronteira Brasil-Paraguai*, p. 08.

fechamento celebrativo ou transcendência das condições complexas e até conflituosas que acompanham o processo [...]”<sup>191</sup>

A literatura híbrida é, segundo Mara Regina Pacheco e Leoné Astride Barzotto, autora e co-autora respectivamente do artigo “A construção identitária em Balaio de Bugre, de Hélio Serejo”, constituída de narrativas híbridas, processo que faz parte da reinvenção de uma identidade cultural, uma vez que, para cada herança histórica cultural, há uma cultura inerente a ela.

Apesar de não desconsiderar as proposições teóricas acerca do hibridismo, acredito que a ideia de “transculturação” representa melhor a realidade fronteiriça da qual falo aqui a partir da produção de Serejo. O conceito de transculturação, para a estudiosa Joana D’arc Mendes Gothchalk, pode ser explicado como um conceito que: “envolve processos de aculturação, de desculturação parcial e de neoculturação.”<sup>192</sup>

É importante ressaltar aqui a substituição proposta por Fernando Ortiz e discutida por Angel Rama do “termo aculturação por “transculturação”, porque o primeiro indica a supremacia de culturas de mais prestígio sobre as culturas menores, ocorrendo o apagamento linguístico e cultural destas.”<sup>193</sup> Para Gothchalk:

Transculturador é aquele que, segundo Rama, desafia a cultura estática - porque presa à tradição local - a desenvolver suas potencialidades e produzir novos significados, sem, contudo, perder sua textura íntima. A transculturação está na base da história cultural do continente, que, como afirmava Octávio Paz, “antes de ter existência histórica própria, começa sendo uma idéia européia, um capítulo da história das utopias européias”. Os processos da transculturação antropológica e literária estão na base da história cultural do continente e auxiliam a compreender e a explicar a diferença entre os povos das Américas de todos os outros povos.<sup>194</sup>

Já segundo a estudiosa Ana Maria do Anjos Martins Barbosa, em *Manoel da Barros: ethos e oralidade no chão do Pantanal*, “[...] a transculturação é um processo de transitividade, logo, aceita os intercâmbios entre culturas diferenciadas em

<sup>191</sup> BHABHA *apud* HALL. *Da diáspora*, p. 75.

<sup>192</sup> GOTHCHALK. *Guimarães Rosa*, p. 34.

<sup>193</sup> BARBOSA. *Manoel de Barros*, p. 26.

<sup>194</sup> GOTHCHALK. *Guimarães Rosa*, p. 40.

confrontação, sem que aconteçam grandes perdas e sem desconsiderar as diferenças em cada parte inter-relacionada [...]”.<sup>195</sup>

Embora todas essas noções de transculturação sejam importantes para a cultura local da fronteira-sul, a ideia que mais compreende o crioulisto fronteiriço empregado por Serejo em seus escritos é a ideia de transculturação a partir do pensamento de Mignolo, sobretudo porque o crítico tem consciência de que as teorias “viajam” e ao chegar de um lugar para outro elas não são transculturadas a partir de um pensamento fronteiriço.

As noções que antes expus não englobam essa perspectiva fronteiriça, ainda estão muito presas à cultura eurocentrada, moderna, ocidental. Ainda não se deram conta do pensamento que vem a partir das fronteiras. Diferente disso, Mignolo tem essa consciência:

A transculturação, em outras palavras, poderia ser concebida como um tipo especial de pensamento liminar [fronteiriço], e o pensamento liminar [fronteiriço], dentro de minha argumentação, é a necessidade básica da epistemologia subalterna e da reflexão que ultrapasse as dicotomias produzidas pelo “ocidentalismo” como o imaginário dominante no sistema mundial colonial/moderno.<sup>196</sup>

Assim, as culturas se preservam em suas especificidades, mantendo a memória da sua história local particular. A literatura é um modo de preservar a cultura de um povo. Desse modo, a literatura de Serejo com seu registro histórico local garante a preservação da história local e da memória de Mato Grosso do Sul.

É claro o tom memorialístico na obra de Hélio Serejo, o qual juntamente com toda a manifestação cultural, expressa proporcionam a base para a construção da identidade dos povos. “A construção da identidade sul-mato-grossense é representada no tecido narrativo que Hélio Serejo constrói ao escrever.”<sup>197</sup>

---

<sup>195</sup> BARBOSA. *Manoel de Barros*, p. 26.

<sup>196</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/ Projetos globais*, p. 286.

<sup>197</sup> PACHECO, BARZOTTO. *A Construção Identitária de Balaio de Bugre*, em Hélio Serejo, p. 34, 35.

No livro *Versos da Madrugada* (sd) há um verso chamado “O Cachimbo do Giró” de onde retiro o seguinte trecho:

E viverás, também, entre os monarcas,  
entre os gaudérios, e o desiludido,  
na rude estirpe que a saudade marca.

Quando te vir, eternamente, e só,  
como avio campeiro, envaidecido,  
pendurado na boca do giró!...<sup>198</sup>

Neste trecho, o autor nos traz os gaudérios, monarcas, campeiros diferentes, povos que habitam o imaginário serejoano, que assim como o bugre, o paraguaio, contribuem para essa rica mistura aqui manifestada para marcar mais uma vez o crioulisto elemento predominante em sua obra.

Considero importante falar também da amizade a que o escritor se referia como amizade crioula. Como fronteiro que se dizia, Hélio Serejo enaltece a amizade brasileiro-paraguaia – amizade que haveria de unir estes dois povos, indissolúvelmente, através dos tempos, como ressaltou Acyr Vaz Guimarães em seu discurso de apresentação dos acadêmicos Elpídio Reis e Hélio Serejo à Academia ponta-poranense de Letras, no dia 13 de maio do ano de 1994.

Serejo, durante sua vida cultivou muitos amigos, muitos deles também poetas, escritores, e costumava se referir a eles como “irmão de sonhos e de ideais”, amizade essa cultivada entre gaúchos, mato-grossenses, bugres, intelectuais ou não, amizade crioula por suas misturas, amizade fronteira, por seus limites.

Edgar César Nolasco, em *Perto do Coração Selbage da Crítica Fronteriza*, ressaltava, ao citar Mignolo, que a vida na fronteira é concebida e experimentada em e de perspectiva diferente.<sup>199</sup> Serejo apesar de ser, como ele mesmo fazia questão de afirmar, um *xucro*, era também jornalista, escritor renomado, que tomou posse das

<sup>198</sup> SEREJO. *Versos da Madrugada*, p. 19.

<sup>199</sup> MIGNOLO *apud* NOLASCO. *Perto do Coração selbage da Crítica fronteriza*, p. 56.

academias mato-grossense e sul-mato-grossense de Letras, um mundo diferente da fronteira, da vida nos campos ervais que ele registrou, dois mundos diferentes aproximados pelos escritos do autor e por sua própria vivência.

O romance *Noches Vacías*, mencionado por Diana Klinger em seu trabalho *Escritas de si, Escritas do outro* (2006), fala de um personagem que transita por dois mundos com similar familiaridade, o das letras (o de si) e o da cumbia (do outro).

Enquanto no romance *Noches Vacías*, o personagem faz parte de apenas um mundo (de si) e se sente familiarizado com um mundo diferente (do outro), penso que Serejo não se sentia apenas familiarizado com um mundo e pertencesse ao outro, transitava com familiaridade pelos dois mundos e pertencia aos dois mundos, conviveu em dois mundos diferentes, com cultura e povos diferentes, o mundo dos escritores, jornalistas, intelectuais, poetas, os letrados e o mundo da fronteira, dos ervais, dos homens simples de pouco conhecimento formal, mas de muita sabedoria de vivência, conviveu dentro e faz parte desses dois espaços, ambos espaços era o de si. Hélio Serejo em seu discurso de posse na Academia sul-mato-grossense de Letras disse:

Eu sou o homem desajeitado e de gestos xucros que veio de longe. [...] Eu sou filho da jungle, sou gaudério de todos os pagos, apaixonado das querências e cria de todos os galpões da terra. Eu vim de longe, eu sou um misto da poeira da estrada, de fogo de queimada, de aboio de vaqueiro, de passarada em sarabanda festiva no romper da madrugada, de lua andeja rendilhando os campos, as matas, as canhadas, o vargado. Sou misto também de índio vago, cruza-campo e trota-mundo.<sup>200</sup>

Pela figura do escritor intelectual ou pelo viajante que ajudou o pai nas atividades ervateiras, percebo que Hélio Serejo é um sujeito cujo discurso encontra-se *atravessado*<sup>201</sup> pela herança cultural local fronteiriça. Ou como o próprio autor

---

<sup>200</sup> SEREJO *apud* SANTOS, 2006, p. 207-210

<sup>201</sup> Conceito usado por Edgar César Nolasco em seu trabalho *Perto do coração selbage da crítica fronteriza* (2013).

dizia, “um viajante do crioulisto” e que desejou morrer como um xucro com os olhos embaciados voltados para a paisagem sertaneja.

Na próxima seção deste trabalho, farei um estudo dessas figuras fronteiriças atravessadas pela herança cultural da fronteira-sul, as quais contribuem para a emergência da história local de Mato Grosso do Sul.

## 2.2. Figuras Nativas: ervateiro, bugre, andariego

[...] - E os índios terenas - marido e mulher - Xupito e Icaó?  
- Fuzilados também, e os corpos, quebrados a porreções, atirados no rio Maracahy. [...]

SEREJO. *7 contos e uma potoca*, p. 10.

Arrastando por este velho oeste brasileiro o pesado balaio que carrega toda a bagagem histórica e cultural local, continuo a desarquivar dele memórias, histórias, povos e seus costumes e, assim, vou deixando-o mais leve.

Foi ao retirar do balaio os escritos de Hélio Serejo e folhear algumas páginas de *Balaio de Bugre* e *Ronda do Entardecer* (1995) que percebi que vários escritos traziam marcas da cultura local mesmo sendo lembranças pessoais do autor, o que de todo não me surpreende, pois o próprio Serejo se considerava um “bugre, por que não”?, um xucro, com certeza.

Dentro de seus livros é comum encontrar de tudo um pouco, Serejo explica que seu livro *Balaio de Bugre* ganhou esse título por conter uma mistura de coisas assim como o balaio do bugre que certa vez ele encontrou numa pousada em uma de suas viagens. Mas eu diria que não apenas este livro, mas toda sua obra pode ser considerada um autêntico balaio de bugre, e desse todo agora desarquivo cartas trocadas entre ele e seus amigos.

Derrida, em *Mal de Arquivo*, afirma que “o arquivamento tanto produz quanto registra o evento. É também nossa política dos meios chamados de informação”.<sup>202</sup> Interessante pensar como Serejo nutriu amizades com pessoas do sul, do sudeste, da fronteira, diversos lugares, amigos distantes, e sua comunicação se dava através de cartas trocadas, de presentes revertidos em outros.

Interessante pensar também que Hélio Serejo, antes da era tecnológica, ficou conhecido em diversos Estados do país, com seus livros percorrendo os mais

---

<sup>202</sup> DERRIDA. *Mal de Arquivo*, p. 29.

diversos lugares, conquistando amigos leitores. Esses amigos leitores que lhe retribuía sua poesia através de singelos presentes e respostas, tecendo belos elogios. Derrida chega à conclusão de que no passado a psicanálise não teria sido o que foi se o e-mail, por exemplo, tivesse existido.<sup>203</sup>

Assim, reflito que o arquivo memorialístico que forma a obra serejoana não seria o mesmo se o registro da comunicação do autor com seus amigos não se desse através de cartas, e depois de cartas fossem estas realocadas em um livro, tornando-se parte da memória cultural local, parte da história de um povo, e não mais apenas de um indivíduo.

Amigos estes distantes e muitas vezes desconhecidos, amizade nutrida pelo amor pelo sertão e pela poesia xucra, posto que há uma situação outra se pensarmos na questão discutida por Ortega em *Genealogias da Amizade* (2002), em que a amizade não aparece definida de uma forma clara, existindo numerosos tipos e noções. Principalmente as formas de amizade eram ligadas ao parentesco, encontrando nele sua origem.<sup>204</sup>

Entre os amigos de Hélio Serejo, posso mencionar: Jansen Filho, o demônio repentista do verso<sup>205</sup>, o notável tradicionalista Dimas Costa de Porto Alegre<sup>206</sup>, o inspirado Manduca<sup>207</sup>, Luiz Feitosa<sup>208</sup>, de Corumbá. Amigos de diversos lugares do país e amigos bugres, paraguaios, a verdadeira amizade crioula, a amizade que só a fronteira proporciona. Serejo e sua amizade crioula confrontam o pensamento da hospitalidade e sua consequência a qual retrata Ortega:

No pensamento da hospitalidade a questão do nome é fundamental, demandar o nome, supõe atribuir uma identidade e uma responsabilidade

<sup>203</sup> DERRIDA. *Mal de Arquivo*, p. 29.

<sup>204</sup> ORTEGA. *Genealogias da Amizade*, p. 23.

<sup>205</sup> SEREJO. *Balaio de Bugre*, p. 07.

<sup>206</sup> SEREJO. *Ronda do Entardecer*, p. 20.

<sup>207</sup> SEREJO. *Ronda do Entardecer*, p. 08.

<sup>208</sup> SEREJO. *Balaio de Bugre*, p. 11.

ao estrangeiro, que deve responder diante da lei e diante dos hóspedes, como uma testemunha em um tribunal; o nome o constitui como sujeito de direito. O outro sem nome é excluído do abraço da xenia: “No fundo, não há xenos, não há estrangeiro antes ou fora da xenia, desse pacto ou dessa troca com um grupo, ou mais exatamente, com uma linhagem”. A consequência desse pensamento é a formação de discriminações amigo/inimigo que percorrem toda a Grécia clássica: amizade no interior, inimizade no exterior.<sup>209</sup>

Diferente de como se davam as relações de amizade nas civilizações antigas, como retratou Ortega em *Genealogias da amizade*, as relações de amizade entre Serejo e o outro, o estrangeiro, o diferente, o desconhecido, eram, ao que parece algo muito natural para ele. Em *Genealogias da Amizade*, Ortega afirma:

A tradição do pensamento político ocidental, se constitui no gesto de interpretar a esfera do político (da qual a amizade faz parte) em categorias pré-políticas, familiares ou domésticas. [...] Trata-se, portanto, de uma percepção filosófica da amizade e não política, pois no olhar da polis, na experiência cotidiana de seus cidadãos, a amizade era uma relação política.<sup>210</sup>

Então posso dizer, a partir de Ortega, que a amizade de Hélio Serejo com os paraguaios e com os bugres, por exemplo, era uma relação política, assim como é/foi político seu ato de retratar os povos marginalizados em sua literatura, alçando-os para um patamar de importância. Uma vez que as relações entre estrangeiros não costumam ser amigáveis e muitas vezes os povos e civilizações foram e são levados a encarar o estrangeiro como inimigo.

Na atualidade, presenciamos o descaso com a população indígena, ocasionando em massacres por parte dos latifundiários em terras sul-mato-grossenses, o que me leva a concluir que, nós brasileiros, sempre vimos o índio como o outro do mesmo, como estrangeiro em sua própria terra.

A figura do índio sempre marginalizada pela história foi recontada/ retratada de uma outra forma por Hélio Serejo. Isso só foi possível devido a sua relação de amizade com os índios, amizade política. Serejo sempre cultivou amizades

---

<sup>209</sup> ORTEGA. *Genealogias da Amizade*, p. 20.

<sup>210</sup> ORTEGA. *Genealogias da Amizade*, p. 13-14.

periféricas. Trago aqui parte da história de “O inspirado Manduca”, amigo da época em que Serejo viveu em Presidente Venceslau, que pode ser encontrada no livro *Ronda do Entardecer*:

Tivemos, em Presidente Venceslau, grandes e famosos boêmios. Desnecessário mencionar seus nomes, com o que o autor comprova consideração e respeito aos dignos familiares. Todos professaram a boêmia, a seu modo, sem respeitarem, seguidamente, o padrão da decência social. Mas, se qualificarem, indiscutivelmente, como BOÊMIOS, varando as noites dentro de um estropiamento de gestos espalhafatosos e passadas de cambetear simiesco. Nem podia ser de outra maneira, pois, boêmia e a disparidade de atitudes podem ser condições marcantes de criaturas que agem sob a ação de bebidas alcoólicas, tenham, embora, maneiras chãs e o íntimo sadio [...] Em nossa querida terrinha, um se destacou sobremaneira: Reis e Almeida, o eternamente, inspirado “MANDUCA”. Um versejador QUE NASCEU POETA. MANDUCA, experimentado sonetista, versejador de fino quilate, senhor e dono de uma intensa sensibilidade, ampliativa, criou também - como tantos outros - a SUA PRÓPRIA POESIA... a poesia do “repente”, cheia de dulcíssima musicalidade, porque tirada num lapso de segundos do fundo d’alma. Vezes sem conta, o poeta decassilábico, sem levar em conta o avançado da madrugada, entrou no jardim de minha casa, indo aboletar-se na “pérgula mexicana”, eterno encanto para seus olhos de bardo espargidor de emocionalidade. Sempre, o modesto e bom amigo MANDUCA, comparecia portando um “vidro preto achatado”, com um suculento aperitivo por ele mesmo preparado e um saquinho de apetitosos pastéis. De quando em quando um pequeno trago para apurar a inspiração. Quanto aos pastéis... NEM TE LIGO. O vate das madrugadas, se aproximando da janela de meu quarto dava o aviso, num tom embaraçado de voz: - CHEGUEI, HÉLIO SEREJO.<sup>211</sup>

Essa relação de amizade política que destaco entre Serejo e o índio, Serejo e o paraguaio, Serejo e o gaúcho, Serejo e o baiano se torna importante na medida em que essa amizade permite que a posição política do autor transforme-o em porta voz dos ervais, da fronteira, dos povos marginalizados.

A preocupação de Serejo em vida foi a de pesquisar e registrar a vida dos povos crioulos desse lócus geostórico cultural, este lócus que também é o meu, o papel de Serejo é o de arkont que guarda o arquivo da memória cultural local, que cabe a mim agora desarquivar. No livro *7 contos e uma potoca*, cujo singelo e cativante trabalho encanta desde o título pela simplicidade, pude encontrar a manifestação em diversas formas da preocupação de Serejo em ouvir e registrar a

---

<sup>211</sup> SEREJO. *Ronda do Entardecer*, p. 08-09.

história desses povos tão maltratados e muitas vezes até massacrados, como se pode ler na epígrafe deste subtítulo.

Em “Um mau conselheiro” é possível observar a preocupação em registrar as condições do trabalho nos campos de erva-mate e dos povos que ali desenvolviam tal trabalho:

A vida bruta dos ervais, com suas ilusões e desenganos, exercera sempre em si uma força estranha. Onde se erguia uma ranchada, ele aí estava. Guapo, arrojado, machado em punho. Conheci-o um dia trabalhando na Empresa Mate Laranjeira, em pleno sertão. Chamava-se Villalba, Juan Agustin Villalba. Paraguaio de nascença. Natural de Capilla Horqueta. Deitado numa tarimba, no fundo de um rancho sem luz e sem higiene, mãos cruzadas sobre o peito, ardia em febre.<sup>212</sup>

Seus amigos, sempre muito judiados pela vida, eram os desgraçados, amaldiçoados que chamavam a atenção do autor, assim como Jack Kerouac que tinha fascínio por vagabundos, desordeiros e andarilhos que atravessam o país em trens de cargas e *joyrides*. Só que Hélio Serejo, o poeta ervateiro, o latino-americano aqui do extremo sul do Brasil, este escritor fronteiriço, da periferia, era bem mais marginalizado que o marginal do eixo, do “centro do mundo”. E aqui do centro-oeste brasileiro vivenciou muitas histórias, e conheceu muitos povos, tanto da região sul-mato-grossense quanto de fora como:

[...] um moço baiano de extraordinária inteligência e de uma simpatia pessoal que cativava o cristão logo à primeira vista: José Almeida Cardoso era seu nome. Filho da gloriosa Bahia tinha, na pele tostada, o grande estigma do homem sofredor. Do homem que viera de longínquas terras, açoitado pelo vendaval da esperança, e que não pudera, por circunstâncias especialíssimas, encontrar na terra estranha, aquilo que sempre almejava: a paz de espírito e a tranquilidade.<sup>213</sup>

Uma amizade entre Hélio Serejo e diferentes povos das diferentes regiões do Brasil meridional é possível, pois, um trota-mundo como ele próprio se dizia se permite tal condição. Quero destacar aqui a situação em que essa amizade se faz

---

<sup>212</sup> SEREJO. *7 Contos e uma Potoca*, p. 64.

<sup>213</sup> SEREJO. *7 Contos e uma Potoca*, p. 29.

levando em consideração o que Edgar Cézar Nolasco destaca em *Perto do coração selbage da crítica fronteriza*, quando diz:

O grande útero cultural, por permitir a troca de favores e de infusões, visando sua própria sobrevivência e a do estrangeiro, inaugura um mundo outro, o da diversidade (MIGNOLO), onde a convivialidade a hospitalidade são postas em prática, independente da beiragem a hostilidade.<sup>214</sup>

O que me leva a concluir que muitas vezes essa amizade se desenvolve mais por uma questão de necessidade do que de cumplicidade, afinidade. E assim se faz necessário que Serejo cumpra o seu dever de colocar esses povos no mapa da existência, pois se não fosse por registros como os do autor, essas histórias locais estariam condenadas a desaparecer.

Em constante caminhada pelas “orilhas” da fronteira, Serejo para registrar em sua literatura selvagem o que vivencia, assim como para, o andariego, que também ganhou espaço nas páginas do escritor:

Um dia, porém, o andariego para. Para porque sente a real necessidade de parar. As pernas tropeçaram. O corpo alquebrado foi se embodocando com o passar dos tempos e a velhice inexorável veio para lhe roubar as derradeiras energias. Virou um farrapo. Um índio de beira fogão. Um mateador solito. Um pária autêntico, arruinado pela vivência brutal.<sup>215</sup>

Ao retratar a vivência desses povos Serejo faz um resgate da memória cultural que faço aqui novamente ao desarquivar seus escritos, e o escritor o faz a partir da vivência do outro. Isso, nas palavras de Nolasco, me permite compreender que somente quando me predisponho pensar criticamente a partir da experiência do subalterno é que me encontro na condição de compreender a sua situação.

Muitas vezes, as histórias retratadas na obra do escritor Hélio Serejo são marcadas por tragédias, como evidenciei nos trechos anteriores. O escritor retratou as histórias dos fronteiriços, dos ervateiros, dos andariegos, do bugre que carrega o balaio de onde (des)arquiva a memória cultural desses povos: “[...] nos discursos da

<sup>214</sup> NOLASCO. *Perto do Coração Selbage da crítica Fronteriza*, p. 123.

<sup>215</sup> SEREJO. *7 Contos e uma Potoca*, p. 70.

amizade, como discursos de epitáfio, o amigo não tem existência própria, somente existe em nós, entre nós, nós portamos sua existência, sua memória [...]”<sup>216</sup>

É fato que a história desses povos tem sido negligenciada, pela tradição moderna ocidental, e Serejo de alguma forma vai contra a tradição ao retratar e rememorar essas histórias esquecidas. Nas palavras de Edgar Cézár Nolasco, assim como as histórias locais da fronteira-sul, precisam ser tomadas, cada vez mais, como uma produção do conhecimento teórico, crítico e epistemológico.

Acredito que seja esse meu objetivo com essa proposta, desarquivar de dentro do balaio que o bugre carrega, a história cultural local para manter viva a memória dos povos do lócus geoistórico cultural que compreende o estado de Mato Grosso do Sul e conseqüentemente a identidade desses povos.

Meu trabalho assim volta-se para uma opção descolonial (Mignolo) pois, como afirma Nolasco em seu recente trabalho, “a opção descolonial é o fazer crítico capaz de barrar a visada moderna das memórias vindas de longe.”<sup>217</sup> O que pretendo aqui é o desarquivamento/ reavivamento das memórias locais, das nossas (pois também faço parte desses povos, desse lócus geoistórico) memórias subalternas, ou porque não dizer eu: minhas memórias subalternas.

A importância do escritor Hélio Serejo se dá não apenas pelo registro da história e resgate da memória cultural local, como também pelo registro das paisagens locais, as paisagens pantaneiras, as paisagens fronteiriças, dos campos de erva mate, do cerrado sul-mato-grossense.

Se considero o que ressalta Denilson Lopes em seu ensaio “O sublime no banal”, que compõe o livro *A delicadeza* (2007); de que “o sublime não implica mais a perda do eu como triunfo da linguagem, mas que o próprio sujeito seja traduzido

---

<sup>216</sup> ORTEGA. Para uma política da amizade, p. 70.

<sup>217</sup> NOLASCO. *Perto do coração selbage da crítica fronteriza*, p. 145.

como paisagem”<sup>218</sup>, não posso desconsiderar o registro do escritor da paisagem que melhor traduz esse lócus geográfico cultural a partir de onde falo: o bugre. Que ilustra não só por seus traços físicos, mas por seus costumes e seus objetos, entre eles o tão estimado balaio.

Assim como o couro que é tão importante para os vaqueiros, como o balaio é para o bugre, pois dele se produzem diversos objetos de grande utilidade para quem percorre sertão afora, paisagem esta que também se encontra registrada na obra serejoana:

O velho pilão, o catre mal trançado, o arreo cacareco, o gamelão, o maroto chapéu carandá, o poncho descolorido, soltando fiapos, a forma de rapadura, o ferro de brasa para passar roupa, a mariquinha, corote, o panelão de ferro desbeijado, o porongo guardador de água, a caneca de latão, o resto de cobertor para se defender do frio, o sapatão de couro de anta e centenas de outros pertences são marcas indestrutíveis do crioulisto.<sup>219</sup>

Como esses itens listados por Serejo são marcas indestrutíveis do crioulisto, toda paisagem captada pelo autor são marcas indestrutíveis da cultura, memória e identidade locais da região onde está localizado o estado de Mato Grosso do Sul, e ainda ousa afirmar, de toda a América Latina:

Essa tríplice fronteira (Brasil/Paraguai/Bolívia) é um espaço enunciativo onde as relações de pertencimento das *biogeografias* dos sujeitos transitam cotidianamente e, por conseguinte, como dito antes, têm vínculos diretos com o que se produz neste espaço ou naquele lugar literalmente do *entre*. Um lugar literal da migração, imigração, emigração, onde o processo de alteração do *bios* e dos espaços geográficos de pertencimentos é cotidiano. Entrelugar de fronteiras geográficas internacionais e um lugar habitado por sujeitos que conseqüentemente não pertencem a este lugar do não-lugar. Pois, o *entre*, neste sentido de biogeografias, não está relacionado a lugares desconsideráveis, lugares esquecidos, apagados ou marginalizados.<sup>220</sup>

A fronteira é lugar das misturas de povos e culturas, lugar de idas e vindas e que atrai a atenção de muitos. Por esse motivo me vi no dever de destacar a obra de Serejo, escritor encantado pela paisagem fronteiriça e que dedicou sua vida ao

<sup>218</sup> LOPES. *A delicadeza*, p. 42.

<sup>219</sup> SEREJO. *Obras completas de Hélio Serejo*, p. 145.

<sup>220</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Biogeografias ocidentais/orientais*, p. 104.

trabalho literário que retrata a fronteira: o sofrimento, as atrocidades, mas também a beleza desse lócus geográfico que é a maior riqueza cultural do arquivo sul-matogrossense.

Este encanto da paisagem fronteiriça será tema do meu Capítulo III, o qual objetiva fazer uma leitura das paisagens fronteiriças a partir da obra de Serejo, bem como investigar as paisagens expostas nas capas dos livros do autor xucro, a fim de evidenciar, ou melhor, exumar as histórias locais que foram subalternizadas pela epistemologia moderna.

### **CAPÍTULO III**

## **PAISAGENS BIOGRÁFICAS FRONTEIRIÇAS**

Tal epistemologia outra labora a exumação das histórias, memórias e discursos subalternos, permitindo, por conseguinte, a ascensão dos restos por fora do discurso centralizador da crítica moderna que imperou nos trópicos com sua boa intenção messiânica e salvífica.

NOLASCO. *Perto do coração selbage da crítica fronteriza*, p. 12.

Conforme pensei uma teorização fronteiriça no segundo capítulo, agora passo a erigir uma epistemologia sobre as paisagens biográficas e locais da fronteira-sul. Apenas uma epistemologia fronteiriça é capaz de melhor fazer uma leitura crítica dessas paisagens fronteiriças das quais Hélio Serejo ilustrou em sua obra literária e intelectual.

A primeira noção de paisagem que gostaria de trazer para minha discussão é a de Denilson Lopes (paisagem transcultural). Para o autor, a paisagem transcultural demanda uma série de outras noções (epistemológicas), como se pode notar na citação abaixo:

Para compreender melhor a noção de paisagem transcultural, é necessário lembrar que a paisagem se transformou em rica categoria, como defende Arjun Appadurai, para compreendermos as disjunções entre economia, cultura e política na contemporaneidade a partir de paisagens étnicas (“ethnoscapes”), midiáticas (“mediascapes”), tecnológicas (“technoscapes”), financeiras (“financescapes”), ideológicas (“ideoscapes”).<sup>221</sup>

Tal noção me interessa na medida em que leva em consideração a paisagem não apenas no sentido geográfico, de vegetação, mas passa a abarcar uma série de fatores, como as diferentes etnias, das quais Serejo retratou em sua vasta obra, além de outras que formam e transformam os sujeitos periféricos fronteiriços. Por isso a paisagem também é biográfica, conforme vou expor mais adiante.

As paisagens da tríplice fronteira (Brasil/Paraguai/Bolívia) contêm especificidades que formam e transformam os sujeitos que aqui vivem. Desse modo, Nolasco, no ensaio “Babelocal: para uma conceituação na tríplice fronteira (Brasil/Paraguai/Bolívia)”, que faz parte do livro *A reinvenção do arquivo da memória cultural da América Latina* (2010), indica uma característica serejoana, a do porongo, para identificar uma nuance da tríplice fronteira:

Aberto para fora como um porongo (Serejo), ou aberto para dentro como um caramujo (Barros), um lugar, que também tem suas fronteiras e os seus

---

<sup>221</sup> LOPES. Notas sobre a crítica e paisagens transculturais, p. 25.

limites, ao mesmo tempo em que lembra a *distância* e a *separação*, também lembra o *contato* e a *integração*.<sup>222</sup>

Distância e separação, contato e integração (trans)formam as paisagens (biográficas) do nosso Estado fronteiriço. Ao fazer uma crítica descolonial da arte e da paisagem fronteiriças, Marcos Oliveira, na tese de doutorado intitulada *Paisagens biográficas pós-coloniais*, indica “[...] a paisagem como biográfica e os retratos culturais como partes de uma outra epistemologia crítica [...]”<sup>223</sup>.

Como já mencionei antes, não me valerei de um conceito único de paisagem, pois como indica Marcos Antônio Oliveira: “Considerando as perspectivas teóricas abordadas (pós-colonial e crítica biográfica) seria impossível tomar uma ideia tradicional de paisagem bem como da noção de paisagem como recorte do natural”.<sup>224</sup>

Como se tratam de paisagens biográficas fronteiriças, priorizei noções pós-ocidentais e descoloniais para discutir as distintas paisagens e histórias locais. Desse modo, conforme teoriza Marcos Antônio de Oliveira “[...] uma paisagem sul-mato-grossense seria sempre uma paisagem disforme de algum horizonte europeu e norte-americano.”<sup>225</sup>

Biográfica e fronteiriça são as palavras-chave para se compreender a paisagem local e a relação intrínseca dos sujeitos (*bios*) com a fronteira-sul (*loci*), e desta com aqueles, pois, como se verá, a fronteira também habita os sujeitos. Por isso a proposição de Oliveira é relevante para a questão:

Em contrapartida, se propusermos pensarmos-nos como sujeitos pós-coloniais de condição sociocultural, não apenas pela natureza que nos fora imposta, poderemos, por exemplo, propor paisagens biográficas e/ou culturais como retratos dos sujeitos locais.<sup>226</sup>

<sup>222</sup> NOLASCO. Babelocal: para uma conceituação na tríplice fronteira (Brasil/Paraguai/Bolívia), p. 57.

<sup>223</sup> OLIVEIRA. *Paisagens biográficas pós-coloniais*, p. 35.

<sup>224</sup> OLIVEIRA. *Paisagens biográficas pós-coloniais*, p. 28.

<sup>225</sup> OLIVEIRA. *Paisagens biográficas pós-coloniais*, p. 53.

<sup>226</sup> OLIVEIRA. *Paisagens biográficas pós-coloniais*, p. 53.

Esse “pensarmos-nos como sujeitos pós-coloniais” do qual fala Oliveira não é senão a opção pelo pensamento fronteiriço que discuti no primeiro capítulo. Tal pensamento me remete às paisagens locais que, assim como as sensibilidades, formam-se e transformam-se ao longo do tempo. Daí a importância de narrar tanto o sujeito quanto o lugar a partir de uma perspectiva descolonial atravessada pela crítica biográfica.

Esse ato de (re)contar as histórias locais da fronteira-sul, além de ser uma teorização bárbara, ideia já desenvolvida no primeiro capítulo, é também uma forma descolonial de o escritor sul-mato-grossense narrar as diferentes paisagens locais e biográficas deste estado fronteiriço com toda a sua diversidade de povos e culturas que não foram retratados dentro da “história oficial”, mas que guardam consigo memórias e histórias locais que ajudam a construir a identidade de nosso estado fronteiriço.

Ao falar de distintas paisagens locais e biográficas, estou falando também dos sujeitos subalternos que habitam o local fronteiriço. Como se verá, não é apenas o homem da fronteira que habita o lugar, mas os lugares fronteiriços também moram dentro do ser subalterno. Esta é uma condição de troca entre homem e lugar, *bios* e *lócus* da qual não se podem separar ao se fazer uma teorização fronteiriça, em que o pensamento fronteiriço é erigido.

Tal condição se aproxima muito daquilo que Silvano Santiago falou em “Apesar de dependente, universal”, ao tratar das produções/cultura dos textos metropolitanos e dos textos/culturas/histórias locais periféricas:

Nas culturas periféricas, aliás, os textos colonizados operam com brio a síntese enciclopédica da cultura, soma generosa em que o próprio ocupado é mero apêndice insignificante e complementar do movimento geral da civilização. Nas culturas periféricas, os textos descolonizados questionam,

na própria fatura do produto, o seu estatuto e o estatuto do avanço cultural colonizador.<sup>227</sup>

Uma imagem muito forte da paisagem da tríplice fronteira é retratada pela cor vermelha, seja pelo matiz terra, da coloração do pôr do sol ou da tonalidade rubra e encarnada gerada pela guerra que envolve indígenas e latifundiários. É essa imagem vermelha traz a metáfora da ferida aberta que Edgar Nolasco tão bem discutiu:

Quando transportada essa imagem metafórica [da ferida aberta] para a fronteira seca aqui em questão, encontro a ferida aberta que sangra em prol de todas as diferenças, os mandos e os desmandos, o abuso e o poder, inclusive do estado, a falta de lei, a injustiça, o mundo babélico das línguas e as intempéries, e ciclicamente a paisagem sangrenta contrapõe-se e é encoberta pelo crepúsculo oscilante da fronteira.<sup>228</sup>

Tendo em vista essa paisagem fronteiriça, este capítulo visa fazer um estudo das paisagens epistêmicas em conjunção com as paisagens retratadas por Hélio Serejo em sua obra. Para isso, buscarei respaldo na epistemologia fronteiriça que brota dessa paisagem.

---

<sup>227</sup> SANTIAGO. *Vale quanto pesa*, p. 24.

<sup>228</sup> NOLASCO. *Perto do coração selvaje da crítica fronteriza*, p. 73.

### 3.1 Paisagens crioulas

A fronteira-Sul, enquanto um arquivo vivo e aberto, vela paisagens subalternas e biográficas do lugar [...] que precisam ser exumadas pela crítica biográfica pós-colonial latina.

NOLASCO. *Perto do coração selvaje da crítica fronteriza*, p. 136.

As paisagens biográficas da fronteira-sul das quais fala Edgar Cézar Nolasco na epígrafe são imprescindíveis para que se tenha consciência das histórias locais que foram subalternizadas, esquecidas e enterradas. É baseada nessa noção de exumar as paisagens biográficas fronteiriças que intento fazer uma leitura crítica que visa à emergência daquilo que foi esquecido/silenciado pela crítica moderna.

Tendo em vista a exumação das histórias e paisagens locais contadas e retratadas por Serejo, as noções de pensamento fronteiriço e de diferença colonial me ajudam a compreender a relação que há entre o *bios* de quem vive na fronteira e vivencia a própria fronteira.

Exumar as histórias é também evidenciar de as várias facetas da paisagem da tríplice fronteira de Mato Grosso do Sul, pois, conforme explanou Rafael Cardoso-Ferreira, em “Hélio Serejo: um escritor nas margens oeste do Brasil”, ensaio presente em *A reinvenção do arquivo da memória cultural da América Latina*, o escritor fronteiriço “[...] verifica todos os mínimos detalhes da paisagem [fronteiriça] que possa trazer aos seus leitores”.<sup>229</sup>

Ao verificar os detalhes da tríplice fronteira, Serejo está ao mesmo tempo exumando paisagens hoje fora do imaginário do povo sul-mato-grossense, como é o caso das paisagens ervateiras. Ao evidenciar o trabalho do escritor fronteiriço, estou também, enquanto crítica fronteiriça, reverificando tais paisagens outrora esquecidas

---

<sup>229</sup> CARDOSO-FERREIRA; NOLASCO. Hélio Serejo: um escritor nas margens oeste do Brasil, p. 121.

e, ao mesmo tempo, tentando mostrar como a paisagem fronteiriça estava (como ainda está) ligada aos países do outro lado da fronteira oeste, tal como Serejo o fez:

Hélio Serejo não se preocupou com os limites que as fronteiras lhes impunham, não delimitou, assim, uma linha imaginária que divide os territórios dos países que fazem fronteira com Mato Grosso do Sul (Paraguai e Bolívia).<sup>230</sup>

Assim, conforme expus no primeiro capítulo desta dissertação, o pensamento fronteiriço não é apenas produto da mente, ou seja, apenas algo proveniente da reflexão teórica e crítica, mas ocorre e é visível no corpo dos sujeitos subalternos que habitam o lócus da tríplice fronteira Brasil/Paraguai/Bolívia. Nesse sentido, Nolasco afirma que a diferença colonial é sentida no corpo do homem que vive (n)a fronteira:

A diferença colonial do homem que vive na fronteira é que ele sente a fronteira no próprio corpo. De modo que ela está incrustada em seu corpo, em sua língua, em seu pensamento, em seu modo de produzir conhecimento. É a soma de tudo isso que vai resultar em uma epistemologia específica dos lugares subalternos.<sup>231</sup>

Exemplo dessa afirmação é *Campeiro da minha terra*, em que o escritor fronteiriço narra, como sugere o título, as lidas do homem do campo, do vaqueiro, do índio, do gado, da paisagem da campina, da várzea, do pântano etc. No início do poema já há marcas da fronteira, do homem trabalhador do campo que vive a fronteira no corpo:

Nem bem o dia desponta  
 você, lesto, o apeiro apronta,  
 engole uns goles de mate  
 e depois, como arremate,  
 alça, ao cós, o tirador...  
 e, vendo, da aurora, o alvor,  
 bate na anca do pingo  
 e, cantando, em choramingo, sai trotando pela estrada  
 de orvalho, toda banhada.  
 E, no peito, sente em golpes,  
 esse ventinho aragano,  
 rebojador... pampiano  
 que dizem os velhos antigos  
 - zunindo, fustiga a sorte.

<sup>230</sup> CARDOSO-FERREIRA; NOLASCO. Hélio Serejo: um escritor nas margens oeste do Brasil, p. 121.

<sup>231</sup> NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, p. 134.

Segredando ao coração  
de todo campeiro arguto,  
que na alta madrugada  
a trotito, pela estrada,  
mentalmente, canta e grita  
pela coxilha infinita,  
- cheio de fé... resoluto...  
Quebra, na testa, o chapéu [...] <sup>232</sup>

O *bios* do campeiro é como um contorno da paisagem onde vive: o pantanal. O sabor do mate, o tirador no cóis, o canto melancólico, o vento no peito e o chapéu na testa trazem no bojo do campeiro a paisagem da fronteira. O *bios* do homem que trabalha e vive no campo é decidida pela paisagem que ora é campina, ora é pântano.

Toma um trago de cachaça  
e a infinita coxilha abraça...  
Não é mal o seu destino!  
No fulgor da madrugada  
a trotito... bambeante  
da várzea bem coleante  
tendo os campos por morada  
e, por galpão, a invernada  
você nessa dura lida  
- palanque de raça forte –  
vence o Sul, domina o Norte  
- batendo o tição da vida!...<sup>233</sup>

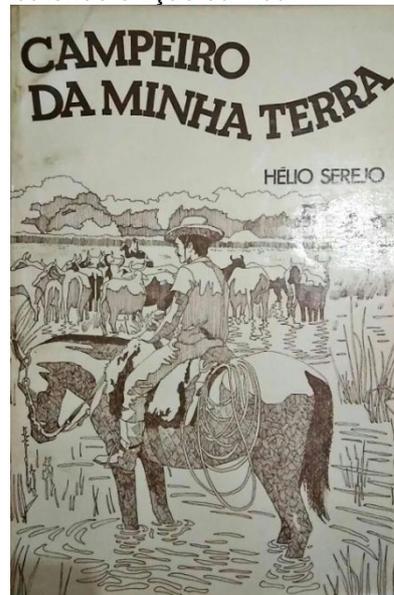


Figura 2: Capa de *Campeiro da minha terra*, de Hélio Serejo.  
Fonte: SEREJO. *Campeiro da minha terra*, capa.

<sup>232</sup> SEREJO. *Campeiro da minha terra*, p. 07.

<sup>233</sup> SEREJO. *Campeiro da minha terra*, p. 12.

A capa de *Campeiro da minha terra* é uma imagem que evidencia ser o homem fronteiro a própria fronteira. Tal como Nolasco indicou acerca da relação entre *bios* e paisagem, a fronteira está incrustada no campeiro que, com sua roupa e seus modos, está contando uma parte de nossa história local.

Essa morada da fronteira no corpo do campeiro pantaneiro e fronteiro advém daquilo que tratei no primeiro capítulo da dissertação: as sensibilidades locais. Estas são ligadas, conforme Mignolo indica, ao território que, por sua vez, abrange tudo que envolve o *bios* do sujeito que habita um determinado lugar. A esse respeito, Mignolo diz que:

[...] as sensibilidades dos locais geostóricos relacionam-se com um sentido de territorialidade [...] e inclui a língua, o alimento, os odores, **a paisagem**, o clima e todos esses signos básicos que ligam o corpo a um ou diversos lugares.<sup>234</sup>

Fica claro, na passagem aposta, a relação do corpo com o lugar, com a paisagem. A capa do livro de Serejo que mostra o homem na lida do campo traz consigo os signos paisagísticos do pantanal. Priorizei tal imagem, sobretudo, por (re)contar uma parte da história local de minha infância, de como meu corpo estava habitado pelo pântano no qual eu estava inserida, posto que meu pai era um homem habitado pelo pântano, pelo gado, pela diáspora campesina no intuito de levar as rezes para um local seco quando vem a cheia, embora naquele tempo eu ainda não tivesse consciência disso.

Essa consciência subalterna se dá apenas por meio da opção descolonial, noção a qual já discuti anteriormente. É por meio dessa consciência que o pensamento fronteiro (e tudo que advém dele, inclusive as paisagens locais e biográficas) tem sua emergência, e assim há a capacidade de reconhecer essas práticas biográficas e locais como uma nova forma de epistemologia.

---

<sup>234</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/ Projetos globais*, p. 264.

Aqueles que vivem a condição subalterna, de acordo com Nolasco, desarquivam suas histórias locais: “Nesse sentido a fronteira-Sul e o homem-fronteira, que nela *sobrevive*, anarquizam histórias e memórias que ainda não foram abalizadas pelo saber proveniente dos discursos acadêmico e disciplinar”.<sup>235</sup>

Há, dessa forma, a emergência da memória descolonial dos sujeitos subalternos: “[...] a memória descolonial *sobrevive* nas vidas, mentes e corpos dos indígenas da fronteira-Sul, dos brasiguaios, bolivianos, paraguaios, sul-mato-grossenses da fronteira sem lei”<sup>236</sup>.

A memória descolonial ainda não está escrita nos livros de história e sequer é aprendida na escola. A memória descolonial existe nos corpos de quem habita a fronteira. É uma memória que está saindo aos poucos do anonimato, justamente por ter sido lembrada, anarquizada por escritores como Hélio Serejo.

Para Serejo, por exemplo, a anarquização se dá nos seguintes versos: “Campeiro, você escreveu,/ de Deus, recebendo a graça, a história da própria raça”<sup>237</sup>, ou ainda nas estrofes finais do livro em que dá ao campeiro uma história (e memória local):

VOCÊ É UM BRAVO... UM COLOSSO,  
CAMPEIRO DE MATO GROSSO!

SEU DESTINO... É SUA GLÓRIA!  
VOCÊ É MARCO DA HISTÓRIA!<sup>238</sup>

Do anonimato que habita a paisagem pantaneira, o campeiro se torna, por meio da epistemologia poética fronteiriça de Serejo, em um homem com história. Os versos serejoanos (re)contam a história do homem e de seus costumes, de suas paisagens, mas também contam parte da minha história vivida na fazenda, de

<sup>235</sup> NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, p. 139.

<sup>236</sup> NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, p. 139.

<sup>237</sup> SEREJO. *Campeiro da minha terra*, p. 29.

<sup>238</sup> SEREJO. *Campeiro da minha terra*, p. 40.

quando comecei a ser habitada pela paisagem da fronteira, de quando meu pai era também como o campeiro dos versos e da capa do livro de Serejo.

Tal memória pode ser compreendida nos seguintes versos: “Em todo índio sem nome/ nos ermos passando fome...”<sup>239</sup>. A relação do corpo indígena com lugar é evidenciada de forma a mostrar uma problemática sem fim que teve seu início com a opressão epistemológica, política e cultural hegemônica. Não só o corpo do indígena foi suprimido, descartado, enterrado da nossa história, mas o arquivo de suas memórias também. Assim, Nolasco indica que:

Dentro do arquivo das histórias oprimidas da fronteira, anarquivaram-se memórias subalternas dos indígenas, brasiguaios, andariegos, paraguaios e bolivianos, impressões de vida desses sujeitos da fronteira e suas sensibilidades biográficas. As memórias e as histórias desses sujeitos subalternos da fronteira com certeza não começaram com a abertura do *arkheion* grego, mas sem dúvida começaram com aquelas histórias e memórias locais (latinas) que foram sequestradas pelas histórias/memórias que sustentaram todo o sistema colonial moderno, pelo menos desde o século XVI.<sup>240</sup>

Ter a história e a memória sequestradas significa que não apenas o passado foi renegado pela “história e memória oficiais”, mas que, hoje, esses seres subalternos não são reconhecidos como seres humanos. Por isso a prática teórica de Serejo é crucial para preservar as paisagens locais e biográficas fronteiriças.

Uma paisagem descolonial e crioula que envolve o campeiro (e a qual cria uma parte de nossa história local, e, em particular, da história de minha infância) é o galpão. Para Serejo, o galpão, construção erigida para abrigar os peões – trabalhadores campeiros –, o sal que alimenta o gado, o couro do gado e o bacheiro de lã curtindo ao sol da fronteira, as ferramentas para jardinagem e lida com a terra, as tralhas para arriar os cavalos, e uma infinidade de coisas que, assim como as coisas guardadas dentro do balaio de bugre, é também a morada de reminiscências.

---

<sup>239</sup> SEREJO. *Campeiro da minha terra*, p. 19.

<sup>240</sup> NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, p. 142.

Isso é evidenciado em *De galpão em galpão*, livro compilado nas *Obras completas – Volume III*, de Serejo: “Um galpão é sempre refúgio de reminiscências crioulas. Dentro dele, ao pé do fogo, ante o chiar da chaleira, a peonada reunida, galhofeira e chistosa, desfia o rosário da brutal lida campeira”<sup>241</sup>. Essas reminiscências constituem a memória cultural daqueles que vivem na fronteira, haja vista que estão atravessados pelas conversas que ocorrem de galpão em galpão:

Minha memória cultural está *atravessada* pelas conversas dos ervateiros e campeiros da região. De toda essa herança e errância cultural e histórica, *sobrevive*, em minhas sensibilidades biográficas, o canto melancólico do urutau como mimetizador de uma paisagem local que não se deixa emoldurar pelas palavras.<sup>242</sup>

Também a minha memória cultural, que é baseada em minhas sensibilidades locais e biográficas, foi construída pela paisagem local do Mato Grosso do Sul, especialmente as memórias que trago da infância vivida no interior. Desse modo, o galpão, local das conversas por excelência, ensinou-me a colher as conversas como um meio de produzir conhecimento.

Também foi a partir deste local xucro e arquivístico<sup>243</sup> que tive a consciência de ser atravessada pela paisagem fronteira. O conceito de atravessado liga o sujeito fronteiro (e subalterno) ao seu lócus de enunciação, sobretudo porque a vida e o lugar, o corpo e a paisagem, estão fundidos, numa construção de nossa história local e de nós mesmos:

Ao sul da fronteira-Sul, temos vindo construindo a *verdade* sobre nós mesmos, gente *fronteriza*, atravessada por uma condição interna de homem-fronteira, que simplesmente não autoriza que o outro, o de fora do lócus *fronterizo*, fale por essa gente que construiu seu estado de *sobrevida* sobre o fio instável da fronteira-Sul.

Como bom xucro que produz poesia (epistemologia) fronteira, Serejo, e eu mesma – ao erigir uma teorização bárbara a respeito dele – estamos desautorizando

<sup>241</sup> SEREJO. *Obras completas – Vol. III*, p. 205.

<sup>242</sup> NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, p. 12.

<sup>243</sup> A noção de arquivo foi desenvolvida no Capítulo II.

o outro (moderno), do centro, do grande eixo, a falar por nós mesmos. A prática do escritor sul-mato-grossense, e minha própria prática teórica, estão falando por si, estão evidenciando que as paisagens fronteiriças abrigam corpos cujos traços advêm e são construídos por este lugar onde o sol se põe.

Desse modo, o corpo do campeiro em seu cavalo, em meio ao pântano, torna-se a fronteira, posto que também está habitado por ela, assim como ocorre a fusão do indígena com seu lócus de enunciação. Essa relação entre imagem das capas dos livros de Serejo e a paisagem fronteiriça será melhor abordada na próxima seção.

### 3.2 Paisagens e estéticas descoloniais

O que está nas fronteiras da superfície: solos e águas. O que está acima: atmosfera. Ecossistemas. Espaço transformado/produzido pela sociedade: do rural ao urbano, percorrendo todas as possíveis nuances e tipologias [...].

HISSA. *A mobilidade das fronteiras*, p. 271.

A epígrafe de Hissa que abre esta seção foi escolhida por mim com a consciência de que aquilo que constitui as fronteiras, as paisagens fronteiriças, é não apenas da ordem da natureza geográfica, mas se constrói pela interferência humana dentro de um lócus específico, da sociedade. As paisagens fronteiriças marcam o corpo do homem fronteiriço e subalterno que vivem e a e na tríplice fronteira.

Desse modo, como já exposto anteriormente, o *bios* e a obra de Hélio Serejo têm uma relação intrínseca com a fronteira, seja ela geográfica ou epistêmica. Por fronteira, especificamente nesta seção, refiro-me também à paisagem descolonial da fronteira-sul.

Não só a vasta obra literária e o corpo do escritor contam e recontam paisagens fronteiriças do Mato Grosso do Sul, como também as capas e ilustrações de alguns de seus livros contêm um retrato do cenário biográfico e local daqueles seres e coisas que Serejo tão bem descreveu em sua epistemologia fronteiriça.

Para tratar das paisagens fronteiriças que ilustram algumas capas dos livros de Serejo, busquei no pensamento fronteiriço uma estética que desse conta desses panoramas descoloniais: as estéticas descoloniais. Uma estética moderna não é capaz de abordar e discutir uma produção fronteiriça porque aquela oprime esta, tira-lhe toda a voz, lança-a no esquecimento, desqualifica-a como uma forma de pensamento humano.

Além disso, preferi uma teorização descolonial porque, assim como a epistemologia crioula e fronteiriça de Serejo, foi erigida a partir de um lócus subalterno, atravessado pela diferença colonial. A respeito da gênese desse conceito de descolonização, Mignolo e Gómez, em “Estéticas decoloniales”, apontam que:

Inequivocamente, o conceito de descolonização não se originou na Europa (como uma novidade moderna ou pós-moderna; na verdade tal conceito precede o conceito de pós-modernidade e pós-colonialidade), mas teve sua origem no Terceiro Mundo. A versão atual, a descolonialidade, bebe nessas fontes e continua sua trajetória no ex-Terceiro Mundo e no interior do ex-Primeiro Mundo.<sup>244</sup>

Como indicado pelos autores, a descolonialidade nasceu em *loci* específicos e subalternizados pela produção de conhecimento colonial. A colonialidade, atravessada pela diferença colonial, é um dos fatores que não haviam sido vistos e considerados para “qualificar” uma epistemologia subalterna como uma forma outra de conhecimento.

Explico: para Mignolo, e para a teoria descolonial, todos são capazes de gerar conhecimento, cultura, epistemologia, arte: “[...] pensar teoricamente é dom e competência de seres humanos, não apenas de seres humanos que vivam em um certo período, em certos locais geográficos do planeta e falam um pequeno número de línguas específicas”<sup>245</sup>.

O que desmonta essa assertiva é a colonialidade do poder, a modernidade que sempre dita o que é certo e o que é errado, o que é conhecimento e o que não é, o que é arte e o que não é. Por isso Mignolo vai dizer que: “O conceito que faltou nos usos anteriores da descolonização e pós-colonialidade foi o conceito de

---

<sup>244</sup> “Inequivocamente, el concepto de descolonización no se originó en Europa (como una novedad moderna o posmoderna; em verdad, precede al concepto de posmodernidad y poscolonialidad), sino en el Tercer Mundo. La versión actual, decolonialidad, bebe en esas fuentes y continúa su trayectoria en el ex Tercer Mundo y en el interior del ex Primer Mundo.” (MIGNOLO; GÓMEZ. *Estéticas decoloniales*, p. 07). (Tradução livre).

<sup>245</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/ Projetos globais*, p. 159.

colonialidade, o qual, naturalmente, invocou o de des-colonialidade (decolonialidade).”<sup>246</sup>

Por isso a História do mundo que conhecemos é de ordem global, a qual está atravessada pela colonialidade do poder e pela hegemonia do conhecimento. Por outro lado, existe as distintas histórias locais, que, a partir de um pensamento fronteiriço, estão trabalhando para se desvincular do ranço colonial e dominador, sobretudo em termos epistemológicos. Para respaldar esse meu pensamento, cito Mignolo e Gómez:

Então, se a colonialidade é uma estrutura para a organização e gestão das populações e recursos da terra, do mar e do céu, a descolonialidade refere-se aos processos pelo quais aqueles que se recusam a ser dominados e controlados não só trabalham para se livrarem da colonialidade, como também para construir organizações sociais, locais e planetárias não mais gerenciáveis e controláveis por essa matriz colonial.<sup>247</sup>

Em termos de arte e de cultura, de estética, não foi muito diferente da história. As artes foram legitimadas, sobretudo, pela razão greco-romana, que invalidam outras formas estéticas que fogem dos padrões exigidos pela hegemonia. Mignolo e Gómez vão evidenciar que a colonialidade:

Supõe uma definição universal de arte e de estética. Portanto, se estabelece como ponto de referência para legitimar o que é a arte e o que é a estética. Ademais, para classificar e desclassificar tudo aquilo que pretenda ser arte ou estética e que não se ajuste ou cumpra com a universalidade da definição.<sup>248</sup>

Ao sul do Equador, mais especificamente na fronteira-sul, o que se vê ainda hoje, por todos os lados, é o poder vindo dos centros sendo encorajado e a

---

<sup>246</sup> “El concepto que faltó en los usos anteriores de descolonización y poscolonialidad fue el concepto de colonialidad, el cual, naturalmente, invocó al de des-colonialidad (o de-colonialidad).” (MIGNOLO; GÓMEZ. Estéticas decoloniales, p. 07). (Tradução livre).

<sup>247</sup> Así, si la colonialidad es una estructura para la organización y el manejo de las poblaciones y de los recursos de la tierra, del mar y del cielo, la descolonialidad refiere a los procesos mediante los cuales quienes no aceptan ser dominados y controlados no solo trabajan para desprenderse de la colonialidad, sino también para construir organizaciones sociales, locales y planetarias no manejables y controlables por esa matriz. (MIGNOLO; GÓMEZ. Estéticas decoloniales, p. 08). (Tradução livre).

<sup>248</sup> Supone una definición universal del arte y la estética. Por lo tanto, se establece como el punto de referencia para legitimar qué es el arte y qué es la estética. Además, para clasificar y descalificar todo aquello que pretenda ser arte o estética y que no se ajuste o cumpla con la universalidad de la definición. (MIGNOLO; GÓMEZ. Estéticas decoloniales, p. 08). (Tradução livre).

produção local sendo deslegitimada enquanto uma estética e, por isso, desvalorizada pela hegemonia moderna. Por isso os autores de “Estéticas descoloniais” vão afirma que:

As culturas artísticas (e com elas nos referimos a todo o complexo que suscita e anuncia a criação de uma obra) formam parte da matriz colonial de poder nos processos de manusear e manipular as subjetividades. Por outro lado, as culturas artísticas foram também os espaços de subversão, e não apenas de novidade. Subversão e novidade (e subversão como novidade) foram ambos os conceitos-chave para marcar a singularidade da arte.<sup>249</sup>

As paisagens fronteiriças evocadas e retratadas por Serejo em seus textos ou expostas nas capas de seus livros são uma forma outra de apresentar e legitimar as estéticas locais, isto é, um pensamento fronteiro

É nesse sentido que há a emergência das estéticas descoloniais: para que todos os seres humanos sejam capazes de produzir conhecimento e arte, não apenas alguns poucos alocados em locais específicos, cosmopolitas, hegemônicos. As estéticas descoloniais estão associadas, desse modo, aos sentimentos e não apenas à razão:

Estéticas descoloniais são uma mostra de “operações com elementos simbólicos” que buscam, por um lado, desmontar o mito ocidental de arte e de estética (descolonizar a arte e a estética) para liberar as subjetividades que ou devem direcionar suas ações para atender aos critérios de arte e estética, ou ficar de fora do jogo por não cumprirem as regras. Por outro lado, é uma mostra que, através de workshops, mesas redondas e debates públicos se destina a avançar a conceituação da descolonização da estética e libertar a aisthesis (o sentir).<sup>250</sup>

As estéticas descoloniais, propostas por Mignolo e Gómez, auxiliam a compreender como “o sentir”, a aisthesis, age como uma libertação dos saberes e

<sup>249</sup> Las culturas artísticas (y con ello nos referimos a todo el complejo que suscita y convoca la creación de una obra) forman parte de la matriz colonial de poder en los procesos de manejar y manipular subjetividades. Por otro lado, las culturas artísticas fueron también los espacios de la subversión y no solamente de la novedad. La subversión y la novedad (y la subversión como novedad) fueron ambos conceptos claves para marcar la singularidad del arte. (MIGNOLO; GOMEZ. Estéticas decoloniales, p. 08). (Tradução livre).

<sup>250</sup> “Estéticas decoloniales es una muestra de “operaciones con elementos simbólicos” que buscan, por un lado, desmontar el mito occidental del arte y de la estética (descolonizar El arte y la estética) para liberar las subjetividades que, o bien deben orientar sus haceres para satisfacer los criterios Del arte y de la estética, o bien quedar fuera del juego por no haber cumplido con las reglas. Por otro lado, es una muestra que, mediante talleres, mesas redondas y debates públicos se propone avanzar en la conceptualización de la descolonización de la estética y la liberación de la aiesthesis (el sentir). (MIGNOLO; GOMEZ. Estéticas decoloniales, p. 09). (Tradução livre).

das histórias locais (paisagens) da fronteira-sul. Fazer arte significa o mesmo que produzir epistemologia, conhecimento, portanto deve haver uma descolonização da arte moderna para que haja uma “liberação das subjetividades”, conforme evidenciam os autores.

Essa “liberação de subjetividades” nada mais é, dentro da perspectiva descolonial, que a emergência <sup>251</sup> das paisagens biográficas e locais da fronteira-sul, ou seja, que qualquer um, sobretudo os xucros, vaqueiros, vilipendiados, indígenas, bugres, paraguaios, brasiguaios, bolivianos etc., têm suas próprias paisagens, suas histórias (locais) que precisam ser exumadas para que sejam liberadas/libertadas da epistemologia moderna.

Uma ilustração dessas estéticas descoloniais, dessa aisthesis (o sentir), também é pensada e construída por Serejo. Isso pode ser visto na seção “O fundamento do título”, do livro *Ronda do entardecer*.

Fundamento do título

Está correto, sem nenhuma dúvida, o título RONDA DO ENTARDECER...

Entardecer é o instante psicológico do êxtase, do tocante arrebatamento e **da magia interior do emocionável.**

**A vista se ABEBERA da paisagem e transmite ao íntimo as vibrações da emocionalidade [...].<sup>252</sup>**

A justificativa, ou melhor, o fundamento que o escritor se valeu para dar nome ao livro se refere à aisthesis (o sentir), tal como se pode notar nas passagens acima grifadas, em especial quando Serejo alude à paisagem, a qual tomo por uma paisagem descolonial, tal como é a capa do livro, cuja edição é de 1995.

---

<sup>251</sup> Cf. MIGNOLO. *Histórias locais/Projetos globais*, p. 133.

<sup>252</sup> SEREJO. *Ronda do entardecer...*, p. 07. (Grifo meu).

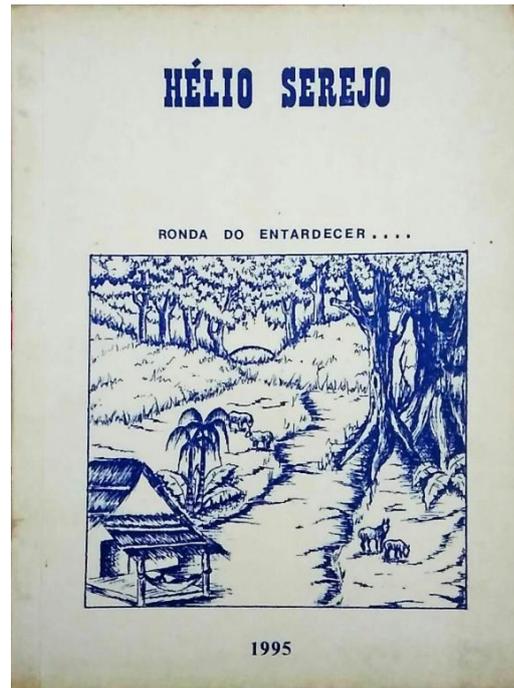


Figura 03: Capa de *Ronda do entardecer...*, de Hélio Serejo.  
 Fonte: SEREJO. *Ronda do entardecer...*, capa.

A capa do livro traz uma paisagem típica da zona rural, retrata a tranquilidade do homem simples do campo, que aparece descansando em uma casa simples. O convívio com os animais e a mata resgata uma experiência biográfica e local oriunda dos homens que viveram, e ainda vivem, do e no campo. Com sutileza, o sol se põe, quase escondido, no centro do livro. No leitor perspicaz e descolonial, a aisthesis (o sentir), ou como preferia Serejo: o leitor se ABEBERA da paisagem e transmite ao íntimo as vibrações da emocionalidade.

Embora as paisagens geográficas dos seres subalternos possam ser vislumbradas (por se confundirem ou serem esmagados pela paisagem/epistemologia colonial), elas não podem ser abordadas porque foram esquecidas. Nesse sentido, Nolasco indica que as paisagens fronteiriças precisam ser exumadas:

Tais paisagens fronteiriças são relevantes em minha discussão porque quero entender que elas, a seu modo, lembram histórias locais e memórias locais subalternas que caíram no esquecimento por conta ou de memórias estatais ou de memórias itinerantes vindas dos grandes centros, ou até

devido à importação de teorias críticas sobre memória que quase sempre, para não dizer sempre, não levou em consideração as especificidades geoistóricas e geopolíticas das memórias subalternas.<sup>253</sup>

Exumar as paisagens fronterizas é um meio de (re)contar as histórias subalternizadas pelos discursos da modernidade. É importante frisar o (re)contar porque essas histórias já foram contadas, em especial por Hélio Serejo que, como nenhum outro escritor, retratou a paisagem local.

Exumar as paisagens da fronteira-sul é também a liberação das subjetividades da qual falaram Mignolo e Gomez. É com o objetivo de retratar tais paisagens biográficas e locais que abordarei alguns panoramas fronteiriços de Hélio Serejo.

---

<sup>253</sup> NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, p. 135.

### 3.3 Paisagens da conversa e paisagens bugrescas

Dia e noite, ao entardecer ou na madrugada fresca e silenciosa, fui juntando, conta por conta, e formei o meu rosário... rosário de divagações literárias [...].

SEREJO. *Contas do meu rosário*, p. 05.

*Contas do meu rosário*, de Serejo trata de alguns de seus poetas preferidos, e de suas referidas obras, assim como das histórias contadas nos bolichos, galpões e estradas por onde passou o escritor fronteiriço. A esse respeito, o editor do volume, na primeira orelha, indica: “O jogo do laço de palavras é um constante treino de Serejo, que as cata nos **bolichos** das estradas, nas ranchadas ervateiras ou nos serões regados com o amargo fervente amistoso”.<sup>254</sup>

A escolha de *Contas do meu rosário* foi também para retomar um conceito que desenvolvi no segundo capítulo: o de conversa. Tal eleição foi para reforçar a poder que tem a conversa na constituição da paisagem fronteiriça e em como essa paisagem é (re)contada pelo homem que habita e é habitado pela fronteira.

O rosário de Serejo, assim como o balaio de bugre, foi “catado”, para lembrar o editar da obra, em diferentes locais. Tomo o local tanto no sentido físico quanto epistemológico, como já discuti anteriormente.

Já o meu rosário, eu o construo sobre a diferença colonial e a partir do pensamento fronteiriço, pois cada seção é uma conta epistêmica que busco nas leituras, conversas, memórias e paisagens da fronteira. Em suma, são as histórias locais da fronteira que (re)conto a partir da epistemologia fronteiriça do escritor Hélio Serejo.

---

<sup>254</sup> RIBAS. *Contas do meu rosário*, orelha. (Grifo do editor).

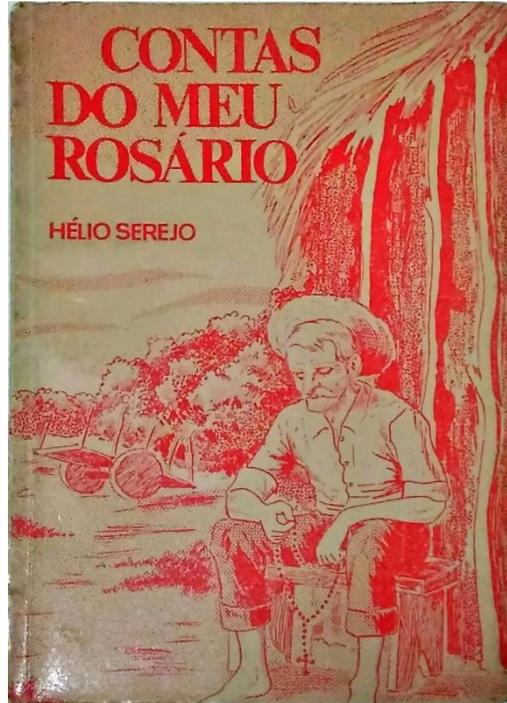


Imagem 04: Capa de *Contas do meu rosário*. Arte de José Flávio Lemos Fontão.  
 Fonte: FONTÃO. *Contas do meu rosário*, capa.

Tal capa é um retrato de, pelo menos, duas paisagens: a dos campos ervais fronteiriços (“nas ranchadas ervateiras”) e do homem que carrega essa paisagem em seu corpo. Serejo a retira das passagens e paisagens pelos ranchos em meio à fronteira.

Hélio Serejo carregou a fronteira em si desde criança, em que, na companhia do pai, conheceu a extensa saga da qual se valeu para erigir sua obra monumental sobre os campos ervais. Isso fica explícito no trabalho de Rafael Ferreira-Cardoso sobre o autor:

Hélio Serejo, desde menino, acompanhava seu pai na peleja ervateira. Aos quatorze anos foi trabalhar em um grande rancho de Porto Baunilha, em Ivinhema. Com esse trabalho, o escritor aprendeu tudo sobre a erva-mate. Ardoroso defensor deste produto, mercadoria de indiscutível valor comercial. A exploração da erva-mate trouxe para o lado brasileiro inúmeros imigrantes paraguaios, que eram os mais hábeis na tarefa de cortar os galhos daquela árvore.<sup>255</sup>

Exumar as histórias locais da fronteira foi um dos objetivos de Serejo ao escrever (e descrever) as paisagens da tríplice fronteira: “O intelectual buscava

<sup>255</sup> CARDOSO-FERREIRA; NOLASCO. Hélio Serejo: um escritor nas margens oeste do Brasil, p. 122.

entender, explicar e, se necessário, orientar o povo sul-mato-grossense da importância das terras em que vivemos. Como tal, preocupava-se em fazer chegar a todos sua mensagem”<sup>256</sup>.

Ao retratar a paisagem dos campos ervais, o escritor xucro está também narrando uma história local de diferentes *bios*, de sul-mato-grossenses, brasiguaios, paraguaios, bolivianos, indígenas, bugres, entidades divinas e personagens do folclore que povoam o imaginário local. A paisagem fronteiriça é o mesmo que paisagens biográficas, já que, como discuto, os locais formam e transformam a vida daquele que povoam um determinado local. É por isso que Cardoso-Ferreira vai indicar que:

Com relação à fronteira guarani, foi, por longo tempo, uma faixa de terra em que circulavam livremente não só brasileiros e paraguaios como outros imigrantes estrangeiros. Havia um verdadeiro cruzamento de povos. O olhar de Serejo em relação à cultura sul-mato-grossense, não permitia dividir os povos, ou seja, delimitar uma linha divisória. É nesse momento da mistura de povos que Serejo entra no mundo bruto da erva, representando com fidelidade a sua terra, e como espectador atento ao que ocorre a sua volta, observou que não há como delimitar fronteira que existe em Mato Grosso do Sul, em que branco, negro, bugre e índio formam um verdadeiro balaio de cultura. <sup>257</sup>

Dada as histórias locais fronteiriças, Serejo narra alguns “Mitos e lendas de Mato Grosso”. Uma interessante, que combina com a paisagem e com a capa do livro, é “Fogo da peroba”:

Em Sanga-Puitã, povoação fronteiriça, com o Paraguai, pouco além de Ponta Porã, muita gente viu um fogo, sair de uma peroba oca, em forma de uma pessoa coberta por um grande véu. Tão forte era o brilho do fogo, que o cristão abaixando o rosto, levado por grossas e copiosas lágrimas. O velho Paes Jobim, residente no vilarejo de Caarapó, viu o fogo misterioso sair do oco da vetusta árvore e tamanho susto levou que caiu do cavalo sobre uns cupins da estrada, passando a sofrer do peito... para desse mal morrer tempo depois. <sup>258</sup>

---

<sup>256</sup> CARDOSO-FERREIRA, NOLASCO. Hélio Serejo: um escritor nas margens oeste do Brasil, p. 122.

<sup>257</sup> CARDOSO-FERREIRA, NOLASCO. Hélio Serejo: um escritor nas margens oeste do Brasil, p. 122-123.

<sup>258</sup> SEREJO. *Contas do meu rosário*, p. 62

Ao retratar a história local do “fogo na peroba”, Serejo também faz um pequeno retrato da fronteira. Quero atentar, primeiro, para as cores que o escritor escolhe para narrar a paisagem local: tons vermelhos e alaranjados. O local onde se passa o ocorrido é Sanga-Puitã, que na língua guarani significa “barranco vermelho”. Também a peroba tem tons quentes, de cor alaranjada, bem como o fogo que sai da árvore.

Assim, o escritor tem o cuidado de retratar a paisagem fronteira nos tons da terra. Esta está inscrita no corpo do homem fronteiro, tal como na capa do livro e na descrição: caiu sobre uns “cupins” (montículos de terra vermelha onde os cupins fazem sua morada), e como efeito dessa queda na terra vermelha, o mal do coração do qual sofre Paes Jobim.

Tanto quanto a capa José Fontão, a história local contada por Serejo não é apenas um conto, um caso, uma lenda ou uma paisagem. É tudo isso ao mesmo tempo, sobretudo porque o escritor produz uma variedade de gêneros que se mesclam, criando uma nova forma de contar e de expor a paisagem local. Por isso Serejo é um escritor desobediente, uma vez que sua estética descolonial está fora dos padrões modernos e universais:

As estéticas descoloniais desobedecem a este jogo (desobediência estética e desobediência epistêmica). Isto é, desobediência às regras do fazer artístico e às regras de busca de sentido no mesmo universo em que tanto as obras quanto a filosofia respondem aos mesmos princípios.<sup>259</sup>

Ao descrever as marcas e cores locais, Serejo está desobedecendo às teorias e lugares que são retratados pela literatura, cultura e epistemologia que provém de fora, dos grandes eixos.

---

<sup>259</sup> “Las estéticas decoloniales desobedecen a este juego (desobediência estética y desobediencia epistémica). Esto es, desobediencia a las reglas del hacer artístico y a las reglas de la búsqueda de sentido en el mismo universo en el que tanto las obras como la filosofía responden a los mismos principios”. (MIGNOLO; GOMEZ. Estéticas decoloniales, p. 09). (Tradução livre).

O urbanismo tão comum na literatura brasileira é deixado de lado para que haja a emergência da paisagem local e, com isso, a descrição do homem que é habitado por este lócus fronteiro e vermelho, onde o sol se põe.

Por isso Hélio Serejo sempre colocou marcas fronteiriças em seu texto, seja ao descrever a paisagem, os costumes dos sujeitos da fronteira, ou mesmo as questões linguísticas, como o bilinguajamento, que é evidenciado na seção “Vocabulário dos ervais”, de *Balaio de Bugre*:

MBUREÁ – Gritar enquanto trabalha, fazer grande ruído. Quando o mineiro [homem que trabalha nos ervais] *mbureia*, na tarde silente, dizem que CAÁ-YARI, espírito feminino, protetor dos erveiros, está ali por perto vigiando o mineiro *mbureador*.  
O *mbureio* é, também, cântico de confiança e esperança em duas melhores.<sup>260</sup>

*Mbureá* também poderia ser o título desta seção, pois o xucro, o bugre e o crioulo *mbureiam* suas próprias histórias locais. É de maneira bugresca que Hélio Serejo escreve *Balaio de Bugre*, ao (re)contar as memórias da fronteira, retratar as paisagens *puitãs* e contar um pouco daquilo que aprendeu em suas passagens como andariego da fronteira.

Eu vou *mbureá* a respeito de uma estética bugresca e sua relação com a paisagem. A palavra “bugre”, bem como suas flexões, tem sido tratada de maneira polêmica em razão de terem-lhe atribuído sentido pejorativos.

Edgar Nolasco já trabalha essa questão na primeira edição dos *Cadernos de Estudos Culturais* ao fazer uma leitura crítica da produção cultural da artista plástica indígena Conceição dos Bugres e de um artigo jornalístico<sup>261</sup>, intitulado “Nós, os índios não somos bugres!”, do advogado também indígena Wilson Matos da Silva.

---

<sup>260</sup> SEREJO. “Vocabulário dos ervais”. *Balaio de bugre*, p. 60.

<sup>261</sup> Conforme exposto por Nolasco, o artigo foi publicado no jornal *O progresso*, em 06 de janeiro de 2009.

Assim, para Nolasco, a polêmica é gerada conforme o sujeito ou instituição que emprega a palavra:

Não veríamos tanto problema se a alcunha de “bugres” para as suas esculturas tivesse partido da própria Conceição dos “bugres”, principalmente porque ela fala de um lugar subalterno específico dentro do contexto da cultura da sociedade hegemônica, branca e letrada. Agora se tal denominação, que é sempre pejorativa, tivesse partido, por exemplo, da crítica ou até mesmo de alguma instituição do Estado, avultar-se-ia em tal rubrica uma peja totalmente negativa, culturalmente falando, na produção artístico-cultural da escultora.<sup>262</sup>

De maneira correlata, ao evidenciar o lado pejorativo da palavra, mas também de erigir uma estética bugresca que caracteriza parte da produção local, Marcos Antônio de Oliveira indica duas noções do que ele mesmo nomeia de estéticas bugrescas:

São duas as noções que tenho do que chamo de estética bugresca. Bem como também são duas o que entendo por paisagem artística, ao me referir às produções (artística e crítica) do lócus Mato Grosso do Sul: no caso da estética bugresca, uma noção tem sentido pejorativo e pré-conceituoso porque relaciona as produções em arte desse lócus cultural com índios, pobres, clandestinidade, marginalidade, periférico, descentralizado e não-universal, também com sentidos pejorativos e pré-conceituosos. A segunda noção dessa estética que nomino de bugresca considera tudo isso, mas desvincula o poder público do Estado como único promotor da produção artística e crítica local. Portanto, neste segundo caso, o discurso validador do Estado é destituído desse poder.

O preconceito e o sentido pejorativo atribuído à palavra “bugre”, no entender de Oliveira, faz com que seja necessário “[...] (re)mapear uma *outra* epistemologia crítica. Neste caso, uma estética bugresca pensada a partir de e de quem se pode nominar de bugre, com o sentido de sujeito nômade levando à exaustão a etimologia da palavra”<sup>263</sup>.

Esse (re)mapeamento, segundo Oliveira, deve-se principalmente “[...] porque esse lócus situa-se numa tríplice fronteira internacional, e em um quádruplo de limites nacionais.”<sup>264</sup> Isso evidencia que o lócus, cada vez mais, tem grande relevância quando se trata da (revisão) da produção de conhecimento feito na e a partir da

<sup>262</sup> NOLASCO. “Bugres subalternus”, p. 12.

<sup>263</sup> OLIVEIRA. *Paisagens biográficas pós-coloniais*, p. 60.

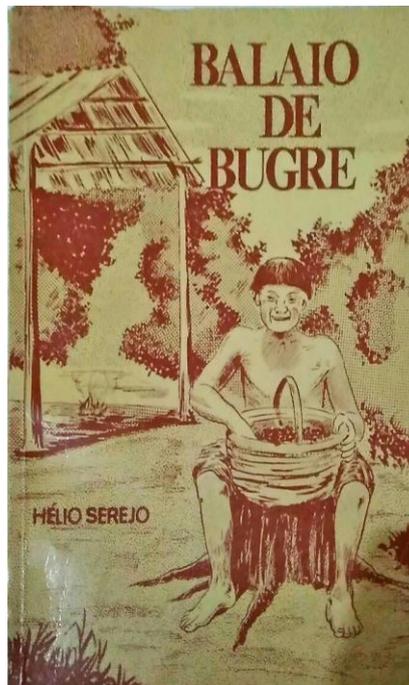
<sup>264</sup> OLIVEIRA. *Paisagens biográficas pós-coloniais*, p. 60.

fronteira, por isso Oliveira questiona: “[...] por que não dizer também que há na produção nacional uma estética bugresca sem sentido pejorativo?”<sup>265</sup> Como uma das respostas, o autor esclarece acerca das estéticas bugrescas:

Assim, a articulação teórico-crítica que articulo para pensar nessa estética bugresca como repertório teórico-crítico para “ler” essas produções locais é fomentada por diferentes discursos teóricos. Tanto discursos artísticos quanto críticos, que indagam os estigmas estéticos, estilísticos e históricos disciplinares tradicionais para não repetir as leituras hegemônicas e classificatórias já realizadas.<sup>266</sup>

Os discursos de Hélio Serejo, autor xucro, do crioulismo e fronteiro, indagam os “estigmas estéticos, estilísticos e históricos” por narrar as memórias e histórias locais da fronteira, como é o caso do livro *Balaio de Bugre*, que desobedece aos gêneros textuais, ao trazer uma diversidade de textos em prosa, crônicas, contos, poemas, causos e até um vocabulário dos ervais.

A capa do livro, cujo desenho é também de José Flávio Lemos Fontão, é uma das mais emblemáticas da obra de Serejo por retratar a paisagem ervateira e o sujeito, o indígena, que trabalha e vive dela:



<sup>265</sup> OLIVEIRA. *Paisagens biográficas pós-coloniais*, p. 62.

<sup>266</sup> OLIVEIRA. *Paisagens biográficas pós-coloniais*, p. 63.

Imagem 05: Capa de *Balaio de Bugre*. Arte de José Flávio Lemos Fontão.  
 Fonte: FONTÃO. *Balaio de Bugre*, capa.

O indígena da capa está *mbureando* (gritando ou cantando por dias melhores?), ao mesmo tempo em que quase se funde aos campos ervais atrás de si. À esquerda, certamente, o barbaquá à espera da erva para o trabalho e as entidades protetoras dos campos ervais e dos trabalhadores que dela sobrevivem e que são habitados por ela. É como se Serejo estivesse naquela “peregrinação peripiciosa” com seu pai pelo então Mato Grosso, hoje Mato Grosso do Sul, e captasse com olhos xucros o índio com seu balaio, um balaio de bugre.

É dessa forma que o autor produz a sua estética xucra, crioula, que também é uma estética bugresca, pois conforme ele mesmo afirma: “Assim sendo, muito bem, fica-lhe o título [de *Balaio de Bugre*]. Está de acordo com o seu conteúdo. Muito de acordo mesmo. E por acaso, não é o autor, bugre, também? Bugre legítimo com arremedos de homem civilizado!”<sup>267</sup>

Muito e bugre e pouco de civilizado, revela que o autor sul-mato-grossense se empenhou mais em narrar – e exumar – as memórias e histórias da fronteira do que se fixar em uma epistemologia moderna advinda dos grandes centros produtores de um conhecimento. Hélio Serejo desobedece à consciência civilizadora que está entranhada na epistemologia moderna ao optar por uma estética bugresca, em que o balaio que dá título ao seu livro, serve como signo emblemático da diversalidade da cultura e do conhecimento fronteiriços.

Muito de bugre e pouco de civilizado evidencia a consciência mestiça do escritor xucro. Mignolo, em “Desobediência epistêmica”, indica que: “A consciência mestiça é um conceito filosófico aberto ao pluri-versal<sup>268</sup>, isto é, aberto à diversalidade de formas de se pensar e de se viver, não apenas de algumas

<sup>267</sup> SEREJO. *Balaio de Bugre*, p. 06.

<sup>268</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 303.

peças em um lugar específico, mas de todos os seres humanos em todos os lugares com todas as suas diversidades culturais e de pensamento. A “consciência mestiça” é um conceito da pensadora chicana Gloria Anzaldúa, que também vivenciou a fronteira no corpo:

Comecei a pensar: “Sim, sou chicana, mas isso não define quem eu sou. Sim, sou mulher, mas isso também não me define. Sim, sou lésbica, mas isso não define tudo que sou. Sim, venho da classe proletária, mas não sou mais da classe proletária. Sim, venho de uma mestiçagem, mas quais são as partes dessa mestiçagem que se tornam privilegiadas? Só a parte espanhola, não a indígena ou negra.” Comecei a pensar em termos de consciência mestiça. **O que acontece com gente como eu que está ali no entre-lugar de todas essas categorias diferentes?** O que é que isso faz com nossos conceitos de nacionalismo, de raça, de etnia, e mesmo de gênero? Eu estava tentando articular e criar uma teoria de existência nas fronteiras. [...] Eu precisava, por conta própria, achar algum outro termo que pudesse descrever um nacionalismo mais poroso, aberto a outras categorias de identidade.<sup>269</sup>

Esse entre-lugar percebido e vivenciado pela escritora chicana é também a condição na qual Hélio Serejo foi posto ao viver na fronteira, lugar subalternizado pela cultura e epistemologia que vinha, em geral, de São Paulo e do Rio de Janeiro, enquanto as memórias e histórias locais do Mato Grosso do Sul eram, cada vez mais, encobertas e silenciadas.

“O que acontece com gente como eu que está ali no entre-lugar de todas essas categorias diferentes?” é a pergunta feita por Anzaldúa. Também Hélio Serejo vivenciou outras condições durante suas viagens fronteiriças que não a sua: “Hoje aqui, amanhã ali, íamos rompendo o sertão, tangidos pelo vento cruel de um destino sempre ingrato... Pernoitamos, muitas vezes, à margem de um arroio, no arranchamento de bugres foragidos de uma aldeia. A noite [...] conversávamos.”<sup>270</sup>

A condição de fronteira é que faz do homem um sujeito imbuído do pensamento fronteiriço. Hélio Serejo tinha esse pensamento porque sua consciência

<sup>269</sup> ANZALDÚA *apud* COSTA; ÁVILA. Gloria Anzaldúa, a consciência mestiça e o 'feminismo da diferença', p. 691. (Grifos meus).

<sup>270</sup> SEREJO. *Balaio de bugre*, p. 05.

era mestiça, aberta ao plural, ao pluriversal, ele vivenciava as diferentes paisagens descoloniais, crioulas e bugrescas. Nesse sentido, Nolasco indica:

Um local epistemológico específico dessa crítica selvagem que, se, por um lado, opõe-se à crítica pensada nos grandes eixos do país e do mundo, por outro lado, articula-se “a partir da situação na qual foram colocados” ou se encontram os sujeitos que vivem na condição de fronteira, como o brasiguaió, o ervateiro, o pantaneiro, o indígena etc. **Mas apenas isso não basta: é preciso que o crítico tenha uma “consciência mestiça” (Anzaldúa), uma consciência de homem-fronteira, de “liminalidade” (Mignolo).**<sup>271</sup>

Serejo vivenciava a fronteira em suas experiências mais específicas e plurais mas tinha uma consciência mestiça da qual lhe proporcionou escrever, fazer uma teorização bárbara, de tudo aquilo que ficou desenhado em seu *bios*. A poesia xucra e crioula serejoana é pautada pela noção de “teorização bárbara”, que é exatamente aquele conhecimento que é produzido a partir da condição em que vive o sujeito subalterno e em um determinado lócus periférico, como é o caso de Serejo. É nesse sentido que Edgar Nolasco vai dizer que:

Com base nessa consciência bárbara e selvagem, compete à crítica *fronteriza* desreprimir tudo o que foi imposto à revelia pela crítica moderna dos centros, recheada de intenção civilizadora, educadora e detentora de uma lição/missão salvífica.<sup>272</sup>

A paisagem que Serejo traz no conteúdo de suas narrativas (biolocais) e nas capas de alguns de seus livros, evidenciam aquilo que Marcos de Oliveira falou a respeito de indagar e questionar os discursos hegemônicos, modernos. Serejo faz exatamente isso ao escrever sobre a saga dos ervais. Essa paisagem quase mítica, por envolver diferentes etnias, crenças e misturas, pode ser considerada com aquilo que Walter Mignolo chamou de “um paradigma outro”:

“Um paradigma outro” é, em última instância, o pensamento crítico e utópico que se articula em todos aqueles lugares nos quais a extensão imperial/colonial lhe negou a possibilidade de razão, de pensamento e de pensar o futuro. É “um paradigma outro” em última instância porque não pode reduzir-se a um “paradigma mestre”, a um “paradigma novo”, que se autoapresenta como a nova verdade. A hegemonia de um paradigma outro

<sup>271</sup> NOLASCO. *Perto do coração selbage da crítica fronteriza*, p. 70-71.

<sup>272</sup> NOLASCO. *Perto do coração selbage da crítica fronteriza*, p. 71.

será utópicamente a hegemonia da diversalidade, isto é, da diversidade como projeto universal e não como um “novo universal abstrato”.<sup>273</sup>

Um paradigma outro porque traz no seu bojo uma diversalidade (diversidade) que desobedece as teorias e a crítica que vem de fora da fronteira e também por exumar as histórias locais que foram subalternizadas pela epistemologia e pela estética moderna.

A obra de Serejo só obedeceu às paisagens vistas por ele em sua peregrinação descolonial pelo estado de Mato Grosso do Sul. E por obedecer ao lócus fronteiro com suas especificidades multifacetadas é que se torna diversa e não quer ser a epistemologia, mas uma epistemologia outra que vem no sentido contrário às teorias dos centros que se recebia passivamente aqui.

Desse modo, a diversalidade, que em Hélio Serejo é evidenciada, sobretudo, pelo balaio de bugre, pois é uma das formas de continuar a desobediência epistêmica: “A diversidade como projeto universal (ou a diversalidade, na formulação de Glissant [1981]) é a entrada para o futuro, e a ‘diversalidade’ requer uma nova epistemologia liminar.”<sup>274</sup>

A paisagem biográfica forma e transforma o sujeito que vive, por isso a paisagem tem um papel decisivo nas vidas (*bios*) dos sujeitos fronteiriços. A paisagem biográfica molda a vida mas também deixa a história desses sujeitos marcadas em sua pele, como uma marca indelével:

Compete a uma paisagem biográfica do local (periférico) amalgamar a política e as sensibilidades do local geostórico, além de emoldurar em seu próprio corpo as perdas e desejos dos sujeitos imbricados a condição de

---

<sup>273</sup> 1 “El “paradigma otro” es, en última instancia, el pensamiento crítico y utopístico que se articula en todos aquellos lugares en los cuales la expansión imperial/colonial le negó la posibilidad de razón, de pensamiento y de pensar el futuro. Es “paradigma otro” en última instancia porque ya no puede reducirse a un “paradigma maestro”, e um “paradigma nuevo” que se autopresente como la “nueva” verdad. La hegemonía de “un paradigma otro” será, utopísticamente, la hegemonia de la diversalidad, esto es, “de la diversidad como proyecto universal” y no ya un “nuevo universal abstracta””. (MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana “Un paradigma otro”: colonialidad global, pensamiento fronterizo y cosmopolitismo crítico, p. 20). (Tradução minha).

<sup>274</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/ Projetos globais*, p. 370.

fronteiridade. É exatamente por isso que uma paisagem, qualquer paisagem, apresenta-se sempre como um local de reflexão teórica por excelência.<sup>275</sup>

As paisagens biográficas do local – a fronteira-sul – também formam o *bios* dos sujeitos que vivem ali. As paisagens se manifestam de diferentes maneiras, haja vista que a diversidade que um único local proporciona. Para aqueles que pensam da e a partir da fronteira, como Serejo o fez, a paisagem se torna múltipla e os sujeitos que nela habitam demonstram variadas formas de se produzir conhecimento e cultura.

Assim ocorre com as paisagens das invernadas onde os campeiros trabalham arduamente, ou os campos ervais, lugar de onde trabalham os bugres e gente simples, e de onde sempre há o *mbureá*, grito e canto ao mesmo tempo, tal como a poesia xucra, crioula e fronteiriça de Hélio Serejo.

Dessa forma, este capítulo foi escrito por meio da consciência que tive em relação ao lugar do qual falo e erijo minha teorização crítica, além de intentar perceber como Hélio Serejo (re)conta a paisagem sul-mato-grossense. Pude evidenciar, assim, que o escritor faz uma descrição minuciosa das diferentes paisagens do nosso Estado, retratando também o homem que aqui vive, como o campeiro, que faz parte de minha história pessoal. Nesse sentido, é indissociável o lugar e o homem que nele vive.

Apreendi também, desaprendendo, que o pensamento fronteiriço é o único capaz de exumar as histórias locais de Mato Grosso do Sul (re)contadas pelo escritor fronteiriço. Exumar é dar uma oportunidade outra de contar, ou de dar uma nova versão da história que tem sido usurpada por um único saber, o da modernidade.

---

<sup>275</sup> NOLASCO. *Perto do coração selbage da crítica fronteriza*, p. 105.

Mais uma vez Serejo contribui para que as histórias, e dentro dela a paisagem, da nossa fronteira seja colocada em primeiro plano ao lado da “história oficial” como forma de mostrar a diversidade de saberes, sobretudo a história daqueles que vivem uma condição subalterna e fora do eixo.

Em um terceiro momento, trouxe para o debate algo inédito no que se refere à fortuna crítica de Hélio Serejo: um estudo sobre as ilustrações que figuram as capas de alguns livros do escritor enquanto uma forma de estética descolonial, isto é, que se produziu uma estética outra, baseada na fronteira, e que também retratam e descrevem as paisagens da nossa fronteira.

Assim, neste capítulo, pude evidenciar como a paisagem de Mato Grosso do Sul, estado em cujas fronteiras se voltam para dentro e para fora, constitui os sujeitos que vivem aqui, pois são atravessados por ela. As paisagens fronteiriças, então, formam e transformam o que somos.

**CONCLUSÃO –  
BUSCANDO BALAIOS OUTROS**

TUDO ISTO É MINHA TERRA!

SEREJO. *Versos da madrugada*, p. 31.

Na introdução desta dissertação, eu abri o “balaio de bugre” serejoano a fim de fazer uma teorização outra e fronteira sobre a obra e sobre o *bios* de Serejo. Nesse sentido, como se trata de um “balaio” epistêmico fronteira, não há como fechá-lo, pois, uma vez que se acaba de exumar as histórias locais contidas na obra do autor xucro e crioulo, não há como reprimi-las outra vez.

Essa característica de fazer emergir um conhecimento local e fronteira foi abordada no Capítulo I deste trabalho. Lá, eu investiguei como ocorre o pensamento fronteira em meu locus de enunciação e como esse pensamento atravessa toda a produção cultural de Hélio Serejo.

A ideia primordial desenvolvida foi a noção de fronteira, que acarreta outras ideias as quais evidenciei na obra de Serejo, sempre fazendo relações com dados biográficos dele. Assim, a diferença colonial foi uma noção importante para o trabalho, pois a partir dela pude compreender que o pensamento fronteira presente na produção de Serejo provinha de tal noção, uma vez que o pensamento fronteira irrompe dali.

No Capítulo II, priorizei o estudo do crioulisto. Essa noção está presente em toda a obra do escritor, e é a partir dela que se pode compreender a diversidade dos escritos de Serejo, já que o crioulisto encampa uma série de histórias e memórias locais que devem ser evidenciadas.

Isso remete ao arquivo do escritor, o qual eu retirei do “balaio de bugre”. Fiz o papel de arconte e desarquivei uma parte da história local do estado de Mato Grosso do Sul que estava soterrada pela modernidade.

Já no Capítulo III, trabalhei a ideia de paisagem. Para isso, busquei em Serejo as imagens e paisagens que começaram a figurar em minha mente desde a infância, de quando vivi no campo com meu pai. Nesse momento, lembrei-me da relação de

Serejo com seu próprio pai, uma relação que proporcionou a ele retratar as variadas paisagens da fronteira-sul em seus escritos.

Essa paisagem diversa também estava exposta nas capas de alguns de seus livros, tal como o retrato dos ervais, do campo e dos barbaquás, por exemplo. Essas imagens que constituem na paisagem do Estado e as quais descolonizam a unidade e a pureza da modernidade.

Assim, eu pude compreender que as paisagens retratadas por Serejo, e aquelas estampadas em seus livros, formavam uma estética descolonial, em face de outras estéticas hegemônicas, pois (re)contavam a partir de um pensamento fronteiriço.

Dessa forma, a obra e o *bios* do escritor Hélio Serejo não só auxiliam a compreender as histórias locais da fronteira-sul, mas também fazem com que essas histórias e memórias locais exumadas não figurem como aquela única História contada pela modernidade. É por isso que sempre estarei buscando balaios outros.

## Referências

### A. Referências de Hélio Serejo

SEREJO, Hélio. *7 Contos e uma Potoca*. São Paulo: Presidente Venceslau. 1978.

SEREJO, Hélio. *Balaio de Bugre*. São Paulo: Presidente Venceslau. (sd)

SEREJO, Hélio. *Campeiro da Minha Terra*. São Paulo: Vaner Bicego. 1978.

SEREJO, Helio. *Contos Crioulos*. Campo Grande: Editora UFMS, 1998.

SEREJO. *Zé Fornoalha*. São Paulo: Presidente Venceslau. (sd).

SEREJO, Hélio. *Obras completas de Hélio Serejo*. Sistematização, revisão e projeto final de H. Campestrini. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul / Editora Gibim, 2008, 9 volumes.

SEREJO, Hélio. *Ronda do Entardecer*. 1995.

SEREJO. Hélio. *Contas do meu rosário*. São Paulo: Presidente Venceslau. (sd).

SEREJO. Hélio. *Versos da madrugada*. São Paulo: Presidente Venceslau. (sd).

### B. Referências Gerais

ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem Boca: Escritos efêmeros sobre Arte, Cultura e Literatura*. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2006.

ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.

BARBOSA, Ana Maria dos Anjos Martins. *Manoel de Barros: ethos e oralidade no chão do Pantanal*. 2010. 197 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados - MS, 2010.

BARZOTTO, Leoné Astride; PACHECO, Mara Regina. *Memória e representação da fronteira Brasil / Paraguai*. *Acta Scientiarum. Language and Culture*, Maringá, v. 35, n. 1, p. 25-31, Jan./Mar., 2013.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. *Biogeografias ocidentais/orientais: (i)migrações do bios e das epistemologias artísticas no front*. In: CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS, Campo Grande, MS, v. 8, p. 97-144, jan./jun. 2016.

CARDOSO, Eduavison Pacheco. *AMAVIOS, AMÂNCIAS E AMAVISSSES: exercícios de crítica biográfica fronteiriça sobre Hilda Hilst*. 2016. 215 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande - MS, 2016.

CARDOSO-FERREIRA, Rafael; NOLASCO, Edgar César Nolasco. Hélio Serejo: um escritor nas margens oeste do Brasil do Brasil. In: NOLASCO, Edgar César; BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antonio (Orgs.). *A reinvenção do arquivo da memória cultural da América Latina*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. p. 119-124.

CARVALHAL, Tânia Franco. *O próprio e o alheio: ensaios de literatura comparada*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.

CORACINI, Maria José. R. F. A Memória em Derrida: uma questão de arquivo e de sobre-vida. In: Cadernos de estudos culturais, Campo Grande, MS, v. 1, p. 141-154, jul./dez. 2010.

COSTA, Claudia de Lima; ÁVILA, Eliana. Gloria Anzaldúa, a consciência mestiça e o 'feminismo da diferença'. In: Estudos feministas. Florianópolis, 2005. 691-703.

COSTA. Edgar Aparecido da. OS BOLIVIANOS EM CORUMBÁ-MS: construção cultural, multitemporal e multidimensional na fronteira. In: CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS, Campo Grande, MS, v. 4, p. 17-33, jan./jun. 2012.

DERRIDA, Jacques. *Mal de Arquivo: uma impressão freudiana*. Jacques Derrida; tradução, Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2011.

FONTÃO, José Flávio Lemos. Desenho da capa de *Contas do meu rosário*. Presidente Venceslau.

\_\_\_\_\_. *Balaio de Bugre*. Desenho da capa de *Balaio de Bugre*.

FRANÇA, Júlia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. Colaboração de Maria Helena de Andrade Magalhães, Stella Maris Borges. 8 ed. rev. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

GOTHCHALK, Joana D'arc. Guimarães Rosa: narrativas híbridas (Cipango, Entremeio com o vaqueiro Mariano e Sanga Puytã). 2009. 147 f. Dissertação

(Mestrado em Estudos de Linguagens). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande - MS, 2009.

GUERRA, Vânia Maria Lescano. *O indígena de Mato Grosso do Sul: práticas identitárias e culturais*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Org. Liv Sovik. Tradução: Adelaide Resende et al. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. *A mobilidade das fronteiras: inserções da geografia na crise da modernidade*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

IBANHES, Maria de Lourdes Gonçalves. *Silvino Jacques: entre fronteiras reais e imaginadas*. 2008. 146 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Três Lagoas - MS, 2008.

KLINGER, Diana Irene. *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica: bernardo Carvalho, Fernando vallejo, Washinton Cucurto, João Gilberto Noll, César Aira, Silviano Santiago*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

LOPES, Denilson. "O Sublime no Banal". 2004. Disponível em: [https://www.academia.edu/4950246/O\\_Sublime\\_no\\_Banal](https://www.academia.edu/4950246/O_Sublime_no_Banal) Acesso em: 21 de outubro de 2016.

\_\_\_\_\_. Notas sobre crítica e paisagens transculturais. In: *CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: crítica contemporânea*. v. 1. n. 3. Campo Grande: Editora UFMS, 2010. p. 23-32.

\_\_\_\_\_. *A delicadeza: estética, experiência e paisagens*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.

MIGNOLO, Walter. *Desobediência epistêmica: A opção descolonial e o significado de identidade em política*. In: *Cadernos de Letras da UFF*. Niteroi, n. 34. 2008. p. 287-324.

\_\_\_\_\_. *Histórias locais/ projetos globais: colonialidade, saberes e pensamento liminar*. Trad. de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

\_\_\_\_\_. Prefacio a la edición castellana "Un paradigma otro": colonialidad global, pensamiento fronterizo y cosmopolitismo crítico. In: *Historias locales/ Diseños globales: Colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo*. Madrid: Ediciones AKAL, 2003.

MIGNOLO, Walter; GÓMEZ, Pedro Pablo. *Estéticas decoloniales*. Pedro Pablo Gómez, Walter Mignolo. Bogotá: Universidad Distrital Francisco José de Caldas, 2012.

NOLASCO, Edgar C. *Pântano*. São Paulo: Intermeios, 2014.

\_\_\_\_\_. *Perto do coração selbage da crítica fronteriza*. São Carlos: Pedro e João Editores. 2014.

\_\_\_\_\_. Os Condenados da Fronteira. 2015. In: Michel Foucault: entre o passado e o presente, 30 anos de (des)locamentos. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

\_\_\_\_\_. Babelocal: para uma conceituação na tríplice fronteira (Brasil/Paraguai/Bolívia). In: NOLASCO, Edgar César; BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antonio (Orgs.). *A reinvenção do arquivo da memória cultural da América Latina*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. p. 57-64.

\_\_\_\_\_. Bugres subalternus. In: *CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: estudos culturais*. N 1. Vol 1. Campo Grande: Editora UFMS, 2009.

NOLASCO, Edgar César; BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. *A Reinvenção do Arquivo Cultural da América Latina*. São Carlos: Editora Pedro & João Editores, 2010.

NOLASCO, Edgar César. O que é, afinal, cultura local? In: *Arte, Cultura e Literatura em Mato grosso do Sul: por uma conceituação da identidade local*. Campo Grande: Life Editora, 2011.

OLIVEIRA, Marta Francisco de. Espaços das Subjetividades Contemporâneas: o novo território das biografias – Resenha do livro *O espaço biográfico*, de Leonor Arfuch. In: *CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: Crítica Biográfica*. v. 2, n. 4, Campo Grande: Editora UFMS, 2010. p. 173-181.

OLIVEIRA, Marcos Antônio de. *Paisagens biográficas pós-coloniais: retratos da cultura sul-mato-grossense*. 2014. 265f. Tese (Doutorado em Artes Visuais). Instituto de Artes. Universidade Estadual de Campinas. 2014.

ORTEGA, Francisco. *Genealogias da Amizade*. São Paulo: Iluminuras, 2002.

\_\_\_\_\_. *Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

PALERMO, Zulma. . Desobediencia epistémica y opción decolonía. In: *CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: pós-colonialidade*. v. 5. n. 9. Campo Grande: Editora UFMS, 2013. p. 237-254.

RIBAS, Borba. Orelha de *Contas do meu rosário*. Presidente Venceslau, sd.

SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula. (Org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco. Regionalismo e Literatura Sul-mato-grossense na fronteira Brasil-Paraguai. *Teresina, Piauí*, n. 5, abril./ maio./ junho, 2010.

SILVA, Serley dos Santos e. *Hélio Serejo: as faces da memória no universo do poeta ervateiro*. 144 p. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2011.

SANTIAGO, Silvano. "Meditação do ofício de criar". *Z Cultural: Revista do Programa Avançado de Cultura Contemporânea*. Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/meditacao-sobre-o-oficio-de-criar-de-silvano-santiago-2/> Acesso em: 25 de setembro de 2015.

\_\_\_\_\_. Apesar de dependente, universal. In: *Vale quanto pesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. p. 13-24.

SOUZA, Eneida Maria de. *Janelas indiscretas: ensaios da crítica biográfica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

\_\_\_\_\_. Crítica biográfica, ainda. In: *CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: crítica biográfica*. v. 1. n. 4. Campo Grande: Editora UFMS, 2010. p. 59-66.

\_\_\_\_\_. *Crítica cult*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

SOUZA, Eneida Maria de. Crítica genética e crítica biográfica. In: *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 45, n. 4, p. 25-29.